UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SAMINE DE ALMEIDA BENFICA

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES DA ÁREA RURAL E DA ÁREA URBANA DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA
2024

SAMINE DE ALMEIDA BENFICA

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES DA ÁREA RURAL E DA ÁREA URBANA DO ESPÍRITO SANTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de doutora.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA
2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

B456a

Benfica, Samine de Almeida, 1992-
Atitudes linguísticas de falantes da área rural e da área urbana do Espírito Santo / Samine de Almeida Benfica. - 2024.
156 f.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Língua Portuguesa - Concordâncias. I. Scherre, Maria Marta Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Programa de Pós-Graduação em Linguística
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

SAMINE DE ALMEIDA BENFICA

Atitudes linguísticas de falantes da área rural e da área urbana do Espírito Santo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 07 de junho de 2024.

Comissão Examinadora:

Profª Drª Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Orientadora e Presidente da Banca

Profª Drª Raquel Gomes Chaves (UFES)
Examinadora Interna

Profª Drª Leila Maria Tesch (UFES)
Examinadora Interna

Profª Drª Livia Oushiro (Unicamp)
Examinadora Externa

Profª. Drª. Hebe Macedo de Carvalho (UFC)
Examinadora Externa

Prof. Dr. Anderson Ferreira (IFBA)
Examinador Externo

Documento assinado eletronicamente nos moldes do art. 10 da MP 2200/01 e Lei 14063/20
[Hash SHA256] f3e62dcbcf0fa07ce51ca5103df432c255f255b9643eb379b3d6d394c09715c0

Datas e horários baseados em Brasília, Brasil
Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON) em 27/06/2024 às 15:45:47

Ficha Samine Benfica PPGEL

Data e Hora de Criação: 10/06/2024 às 11:27:58

Documentos que originaram esse envelope:
- Ficha Samine Benfica.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)

Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: f3e62dcbcf0f8d7ce51ca51030f432c256f255b9643eb379f3d6d394c09715cd
[SHA512]: 38522f31c6b64a8a1522d036634a5b5f0cc0e1546e1a13281b627c48fd69c86d240639ace2adb12cec9376d781ad1ead9ea68cdec2d2be44c427c8370bf14cd1

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope

ASSINADO - Anderson Ferreira (andersonferreirasp94@gmail.com)
Data/Hora: 10/06/2024 - 11:44:02, IP: 168.205.37.221, Geolocalização: [-9.4249713, -40.486875]
[SHA256]: 97f8e039070b131bcca017ebf9edc3a705236224997ffcc5cdcbeba9fd9d5b48

ASSINADO - Raquel Gomes Chaves (chavesraquelgomes@gmail.com)
Data/Hora: 11/06/2024 - 10:41:13, IP: 177.97.124.186, Geolocalização: [-20.276693, -40.294627]
[SHA256]: 85386c3d1fda0ecfeec476ea1f7953415d3ef6fc6e2a8f504d925c929d1e3207

ASSINADO - Hebe Macedo de Carvalho (hebemacedo@hotmail.com)
Data/Hora: 27/06/2024 - 15:45:47, IP: 187.18.141.99, Geolocalização: [-3.7335443, -38.505434]
[SHA256]: 00dcb3a32b3bce12b2347c7e2a50913300bc04b9de05ad0b12f50030f9d37109

ASSINADO - Leira Maria Tesch (leilatesch@gmail.com)
Data/Hora: 10/06/2024 - 13:49:34, IP: 177.91.200.171, Geolocalização: [-20.354786, -40.696076]
[SHA256]: 21a5593e0c41b77981ba6ab3e9c0c8fadb865f4c0ea62d394f0ceb0c574d199f

ASSINADO - Maria Marta Pereira Scherre (mscherre@gmail.com)
Data/Hora: 10/06/2024 - 13:13:43, IP: 177.157.107.244, Geolocalização: [-20.335820, -40.278425]
[SHA256]: f1852c6b429f1078dded59e9ec494ae63e7687d3c341fa612ebe5f954803d0d1

ASSINADO - Livia Oushiro (oushiro@unicamp.br)
Data/Hora: 10/06/2024 - 12:49:44, IP: 179.209.44.185, Geolocalização: [-23.544201, -46.693445]
[SHA256]: bcebe8ae7500bbab1f70198703cd1e17404392522560b66004f5c50f399c24d1

Histórico de eventos registrados neste envelope

27/06/2024 15:45:47 - Envelope finalizado por hebemacedo@hotmail.com, IP 187.18.141.99
27/06/2024 15:45:47 - Assinatura realizada por hebemacedo@hotmail.com, IP 187.18.141.99
11/06/2024 10:41:13 - Assinatura realizada por chavesraquelgomes@gmail.com, IP 177.97.124.186
11/06/2024 10:41:10 - Envelope visualizado por chavesraquelgomes@gmail.com, IP 177.97.124.186
11/06/2024 10:41:10 - Envelope visualizado por chavesraquelgomes@gmail.com, IP 177.97.124.186
10/06/2024 13:49:34 - Assinatura realizada por leilatesch@gmail.com, IP 177.91.200.171
10/06/2024 13:49:17 - Envelope visualizado por leilatesch@gmail.com, IP 177.91.200.171
10/06/2024 13:13:43 - Assinatura realizada por mscherre@gmail.com, IP 177.157.107.244
10/06/2024 13:09:29 - Envelope visualizado por mscherre@gmail.com, IP 177.157.107.244
10/06/2024 12:49:44 - Assinatura realizada por oushiro@unicamp.br, IP 179.209.44.185
10/06/2024 12:49:32 - Envelope visualizado por oushiro@unicamp.br, IP 179.209.44.185
10/06/2024 11:44:02 - Assinatura realizada por andersonferreirasp94@gmail.com, IP 168.205.37.221
10/06/2024 11:43:32 - Envelope visualizado por andersonferreirasp94@gmail.com, IP 168.205.37.221
10/06/2024 11:28:19 - Envelope registrado na Blockchain por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.106
10/06/2024 11:28:19 - Envelope encaminhado para assinaturas por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.106
10/06/2024 11:27:58 - Envelope criado por vinicius.machado@ufes.br, IP 200.137.65.106

Documento em conformidade com o padrão de assinatura digital ICP-Brasil e validado de acordo com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação

Os registros de assinatura presentes nesse documento pertencem única e exclusivamente a esse envelope.
Documento final gerado e certificado por **Universidade Federal do Espírito Santo**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que sonharam comigo a realização e a conclusão deste doutorado. Nunca duvidei da minha potência, pois houve quem sempre acreditasse e apostasse as fichas em mim. Obrigada!

À Marta Scherre, por ser a principal responsável pela minha formação enquanto pesquisadora, acompanhando-me desde o início da minha trajetória acadêmica, na iniciação científica, com uma orientação sempre atenciosa, dedicada e respeitosa. Sinto-me privilegiada e feliz por tê-la tido como orientadora.

Aos membros da banca de qualificação Leila Maria Tesch, Livia Oushiro e Hebe Macedo de Carvalho, por suas generosas contribuições, as quais foram acolhidas e acabaram por conceber uma nova e mais madura feição a esta tese.

Aos membros da banca de defesa, Leila Maria Tesch, Raquel Chaves Gomes, Livia Oushiro, Hebe Macedo de Carvalho, Shirley Eliany Rocha Mattos e Anderson Ferreira, pela resposta pronta e gentil ao convite de participação. Agradeço por suas contribuições e pelas discussões.

Às minhas amigas e aos meus amigos, que estiveram ao meu lado ao longo do curso de doutorado, fosse para me estimular a seguir firme, fosse para viver os imprescindíveis momentos de distração e de descanso.

A Larissa Viana, pelo apoio com a transcrição e organização das entrevistas que fundamentaram esta tese.

Ao Frederico Pitanga, pela cuidadosa revisão da redação desta tese.

Aos vários colegas que mediaram o contato com os participantes dessa pesquisa, tanto em Vitória quanto em Santa Leopoldina.

A Shirlei Schaeffer, pelo apoio com a realização de algumas entrevistas, e por sua cooperação e compreensão enquanto amiga de trabalho e de área de atuação.

Aos próprios participantes dessa pesquisa, que gentilmente cederam seu tempo para as entrevistas e abriram as portas de suas casas para me receber. O experimento enriqueceu esta pesquisa e esta pesquisadora.

RESUMO

Esta pesquisa é uma investigação sobre as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina, municípios do Espírito Santo, para compreender algumas noções linguísticas que existem nesses locais e o juízo de valor sobre estruturas de concordância verbal em primeira e em terceira pessoa do plural sem a desinência plural (*nós gosta*, *eles brinca*). Apresentam-se análises das declarações de alguns falantes desses municípios sobre sua fala individual e sobre a fala de sua própria comunidade, e da percepção do uso das formas variantes de concordância verbal em primeira pessoa do plural, com e sem as desinências de plural. O objetivo central desta investigação é analisar as diferenças entre as atitudes de membros de uma comunidade urbana, Vitória, e de uma comunidade rural, Santa Leopoldina, perante a língua e a consciência do uso variado de formas linguísticas em sua própria comunidade, comparando aos resultados das pesquisas de produção linguística já realizadas nas duas localidades, que descreveram os padrões de uso da concordância de número (Benfica, 2016; Foeger, 2014; Naro *et al*., 2017; Scherre; Naro; Yacovenco, 2018). Para tanto, a fundamentação se deu a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), e, mais especificamente, das noções de atitude, de identidade, de consciência e de prestígio linguístico (Fernández, 1998; Labov, 2006 [1966]). Realizaram-se entrevistas presenciais com moradores das duas comunidades, com perguntas abertas como "O que você pensa sobre o seu próprio jeito de falar?", "Você nota diferenças entre o jeito de falar de quem mora na cidade e de quem mora no campo?", "O que você acha desse modo de falar: 'Nós gosta de reunir a família'?", entre outras. As análises foram predominantemente qualitativas e mostraram que, em Vitória, os falantes exibem uma atitude mais normativa e pouco tolerante às formas consideradas menos prestigiosas, em especial à variante em primeira pessoa sem marca plural, além de a associarem à fala de quem mora no interior ou tem menos escolarização. Em Santa Leopoldina, os participantes revelaram um reconhecimento do uso dessas construções sem plural em sua comunidade, além de as considerarem naturais, sem validação negativa, o que sinaliza um contexto de prestígio encoberto (Labov (2006 [1966]). No que diz respeito à percepção do uso variável da primeira pessoa do plural, analisaram-se respostas de um questionário *online* realizado previamente às entrevistas, e constatou-se que entre a percepção do uso e as análises das pesquisas de produção há congruências, ao se observarem as direções das proporções das respostas dos participantes e dos resultados quantitativos, mas notam-se também incongruências, especialmente entre a produção, avaliação e percepção dos usos do verbo *ir* no presente e no pretérito, particularmente da expressão estereotípica "nós

vai”, que se pensa mais frequente do que as pesquisas de produção mostram. Conclui-se que os falantes das duas comunidades, Vitória e Santa Leopoldina, são conscientes sobre os usos variados da concordância verbal, e que os da capital expressam com ênfase rejeição a estruturas sem plural, enquanto os do interior expressam, de modo geral, normalidade.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Concordância verbal. Consciência linguística. Percepção linguística.

ABSTRACT

This research is an investigation into the linguistic attitudes of speakers from Vitória and Santa Leopoldina, municipalities in Espírito Santo, to comprehend some linguistic notions that exist in these places and the value judgment on verbal agreement structures in first and third person plural without the plural ending (*nós gosta*, *eles brinca*). Analyzes are presented of the statements made by some speakers from these comunities about their individual speech and about the speech of their own community, and the perception of the use of variant forms of verbal agreement in the first person plural, with and without plural endings. The central objective of this investigation is to analyze the differences between the attitudes of members of an urban community, Vitória, and a rural community, Santa Leopoldina, towards language and the awareness of the varied use of linguistic forms in their own community, comparing the results of linguistic production research already carried out in the two locations, which described the patterns of use of number agreement (Benfica, 2016; Foeger, 2014; Naro *et al*., 2017; Scherre; Naro; Yacovenco, 2018). To this end, the foundation was based on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), and, more specifically, the notions of attitude, identity, consciousness and linguistic prestige (Fernández, 1998; Labov, 2006 [1966]). Face-to-face interviews were carried out with residents of both communities, with open questions such as “What do you think about your own way of speaking?”, “Do you notice differences between the way of speaking of those who live in the city and those who live in the countryside ?”, “What do you think of this way of saying: 'We like to get together as a family'?”, among others. The analyzes were predominantly qualitative and showed that, in Vitória, speakers exhibit a more normative and less tolerant attitude towards forms considered less prestigious, especially the first-person variant without a plural mark, in addition to associating it with the speech of those who live in the interior or have less education. In Santa Leopoldina, participants revealed recognition of the use of these non-plural constructions in their community, in addition to considering them natural, without negative validation, which signals a context of hidden prestige (Labov (2006 [1966]). With regard to to the perception of the variable use of the first person plural, responses from an online questionnaire carried out prior to the interviews were analyzed, and it was found that between the perception of use and the analyzes of production research there are congruences, when observing the directions of proportions of participant’s responses and quantitative results, but inconsistencies are also noted, especially between the production, evaluation and perception of the uses of the verb ir in the present and past tense, particularly the stereotypical expression “nós vai”, which is thought more more frequent than production research shows. It

is concluded that speakers from the two communities, Vitória and Santa Leopoldina, are aware of the varied uses of verbal agreement, and that those from the capital express their rejection of structures without plurals, while those from the capital express their rejection of structures without plurals from the interior express, in general, normality.

Keywords: Linguistic attitudes. Verbal agreement. Linguistic awareness. Linguistic perception.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índices de uso da marca explícita de concordância em primeira e em terceira pessoa do plural em comunidades urbanas 60
Tabela 2 – Índices de uso da marca explícita de concordância em primeira e em terceira pessoa do plural em comunidades rurais ou periféricas 62
Tabela 3 – Efeitos dos fatores linguísticos na concordância verbal em terceira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina 85
Tabela 4 – Efeito do tempo verbal na concordância em primeira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina 88
Tabela 5 – Distribuição geral dos usos de nós e a gente nas amostras de Santa Leopoldina e de Vitória: análise ternária 89
Tabela 6 – Efeito dos fatores sociais sobre a concordância em terceira pessoa do plural na fala de Vitória e de Santa Leopoldina 90
Tabela 7 – Efeito dos fatores sociais sobre a concordância em primeira pessoa do plural na fala de Vitória e de Santa Leopoldina 91
Tabela 8 – Comparação entre resultados de percepção e produção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Vitória 129
Tabela 9 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Santa Leopoldina 131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perguntas do formulário *online* 48
Quadro 2 – Hierarquia de saliência fônica (Naro, 1981) 66
Quadro 3 – A hierarquia de saliência fônica na primeira pessoa do plural 69
Quadro 4 – Distribuição dos informantes da amostra Portvix 82
Quadro 5 – Distribuição dos informantes de Santa Leopoldina 83
Quadro 6 – Trechos das entrevistas selecionados para a análise nesta pesquisa 95
Quadro 7 – Perfil dos participantes de Santa Leopoldina/ES 154
Quadro 8 – Perfil dos participantes de Vitória/ES 156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão político-administrativa do estado do Espírito Santo 32
Figura 2 – Fotografia da cidade de Vitória/ES 34
Figura 3 – Fotografia do núcleo urbano de Santa Leopoldina/ES 34
Figura 4 – Limites administrativos de Santa Leopoldina/ES 37
Figura 5 – Comunidades visitadas para a coleta dos dados no município de Santa Leopoldina/ES 54
Figura 6 – Bairros visitados para a coleta de dados na capital Vitória/ES 56
Figura 7 – Trecho do livro didático Por uma vida melhor 120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas dos participantes de Vitória e Santa Leopoldina à pergunta “Entre as frases abaixo, quais você acha que parecem naturais para as pessoas de Vitória/Santa Leopoldina?” – questionário *online* (Percepção)..... 127

Gráfico 2 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Vitória 129

Gráfico 3 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com -mos e nós sem -mos em Santa Leopoldina 132

SUMÁRIO

PARTE I - UM ESTUDO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS EM COMUNIDADE RURAL E EM COMUNIDADE URBANA NO ESPÍRITO SANTO 18

1 INTRODUÇÃO 18

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 24

2.1 ARRANJOS DE GRUPOS DE FALANTES 24

2.2 REAÇÕES SUBJETIVAS E SIGNFICADOS SOCIAIS: ABORDAGENS E TERMINOLOGIAS 26

2.3 IDENTIDADE, ATITUDE, CONSCIÊNCIA, SEGURANÇA E PRESTÍGIO 30

3 AS COMUNIDADES DE VITÓRIA E DE SANTA LEOPOLDINA 32

3.1 RURAL E URBANO, CAMPO E CIDADE 32

3.2 DE QUE TIPO DE GRUPO SOCIAL ESTAMOS FALANDO? 38

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 43

4.1 APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA ÀS COMUNIDADES ESTUDADAS ... 43

4.2 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO 45

4.3 A COLETA DE DADOS *ONLINE* 47

4.4 A PESQUISA QUALITATIVA 50

4.5 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS 51

4.6 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS 57

PARTE II - REVISÃO DE ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA E EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL 58

5 ALGUNS ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO 59

5.1 INTRODUÇÃO 59

5.2 PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO 65

5.2.1 Encaixamento linguístico da terceira pessoa do plural 65

5.2.2 Encaixamento linguístico da primeira pessoa do plural 68

5.2.3 Encaixamento social de primeira e de terceira pessoa do plural 73

5.3 CONCLUSÕES 79

6 OS ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL EM VITÓRIA E EM SANTA LEOPOLDINA 82

6.1 A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS 82

6.2 ENCAIXAMENTO LINGUÍSTICO 83

6.3 ENCAIXAMENTO SOCIAL 90

PARTE III - ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES 93
7 ANÁLISE DOS RESULTADOS 94
7.1 O QUE DIZEM SOBRE O PRÓPRIO JEITO DE FALAR 97
7.1.1 As primeiras impressões 97
7.1.2 Santa Leopoldina sobre Santa Leopoldina 104
7.1.3 Entrevista na vila {B}, Santa Leopoldina 107
7.2 O QUE DIZEM SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL 112
7.3 "NÓS VAI": O PROTÓTIPO DO ESTEREÓTIPO 119
7.4 A PERCEPÇÃO DOS USOS EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL 125
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 134
REFERÊNCIAS 138
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 145
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO – VITÓRIA 148
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO – SANTA LEOPOLDINA 151
APÊNDICE D – QUADRO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS – SANTA LEOPOLDINA/ES 154
APÊNDICE E – QUADRO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS – VITÓRIA/ES 156

PARTE I

UM ESTUDO DE ATITUDES LINGUÍSTICAS EM COMUNIDADE RURAL E EM COMUNIDADE URBANA NO ESPÍRITO SANTO

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma investigação sobre as *atitudes linguísticas* de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina, municípios do Espírito Santo. Nela, apresentam-se análises acerca das impressões e das declarações de falantes desses municípios sobre sua fala individual e sobre a fala de sua própria comunidade, por meio de entrevistas estruturadas com perguntas diretas e abertas, como "O que você pensa sobre o seu próprio jeito de falar?", "Você nota diferenças entre o jeito de falar de quem mora na cidade e de quem mora no campo?", "O que você acha desse modo de falar: 'Nós gosta de reunir a família'?", entre outras. Apresentam-se também análises sobre a *percepção linguística* sobre o uso das formas variantes da concordância verbal em primeira pessoa do plural, com marca explícita de plural ou sem marca explícita de plural, em sua comunidade, realizadas mediante um questionário online com questões fechadas de múltipla escolha.

Esses dois municípios são aqui percebidos em diferentes pontos de um *continuum* entre o rural e o urbano, em função da caracterização e da classificação de Vitória como município urbano, com população estimada de 322.869 habitantes, e de Santa Leopoldina como município rural adjacente (IBGE, 2023), com população estimada de 13.106 habitantes. O objetivo central desta investigação é analisar as diferenças de atitudes de membros de uma comunidade urbana e de membros de uma comunidade rural perante a língua e a consciência do uso variado de formas linguísticas em sua própria comunidade, comparando aos resultados das pesquisas de produção já realizadas nas duas localidades. Salienta-se, contudo, que, ao longo deste trabalho, a lupa se direcionará um maior número de vezes à comunidade de Santa Leopoldina, em razão das especificidades dos seus arranjos, que se descobriram no percurso da pesquisa, mas sem perder de vista o objetivo primordial de se estabelecerem comparações entre os dois grupos de falantes escolhidos para se investigar.

Da seara dos estudos de atitudes linguísticas, emergem múltiplas tendências de pesquisa que, com diferentes critérios metodológicos, buscam geralmente um mesmo objetivo, que é captar as impressões conscientes ou inconscientes que um falante tem sobre uma língua ou sobre uma variante linguística e compreender as correlações entre essas impressões, seus significados sociais e os usos linguísticos em dada comunidade, que podem ser indicativos ou não de um processo de mudança linguística. Estão envolvidas nesse campo de estudo as terminologias *atitude*, *avaliação*, *percepção*, *crença*, *opinião*, entre outras, que não apresentam acepções uniformes na tradição de pesquisas sociolinguísticas, mas que são afins e se abrigam sob o guarda-chuva do *problema da avaliação* (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 124).

Nesta pesquisa, opta-se pelo uso do termo *atitudes linguísticas*, em referência às colocações, às opiniões e aos julgamentos sobre a língua coletados por meio de entrevistas com perguntas explícitas abertas, em que o participante foi livre para responder o que lhe ocorresse. Essa abordagem recai sobre os enunciados dos participantes e por isso tem tratamento qualitativo, com o propósito de aferir – e não de quantificar – as diferentes compreensões metalinguísticas que os falantes têm sobre a língua. Com efeito, várias abstrações que não estavam antevistas no projeto desta tese emergiram ao passo em que se realizavam as entrevistas, como as noções de consciência e de insegurança linguística (Fernández, 1998, p. 185) e os limites e os contornos das comunidades de fala (Labov, 2008 [1972], p. 150). Muito se tirou dessa coleta, mas foi particularmente comum escutar entre os participantes da área rural de Santa Leopoldina declarações como (1) e (2), que expressam insegurança linguística, ou seja, a impressão de que a sua variedade linguística não corresponde àquelas socialmente mais prestigiadas. Em Vitória, não se observou essa mesma tendência, mesmo entre participantes com pouca escolarização, como em (3) e (4).

(1) E: *é... e aí alguma vez... durante/ durante a vida... você já tentou mudar o seu jeito de falar pra se sentir mais à vontade em alguma situação?*
P: *já... quando eu tinha/ quando eu trabalhava lá em Vitória mesmo... tinha* (inint.) *desembargadores... eu tentei... eu sentia vergonha da minha voz...*
E: *e aí... o que que cê tentava mudar?*
P: *a/ a minha/ a patroa era desembargadora... aí ela sempre me corrigia quando eu falava errado... ela mesma me corrigia... ela me pedia... eu falei assim "não... faz isso mesmo... porque eu aceito..." aí nisso... eu fui aprendendo falar mais corretamente... mas o sotaque não muda não...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 51 anos, participante 4)[1]

(2) P: *é que eu moro na roça né... então a gente tem uma gíria diferente assim do que/ é normalmente... não tem?... a língua assim…aí eu/ eu/ eu tenho um tipo de língua em casa… e em outros lugares é outra... que aqui às vezes a gente fala meio enrolado… puxa algumas letras... entendeu?*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino médio incompleto, 18 anos, participante 16)

(3) P: *isso aí você vai encontrar isso aí...* "nós vai almoçar" *no interior*
E: *no interior… você acha que em nenhum lugar aqui em Vitória… não né?*
P: *não né... pessoal aqui já tem outra cultura né? mesmo aqueles... coitado... ah eu mesmo estudei até quarto ano… eu acho que eu sei falar até direitinho... não sei...*

[1] Nas citações das entrevistas, os participantes serão identificados pela sua naturalidade (Santa Leopoldina ou Vitória), sexo, escolarização e idade. Se houver ascendência pomerana, haverá o acréscimo da informação. Todos também estarão identificados por um número, que remete ao perfil no quadro de informantes nos Apêndices D e E, nas páginas 148 a 150 desta tese. Nas transcrições se observa o uso de "E:" para indicar a fala da entrevistadora e "P:" para indicar a fala do participante. As reticências são usadas para indicar pausas curtas, a barra para indicar truncamentos e (inint.) para trechos ininteligíveis. Os nomes próprios de pessoas eventualmente mencionados serão indicados somente com a primeira letra do nome entre chaves.

(Vitória, masculino, ensino fundamental incompleto, 75 anos, participante 2)

(4) E: *tá... e olha... agora eu vou perguntar sobre algumas frases aqui... e a senhora vai me dizer o que que a senhora acha... e outras coisas que eu vou perguntar aqui... a/ na frase/ por exemplo...* "eles brinca o dia inteiro"
P: *tá errado...* "eles brincam"...
E: *tá errado... é... você acha que quem fala assim?*
P: *não... tá errado... porque um singular junto com o plural não dá...*
E: *não dá... e você acha que aqui em Vitória você ouve esse jeito de falar* "eles brinca"*?*
P: *nossa senhora! só/ não/ aqui em Vitória não... mas eu vejo também aí no YouTube direto isso aí... é singular com plural... meu deus do céu que bagunça que virou isso hein... pelo amor de deus*
[...]
E: [...] *aí... outra frase ó* "nós gosta de..."*?*
P: *não...* "nós gostamos"... *tá errado...*
E: *tá errado... mas você acha que aqui em Vitória as pessoas falam assim "nós gosta"?*
P: *pode* ter... *pode ser... eu acho assim... que a pessoa que não teve muito estudo fala... entendeu? que não teve estudo... entendeu? aí eles num* (inint.)*... mas a pessoa que estudou eu acho que TEM que saber falar... pelo menos isso aí... que plural não pode ser junto com... com singular... de jeito nenhum...*
E: *tá... e essa expressão* "nós vai visitar nossos"...
P: *tá errado...* "nós vamos" *né...*
E: "nós vamos"*... mas cê acha que...*
P: *no interior dá muito isso... no interior dá isso aí...*
E: *no interior... mas em Vitória?*
P: *não... Vitória... as pessoas que eu convivo num fala não... fala certo...*
(Vitória, feminino, ensino médio completo, 83 anos, participante 1)

A *percepção linguística* neste estudo se refere à impressão que os falantes têm sobre o uso de estruturas verbais de concordância em primeira e em terceira pessoa do plural em sua comunidade, a partir de algumas perguntas fechadas, com oferta limitada de possibilidades de respostas. Os dados obtidos a partir das perguntas desta seção da entrevista permitiram alcançar um parâmetro quantitativo modesto, que possibilitou algumas relações entre as impressões que os falantes têm e o uso registrado pelos estudos de produção dessas duas comunidades.

Em minha pesquisa de mestrado, realizei um estudo de produção sobre a concordância verbal na fala da cidade de Vitória/ES (Benfica, 2016) a partir do corpus do Projeto Português falado na cidade de Vitória (Portvix), da Universidade Federal do Espírito Santo. Analisei separadamente ocorrências de primeira pessoa do plural "nós" e de terceira pessoa do plural, e, em geral, os resultados reforçaram a ideia de que primeira e terceira pessoa do plural são variáveis dependentes que operam segundo fatores distintos, seguindo restrições específicas em função da saliência fônica dos verbos de terceira pessoa e do tempo verbal de primeira pessoa. Essas diferenças se justificam e se exibem mais patentes quando se observa o índice de inci-

dência na fala, os percentuais globais de concordância e o significado social de cada uma (Benfica, 2016, p. 8). A incidência de dados de terceira pessoa do plural se mostrou maior na fala que as de primeira pessoa do plural, com números bastante discrepantes: 3.095 dados e 521 dados, respectivamente. Não entraram na pesquisa de Benfica (2016) dados com a alternante "a gente", o que poderia esclarecer essa grande diferença. O percentual global de concordância em primeira pessoa se mostrou mais elevado (90,4%) que em terceira pessoa (78,8%), o que pode sugerir algum dissenso entre esses fenômenos no âmbito da percepção linguística, consciente ou inconscientemente. Quanto ao significado social de primeira e de terceira pessoa, restou uma lacuna, uma vez que não haviam sido feitos testes que confirmassem a hipótese.

Do grupo de pesquisas linguísticas variacionistas Portvix, as pesquisadoras Camila Foeger e Lays Lopes geraram e coletaram dados de fala de moradores da área rural do município de Santa Leopoldina, no interior do Espírito Santo, entre os anos de 2011 e 2013. Esse trabalho rendeu um corpus bastante comparável ao corpus da fala de Vitória. Conforme se verá mais detalhadamente nas seções seguintes, as pesquisadoras também estudaram, entre outros temas, a variação de primeira e de terceira pessoa do plural na fala leopoldinense e encontraram padrões que ora convergem, ora divergem dos usos da capital capixaba. Os dados de terceira pessoa apresentaram também maior frequência, sendo 2.873 ocorrências (Lopes, 2020, p. 107), ao passo que primeira pessoa "nós" apresentou apenas 388 ocorrências (Foeger, 2014, p. 125). Mesmo com essa discrepância, os percentuais globais de concordância são bastante próximos: 47,5% de concordância na primeira pessoa do plural (Foeger, 2014, p. 125) e 50,2% de concordância na terceira pessoa do plural (Lopes, 2020, p. 107) – ressalta-se, em ambos os casos, a diferença de proporção em relação a Vitória.

Os resultados dessas pesquisas de produção, de natureza quantitativa, põem em perspectiva o quadro variável nas duas comunidades e abrem caminho para uma profusão de análises qualitativas que envolvem a sua história e organização social. Entretanto, cumpre realçar o que afirma Oushiro (2021, p. 321) sobre os limites de tal tipo de estudo: "resultados de produção não podem ser interpretados diretamente como índices de identidades sociais". Convém, portanto, empreender um exame de atitudes como este, com métodos que busquem investigar as correlações entre os usos e os juízos de valor.

Um dos desafios desta tese é lidar com duas comunidades com características bastante contrastantes, não somente pelo aspecto geográfico, mas também pela sua história e pela particularização de seus traços linguísticos. Já foi documentado por estudos sociolinguísticos de pro-

dução e de percepção sobre a fala de Vitória que não há traços fonológicos, morfológicos e sintáticos muito evidentes na sua variedade, sendo, por isso, caracterizada por muitos como uma fala menos marcada (Tesch, 2022, p. 240). Observa-se, por outro lado, em Santa Leopoldina, um sistema linguístico mais particular, que ainda está por se desvelar, já que poucos estudos de produção foram empreendidos nessa comunidade, a qual é formada por pessoas que podem ou não ser descendentes de imigrantes, monolíngues, bilíngues ou plurilíngues, que em sua maioria mora na área rural. Ressalta-se que a presente pesquisa acessou pessoas com esses diferentes perfis e registrou suas colocações acerca das questões linguísticas sobre as quais esta tese versa.

Foram ao todo gravadas 13 entrevistas em Vitória, realizadas por mim, e 25 em Santa Leopoldina, entre as quais 21 foram realizadas por mim e quatro por Shirlei Shaeffer, que é linguista e professora de língua portuguesa na área rural de Santa Leopoldina, assim como eu, mas que, além disso, mora na região e tem contato rotineiro com pessoas do perfil buscado para a realização desta investigação. O número de entrevistados em Santa Leopoldina é maior, pois as pessoas com quem se marcavam as entrevistas acabavam por contatarem outros conhecidos locais que gentilmente se voluntariavam para participar desta investigação.

Ressalta-se aqui que este texto oscila entre o uso de uma linguagem impessoal, que parece mais ajustada ao propósito acadêmico de escrita de uma tese, e o uso da primeira pessoa do singular, visto que fui eu mesma a campo entrevistar grande parte dos participantes desta pesquisa. Percorri bairros de Vitória pelos quais nunca havia passado nos meus 32 anos de vida, vividos todos nesta cidade, e alcancei comunidades bastante ermas em Santa Leopoldina. Em alguns momentos da redação desta tese, em que conto sobre experiências específicas de entrevistas, observar-se-á também a tipologia narrativa, a fim de socializar certas condutas com pesquisadores que igualmente empreendam experimentos de mesma natureza.

Esta pesquisa se propõe a responder, especificamente, às seguintes questões:

- Quais são as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina sobre a variedade de sua própria comunidade?
- Quais são as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina sobre o uso variável da concordância verbal?
- Os falantes têm consciência do uso variável da concordância verbal em sua comunidade?

O capítulo 2 da presente parte se presta a apresentar os pressupostos teóricos fundamentais para as análises desta tese. Abordam-se as formas de delineamento de grupos de falantes para

estudos sociolinguísticos, que assentarão as discussões sobre os limites da compreensão de Vitória e de Santa Leopoldina como comunidades de fala (Labov, 2006 [1966]; 2008 [1972]). Em seguida, fala-se sobre os estudos de atitudes e significados sociais (Lambert *et al*., 1960; Labov, 2006 [1966]), que constituem o eixo central deste trabalho e que tangenciam as noções de consciência e segurança ou insegurança linguística (Fernández, 1998) e de prestígio linguístico (Labov, 2006 [1966]).

No capítulo 3, conta-se brevemente a história de formação das comunidades de Vitória e de Santa Leopoldina e exibem-se dados referentes à sua configuração enquanto município urbano e município rural adjacente, respectivamente (IBGE, 2023). Também neste capítulo problematiza-se a compreensão do modelo de comunidade de fala laboviano e suas limitações ao se estudar uma cidade como Santa Leopoldina, que se constitui por falantes monolíngues e bilíngues que pouco interagem entre si e que tem uma história recente de fragmentação geográfica e populacional que passou por critérios políticos questionáveis.

Em seguida, no capítulo 4, discorre-se sobre o percurso metodológico empreendido, nas etapas *online* e presencial desta pesquisa, com os pormenores do processo de elaboração das perguntas, de organização do questionário, do contato com os participantes e da transcrição e organização dos dados para análise. O formulário aplicado de forma virtual pode ser visto no interior deste capítulo, mas o formulário aplicado de forma presencial, mais extenso, está nos Apêndices B e C. Nos Apêndices D e E estão os quadros com os perfis sociais dos participantes.

A parte II destina-se a revisar alguns trabalhos de produção sobre a concordância verbal em primeira e em terceira pessoa do plural no português brasileiro, sendo o capítulo 5 dedicado à compreensão do encaixamento linguístico e social dos dois fenômenos em várias pesquisas do português brasileiro. O capítulo 6 centra-se especificamente nas cidades de Vitória e de Santa Leopoldina.

Na parte III, analisam-se as declarações avaliativas dos falantes sobre o próprio jeito de falar, sobre usos linguísticos sem marcas explícitas de concordância verbal e sobre o uso da expressão “nós vai”. Analisa-se também a percepção do uso de estruturas variáveis de concordância em primeira pessoa do plural, em comparação com as pesquisas de produção sobre as duas comunidades.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para a Sociolinguística Variacionista, a língua é um sistema heterogêneo constituído e condicionado por seus usuários no espaço social de forma ordenada (Weinreich; Labov, Herzog, 2006 [1968]), sendo, portanto, tarefa do sociolinguista buscar métodos de pesquisa que possibilitem compreender como se entrelaçam os elementos da língua e da sociedade que configuram esse sistema variável. Considerando o propósito central desta tese, de estudo investigativo de atitudes linguísticas e de percepção linguística de falantes das comunidades de Vitória e de Santa Leopoldina, cumpre apresentar nesta seção (1) as incursões teóricas sobre os diferentes domínios de agrupamentos sociais, para posterior discussão da configuração das comunidades estudadas, (2) as proposições dos estudos de reações subjetivas, que orientam o pensamento e a investigação propostos, e (3) o entrelaçamento das noções de atitude, de identidade, de consciência e de prestígio linguístico.

2.1 ARRANJOS DE GRUPOS DE FALANTES

Muitos estudos variacionistas partem da noção laboviana de comunidade de fala, que consiste no uso compartilhado de padrões abstratos de variação e de comportamentos avaliativos explícitos (Labov, 2008 [1972], p. 150). Esse é o modelo que, em princípio, caracteriza a divisão de grupos de falantes desta pesquisa, considerando os estudos de produção derivados das amostras de Vitória e de Santa Leopoldina.

Eckert (2012) argumenta que os estudos sociolinguísticos podem se diferenciar em três ondas de análise, que refletem modos distintos de abordagem da variação linguística e de agrupamentos sociais. A primeira onda iniciou com os estudos de Labov sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, cujos resultados permitiram perceber um padrão regular de estratificação socioeconômica das variáveis. Segundo a autora, estudos dessa onda evidenciam as correlações entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais, como classe socioeconômica, sexo/gênero, faixa etária, escolaridade etc., e compreendem o que entendemos por *comunidade de fala*.

A segunda onda se voltou para uma abordagem etnográfica, abarcando categorias sociodemográficas mais abstratas, para examinar a dinâmica da variação linguística no vernáculo mais localmente, em grupos organizados em *redes sociais*. Eckert (2012) traz como referência da segunda onda o estudo de Labov sobre o inglês afro-americano, cujos resultados apontam para o uso de traços vernaculares por adolescentes como marca do *status* do grupo na comu-

nidade. Essa análise de usos linguísticos dá destaque a práticas locais que funcionam como resistência a normas supralocais.

Já a terceira onda enfatiza o papel agentivo dos falantes na construção de identidades e de significados sociais: em vez de ter como base macrocategorias sociais e categorias sociodemográficas, é dada preferência a agrupamentos menores, os quais Eckert (2012) denomina *comunidades de prática*.

Os primeiros estudos variacionistas no Brasil se alinham de forma mais expressiva à primeira onda, buscando localizar sistemas linguísticos com base no conceito de comunidade de fala. Nos termos de Labov (2008 [1972], p. 150), a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas, que podem ser observadas "em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes a níveis particulares de uso." Em outros termos, para delimitar uma comunidade de fala, é necessário que os indivíduos compartilhem normas em relação ao juízo sobre os múltiplos usos da linguagem e à uniformidade de padrões de variação.

Na abordagem de Guy sobre comunidade de fala (2001), o linguista acrescentou as condições de que o grupo de falantes compartilhe traços linguísticos que o diferenciem de outros grupos de falantes, e que seus membros se comuniquem mais entre si do que com outros grupos, para que seja considerado uma comunidade de fala. Em suas palavras, "vemos que usando os critérios de traços linguísticos e atitudes compartilhados, junto com densidade de comunicação interna relativamente alta, podemos definir e distinguir grupos de falantes que são socialmente realísticos e linguisticamente coerentes: são as comunidades de fala (Guy, 2001, p. 37).

Scherre (2006) fez uma incursão pelas diferentes orientações teóricas que já se empenharam em compreender as forças que atuam na formação de grupos de falantes, e destacou o atravessamento da noção de *integração simbólica*, segundo a qual as bordas de uma comunidade de fala dependeriam do ponto de vista do analista e do nível de abstração que ele deseje alcançar. Os brasileiros, a título de exemplo, segundo a linguista, poderiam se identificar como uma comunidade de fala diferente da comunidade de fala dos portugueses, por reconhecerem várias diferenças linguísticas bastante salientes entre as duas variedades; não obstante, por outro ângulo, se um brasileiro se deslocasse da Alemanha para Portugal, ao chegar ali, sentiria que faz parte de uma macro comunidade de falantes, unificada por uma mesma língua oficial (Scherre, 2006, p. 719). Portanto, os limites da comunidade de fala poderiam se definir pelo

compartilhamento de uma mesma língua ou pelo compartilhamento de normas de uso da linguagem.

Outros sociolinguistas questionam o construto de comunidade de fala, pois observam que os estudos que envolvem essas comunidades tendem a defini-las com base em sua localização geográfica e não pelo compartilhamento de normas. É o caso de Eckert e McConnell-Ginet (2010), que centralizam em seu debate a crítica ao enfoque sociodemográfico que as pesquisas sobre comunidades de fala apresentam, reforçando a necessidade de se articular lugar e prática, dando destaque ao conceito de comunidade de prática, que relaciona de forma mais direta linguagem, sociedade e consciência. De acordo com essas autoras, "comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum" (Eckert; Mcconnell-Ginet, 2010, p. 102), ou seja, o que estrutura socialmente a comunidade, então, são as práticas e a participação dos sujeitos envolvidos. As comunidades de prática podem ser entendidas como agrupamentos de pessoas pequenos ou grandes, intensos ou difusos, suscetíveis a mudanças de membros e também podem se relacionar com outras comunidades (Eckert; McConnell-Ginet, 2010, p. 103).

Segundo essa concepção, a identidade individual é construída a partir do engajamento dos sujeitos nas múltiplas comunidades às quais eles pertencem, o que possibilita vê-los como agentes articuladores de uma variedade de formas de participação (Eckert; McConnell-Ginet, 2010, p. 103) e de diversas formas linguísticas. Nessa discussão, entra uma releitura do conceito de prática estilística, a qual não é mais entendida como ajustes individuais à formalidade das situações ou ao público (Labov, 2001; Bell, 2001), mas como a maneira de os falantes combinarem variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção de suas identidades.

Os conceitos de comunidade de fala, de redes sociais e de comunidade de prática não se anulam, mas é necessária a escolha de uma abordagem para que se defina com mais precisão o método de coleta de dados de uma pesquisa e o caminho analítico dos dados.

2.2 REAÇÕES SUBJETIVAS E SIGNFICADOS SOCIAIS: ABORDAGENS E TERMINOLOGIAS

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 124) destacam o *problema da avaliação* como um dos princípios empíricos para a teoria da mudança linguística, pois, segundo esses autores, a mudança pode ser mais notável na dimensão das atitudes dos membros de uma dada comu-

nidade do que em seu padrão de comportamento linguístico. Penelope Eckert e William Labov (2017), em estudo exploratório sobre a relação entre significado social e mudança linguística, argumentam que as evidências do significado social devem ser procuradas reunindo dados sobre produção linguística e percepção/avaliação. Para eles, algumas pistas linguísticas evocam uma série de avaliações sociais, as quais, quando correspondem a fatos de produção, são potencialmente significados sociais (Eckert; Labov, 2017, p. 471). De acordo com Eckert (2008), esses significados sociais não são precisos ou fixos, mas gerais e ficam mais específicos a depender do contexto estilístico, constituindo, dessa forma, um campo de potenciais significados ideologicamente relacionados, o qual chama de *campo indexical* (Eckert, 2008, p. 453).

O estudo de atitudes linguísticas é, pois, um caminho para uma compreensão panorâmica dos fenômenos da língua. Contudo, aferir e dimensionar subjetividades requer métodos sofisticados de coleta e de tratamento de dados, por isso o pesquisador deve compreender de forma bem lúcida o alcance e os limites da abordagem que decide tomar.

Os trabalhos da psicologia social pavimentaram o início do percurso dos estudos de atitudes na sociolinguística. Segundo Garrett (2010, p. 23), a atitude é um construto que deve ser compreendido em três dimensões: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Nas análises sociolinguísticas, a atitude pode ser investigada segundo o conhecimento e o pensamento do falante sobre uma língua ou uma variante linguística (dimensão cognitiva), seu sentimento e juízo de valor (dimensão afetiva) e suas ações e reações diante dessas formas linguísticas (dimensão comportamental). As duas primeiras dimensões parecem imperscrutáveis, dadas as dificuldades de se investigar a subjetividade do indivíduo, contudo, algumas técnicas investigativas já têm se mostrado bem-sucedidas nessa missão.

Garrett, Coupland e Williams (2003, p. 15-17) falam sobre três tendências metodológicas para a compreensão das atitudes linguísticas: o tratamento social, a abordagem direta e a abordagem indireta. O *tratamento social* (*societal treatment approach*) analisa conteúdos de domínio público e geralmente tem natureza observacional, consistindo em importante fonte para a obtenção de conhecimento do estatuto e das associações estereotipadas sobre as línguas, as variedades linguísticas e os falantes. As fontes de dados podem ser documentos do governo, anúncios publicitários, manifestações em redes sociais, produções cinematográficas ou televisivas, livros, matérias jornalísticas etc. Os estudos com essa abordagem geralmente são qualitativos, mas podem também utilizar procedimentos formais de amostragem.

A *abordagem direta* (*direct approach*) consiste em interpelar os falantes por meio de questionários e/ou entrevistas com perguntas diretas, para obter suas impressões, opiniões ou preferências sobre o objeto linguístico. É um método, por essência, mais objetivo e, por isso, invasivo e indiscreto, no qual se opera com a *geração* de dados e não somente com a *observação* e a *coleta* de dados já existentes, como na primeira abordagem. É essa a abordagem escolhida para esta pesquisa. Segundo Oushiro (2021, p. 328), métodos diretos podem ser eficazes no desvelamento do grau de consciência dos falantes sobre as formas linguísticas, o que constitui um dos interesses do presente trabalho.

As análises de atitudes pelo método de *abordagem direta* podem ser qualitativas ou quantitativas, a critério do pesquisador, mas nota-se com mais frequência a preferência pelas análises segundo princípios do paradigma quantitativo (Sankoff, 1980), reproduzidos das pesquisas sociolinguísticas de produção, que operam com quantidades volumosas de dados, o suficiente para que sejam possíveis afirmações probabilísticas e formulação de generalizações. Geralmente se pede, na pesquisa de atitudes, que os falantes associem trechos de fala escutados a traços psicossociais postos pelo pesquisador em escalas ou em caixas de seleção, que, por extensão, irão se associar aos fatos linguísticos. Já nas pesquisas que partem do paradigma qualitativo não há preocupação com dados em quantidade e com resultados generalizáveis, já que as análises se orientam a partir dos dados que emergem naturalmente nos momentos de coleta, comumente a partir de perguntas abertas. Interessa ao investigador desnudar múltiplas realidades possíveis.

A *abordagem indireta* nos estudos da linguagem se dá com a participação de falantes em entrevistas e em questionários, tal como no método direto, sem, contudo, que saibam quais atitudes suas estão sendo investigadas pelo pesquisador, elicitando-se, assim, conclusões inconscientes sobre fatos linguísticos. Um dos estudos pioneiros nesse campo foi o de Lambert *et al*. (1960), pesquisadores da psicologia social, para os quais a língua falada e as atitudes perante ela são componentes de identificação dos membros de um grupo. Visando compreender as reações e os significados atribuídos ao inglês e ao francês em Montreal, no Canadá, os pesquisadores gravaram a leitura de um mesmo texto nas duas línguas, por quatro falantes bilíngues. O objetivo era comparar a avaliação que esses quatro falantes receberiam pelos 130 respondentes do teste, conforme a língua em que foi lido. A ideia por trás desse teste era que, caso houvesse diferenças no julgamento dos falantes, o juízo seria sobre a língua empregada, e não sobre o falante. Esse método de geração de dados para o estudo de reações subjetivas foi

chamado de *matched-guise technique*, e foi replicado em outras pesquisas sociolinguísticas de diferentes maneiras.

Em pesquisa sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque, Labov (2006 [1966], p. 265-299) valeu-se da mesma técnica. Ele gravou a leitura de cinco mulheres nova-iorquinas, selecionou trechos que continham as variantes que desejava investigar e expôs essas gravações a 112 ouvintes também nova-iorquinos. O pesquisador pediu que esses ouvintes simulassem serem donos de uma empresa e que atribuíssem uma função entre as listadas a cada falante. Os resultados mostraram que as gravações com variantes usadas por classes mais privilegiadas foram atribuídas a ocupações de maior *status* econômico, enquanto as gravações com variantes usadas por classes menos favorecidas foram atribuídas a ocupações de menos *status* econômico. As respostas dos participantes refletiram, portanto, a estratificação da língua falada na cidade de Nova Iorque.

Esse diálogo de Labov (2006 [1966]) com os 112 ouvintes nova-iorquinos compreendeu nove etapas, sendo essa, de abordagem indireta, chamada por ele de *avaliação subjetiva* (*subjective evaluation*). O procedimento subsequente do pesquisador consistiu em uma abordagem direta, com uma série de perguntas abertas que envolviam impressões e opiniões dos participantes sobre a própria fala, sobre a fala de sua comunidade, sobre as possíveis percepções de *outsiders*, entre outros tópicos. Labov chamou esse questionário de *atitudes linguísticas* (*linguistic atitudes*).

Oushiro (2015) também aplicou a técnica de Lambert *et al*. (1960), traduzindo-a como *técnica de estímulos pareados*, a partir de excertos naturais de entrevistas sociolinguísticas, em sua pesquisa sobre a variação da pronúncia do (-r) em coda silábica na fala da cidade de São Paulo. Cada trecho de gravação foi duplicado e digitalmente manipulado para que houvesse duas versões idênticas, apenas com a variante diferente, uma com o tepe e a outra com o retroflexo. Seus resultados mostraram que o retroflexo era julgado mais negativamente em traços que se referiam ao *status* social do falante (classe social, escolarização, centralidade do bairro etc.) e positivamente em características associadas às dimensões de solidariedade e de dinamismo (Oushiro, 2015, p. 319-320). Esse estudo foi chamado pela autora de *percepção linguística*.

São diversas as terminologias que aparecem nos estudos de reações subjetivas, o que às vezes traz alguns embaraços para se compreenderem os métodos e os propósitos dos pesquisadores. Oushiro (2015) propõe uma desambiguação de alguns domínios, chamando de *avaliação* o discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes, elicitado por meio de abordagem di-

reta com perguntas abertas, e de *percepção* as inferências dos falantes ao ouvirem outros usuários da língua, podendo ou não ser conscientes sobre as variantes envolvidas.

No artigo "Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares", Marcus Garcia de Sene (2019) apresenta uma discussão e uma revisão bibliográfica detalhada sobre os estudos de reações subjetivas, identificando pontos consonantes e dissonantes entre os três domínios. O pesquisador conclui que não se estabeleceram fronteiras maciças entre os conceitos, que podem, inclusive, ser compreendidos como sinônimos. O termo *atitudes* parece ser concebido em dimensão mais genérica, em referência a toda a tradição de pesquisas, desde os estudos pioneiros na psicologia social. Na presente tese, usa-se o termo atitudes dessa forma, em referência a toda a dimensão de estudos de reação subjetiva, e também os termos avaliação e percepção segundo as concepções de Oushiro (2015), uma vez que se tem como componentes do questionário de coleta de dados desta tese uma etapa de questões abertas, que se propõe a saber as reações dos participantes sobre diversos fatos da língua, e uma fase de questões fechadas, que se propõe a saber o quão conscientes os falantes são sobre a concordância verbal em primeira e em terceira pessoa do plural.

2.3 IDENTIDADE, ATITUDE, CONSCIÊNCIA, SEGURANÇA E PRESTÍGIO

Segundo Fernández (1998, p. 190), a *identidade* é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro, havendo duas maneiras de defini-la: objetivamente, caracterizando as instituições que a compõem e as pautas culturais que lhe dão personalidade, e subjetivamente, postos os sentimentos de comunidade partilhados por seus membros e a diferenciação que sentem ante outros grupos. De uma forma ou de outra, reserva-se espaço para a língua entre os elementos que definem a identidade, já que as comunidades se caracterizam e evidenciam suas diferenças também pelas variedades linguísticas que seus membros compartilham. Ainda segundo o autor, as *atitudes* para com alguma variedade se estendem igualmente às pessoas que usam tal variedade, ou seja, uma atitude linguística é também uma atitude social, pois uma apreciação feita a uma variedade linguística é, por extensão, feita aos falantes daquela variedade. São essas atitudes ante línguas naturais, estilos, dialetos, variedades e ante seus usuários que podem influenciar decisivamente a variação e a mudança linguística e a escolha de uma língua em comunidades multilíngues.

Essas atitudes são performadas porque os falantes têm *consciência* de que há diferenças entre as variedades, embora nem sempre consigam precisar os traços que as marcam para além do

nível lexical. Eles sabem que há usos linguísticos que são preferíveis a outros em sua comunidade e geralmente partilham das mesmas opiniões sobre o uso das formas preteridas. Com consciência linguística, os falantes têm a possibilidade de eleger, mesmo que sem perceber a todo o tempo, formas que julguem mais convenientes às situações comunicativas que vivem. Fernández (1998, p. 182) aponta, contudo, uma correlação entre estrato social e consciência, dizendo que os membros de uma mesma comunidade não serão igualmente conscientes sobre os usos linguísticos, pois, à medida em que se desce no espectro social, o grau de capacidade distintiva diminui. Poder-se-ia dizer que essa é uma consequência presumível entre falantes menos escolarizados, uma vez que a escola é ambiente em que se ensina a usar e em que se preza pelo uso de formas linguísticas padrão, logo, aqueles que passaram menos anos estudando teriam menos sensibilidade para diferenciar formas mais ou menos apreciadas e mais dificuldade para transitar estilisticamente entre os contextos.

São efeitos diretos da consciência linguística a *segurança* e a *insegurança linguística*, que se referem à relação entre o que um falante percebe como correto e adequado e o seu próprio uso (Fernández, 1998, p. 182). A segurança linguística ocorre quando o falante percebe que sua fala natural corresponde ao que é socialmente prestigioso, enquanto a insegurança linguística ocorre em situação oposta, quando ele percebe que seus usos espontâneos não correspondem ao que é prestigioso.

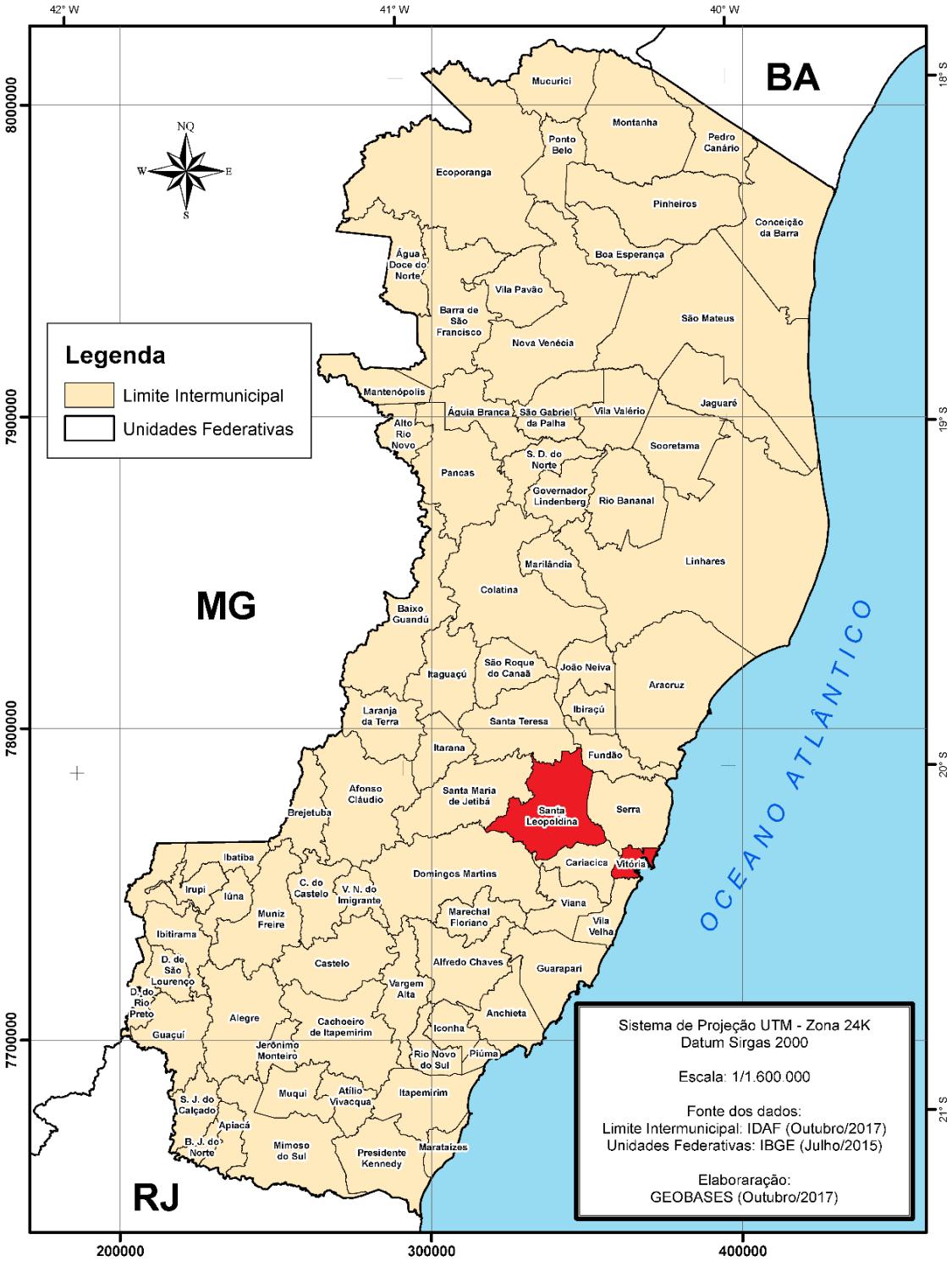
Não obstante, pode ocorrer em algumas comunidades o que Labov (2006 [1966], p. 108) chamou de *prestígio encoberto* (*covert prestige*), que é a tendência de os falantes atribuírem valor positivo a usos vernaculares locais que vão de encontro a formas geralmente mais prestigiadas. No português brasileiro, observa-se como exemplo a tendência dos goianos de utilizar formas estigmatizadas associadas ao dialeto caipira com expressivo orgulho, como registraram os trabalhos de Shirley Mattos (2013) e de Elaine Borges de Souza (2023). De acordo com Souza (2024, p. 142), assume-se nessa comunidade uma exaltação do modo de vida rural mesmo entre os moradores da capital, Goiânia, uma cidade que foi planejada e que é considerada desenvolvida, urbanizada e moderna.

3 AS COMUNIDADES DE VITÓRIA E DE SANTA LEOPOLDINA

3.1 RURAL E URBANO, CAMPO E CIDADE

Os municípios de Vitória e de Santa Leopoldina estão a aproximadamente 46 quilômetros de distância um do outro.

Figura 1 – Divisão político-administrativa do estado do Espírito Santo



Fonte: Geobases (2017), destaques dos municípios de Vitória e de Santa Leopoldina feitos pela autora.

Apesar de fisicamente próximas, notam-se várias diferenças entre essas duas cidades que interessam a este experimento, especialmente no tocante à concentração populacional: enquanto Vitória é inteiramente urbanizada, Santa Leopoldina é o município que apresenta maior proporção de população rural do estado do Espírito Santo (78,6%), segundo o Censo 2010 (ISJN, 2011[2], p. 1). Tem população estimada de 13.106 habitantes e área territorial de 718,325 km², sendo, portanto, 18,25 habitantes por quilômetro quadrado, segundo o Censo 2022[3]. Vitória tem população estimada de 322.869 habitantes e área territorial de 97,123 km², sendo, portanto, 3.324,33 habitantes por quilômetro quadrado, segundo o Censo 2022. Esses números baseiam um dos critérios que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estabelece para a classificação dos espaços como rural, urbano ou natureza, quais sejam: densidade populacional, alteração da paisagem e ocupação dos habitantes em atividades secundárias e terciárias ou de produção agropecuária (IBGE, 2023, p. 84).

A proposta metodológica do IBGE (2023, p. 10) para classificar os espaços parte da compreensão de que entre o rural e o urbano há um *continuum*, em vez da tradicional visão dicotômica, centralizada nos opostos, estabelecendo assim um alinhamento à tendência mundial de admitir a ocorrência de múltiplas formas de organização da sociedade e dos modos de vida. Ao final, a classificação dos municípios identificou cinco classes: predominantemente urbano, intermediário adjacente, intermediário remoto, rural adjacente e rural remoto (IBGE, 2023, p. 39). Vitória é classificada como predominantemente urbana e Santa Leopoldina como rural adjacente.

É digno de nota que, em 1985, a linguista Bortoni-Ricardo também propôs a compreensão dessas dimensões, rural e urbano, dentro de um *continuum*, porém dialetal, para fins de análise das variedades faladas do português brasileiro, que iriam desde vernáculos rurais isolados, num extremo, até o padrão urbano das classes altas, no outro. Dentro desse *continuum*, a autora situa variedades não padronizadas que podem ser rotuladas como “rurbanas”, faladas por pessoas analfabetas ou semianalfabetas de classe baixa que vivem nas cidades, mas que, na maioria dos casos, têm origem rural, ou seja, a população que vive em áreas rurais modernizadas (Bortoni-Ricardo, 1985, p. 9).

---

[2] Esse dado específico não foi atualizado pelo Censo mais recente.
[3] Dados do Censo 2022 retirados do portal Cidades e Estados do Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/. Acesso em: 10 de maio de 2024.

Figura 2 – Fotografia da cidade de Vitória/ES

Fonte: Dream Casa (2019)[4].

Figura 3 – Fotografia do núcleo urbano de Santa Leopoldina/ES

Fonte: Prefeitura de Santa Leopoldina (*online*)[5].

2.2 FORMAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

Vitória é uma cidade formada por um arquipélago composto de 33 ilhas e por uma porção continental. Foi oficialmente fundada na porção insular em 8 de setembro de 1551, sendo, então, uma das capitais mais antigas do Brasil. Entretanto, sua ocupação urbana ocorreu de forma mais intensa apenas no século XX, após largos séculos de isolamento. Entre as razões para o povoamento tardio da cidade de Vitória, historiadores destacam: a relação não amistosa dos portugueses colonizadores com os indígenas que habitavam a região nos primeiros séculos de colonização; a escassez de recursos para os primeiros governantes da antiga Capitania;

[4] Disponível em: https://www.dreamcasa.com.br/blog/locais/vitoriaes-descubra-a-capital-capixaba-quinto-melhor-idh-do-pais.html. Acesso em: 5 set. 2022.
[5] Disponível em: https://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em: 5 set. 2022.

uma economia incipiente; o isolamento da capitania para bloquear o acesso a Minas Gerais durante o Ciclo da Mineração (século XVIII); e o isolamento entre as ilhas e a porção continental da Capitania do Espírito Santo até 1928 (Prefeitura de Vitória, *online*).

Nas primeiras décadas do século XX, houve uma sucessão de obras que impulsionaram a tessitura urbana da capital e conferiram novas feições e contornos a Vitória, entre as quais os primeiros aterros, a renovação do núcleo antigo, a instalação de bonde elétrico e a construção de estradas e pontes. Na década de 1960, a cidade se expandiu e a parte continental de Vitória passou a ser ocupada, com destaque para a construção da Universidade Federal do Espírito Santo, do aeroporto de Vitória e do complexo portuário Tubarão. Na década de 1970, concluíram-se os aterros e iniciaram-se as instalações das siderúrgicas Companhia Vale do Rio Doce (hoje Vale) e Companhia Siderúrgica Tubarão (hoje ArcelorMittal). Nas décadas de 1980 e 1990, intensificou-se a urbanização e o adensamento populacional, até não restarem áreas vazias nos limites de Vitória – com exceção do Maciço Central, topos de morros, mangues e áreas de reserva (Prefeitura de Vitória, *online*).

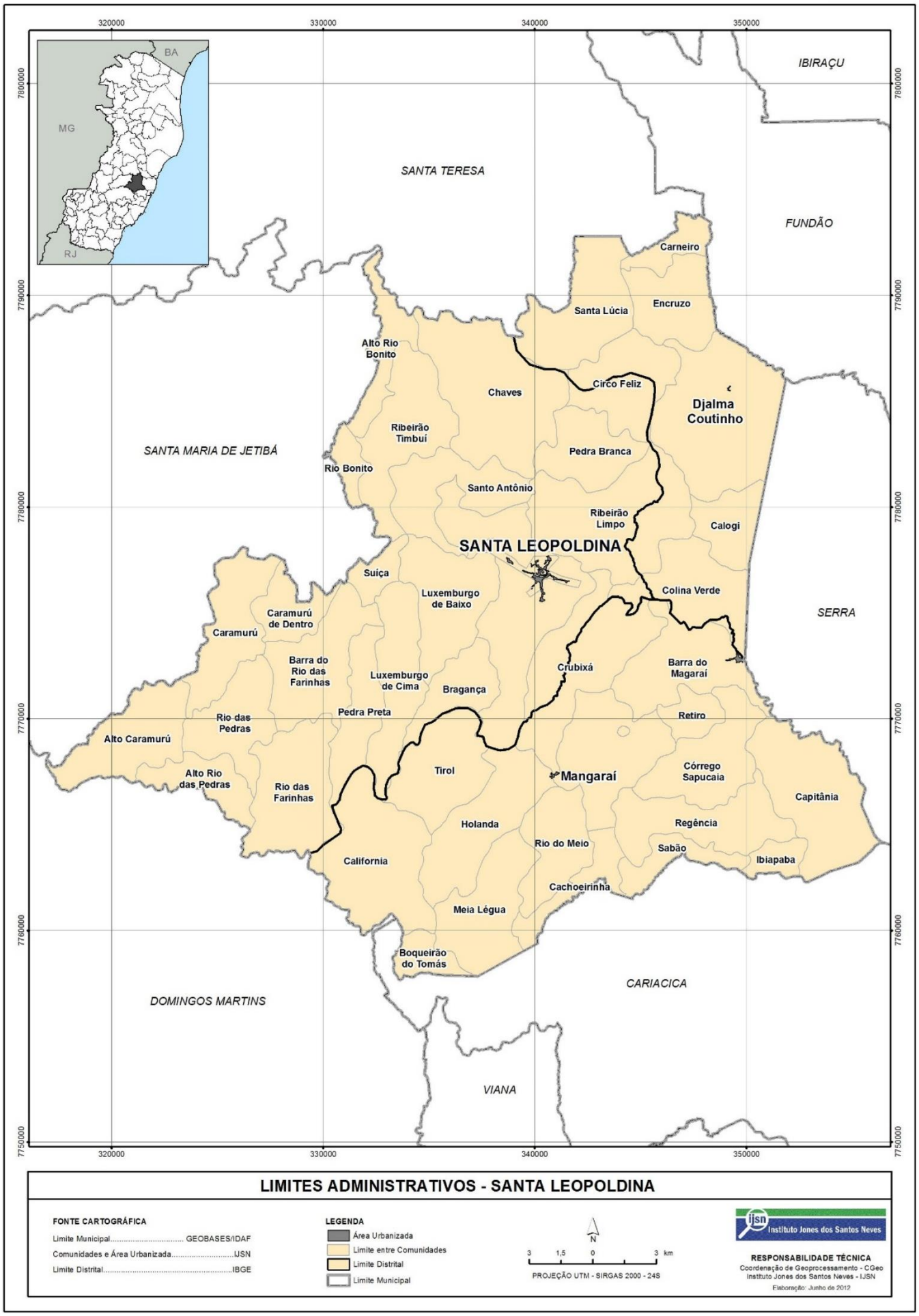
Santa Leopoldina tem história e cultura bem diferentes da capital Vitória. A população leopoldinense é bastante heterogênea, em razão do povoamento por imigrantes a partir de 1855 e da resistência de uma pequena comunidade quilombola. Segundo informações do site da Prefeitura de Santa Leopoldina, "nove etnias formam a população do município, sendo elas: negros, portugueses, suíços, austríacos, luxemburgueses, holandeses, italianos, alemães e pomeranos" (Prefeitura de Santa Leopoldina, 2019, *online*). Em 1856, houve a demarcação de uma área de 567 km² à margem do rio Santa Maria para a fundação de uma colônia de imigrantes, a qual prosperou em função do comércio de importação e de exportação e se emancipou em 1884. "Cachoeiro de Santa Leopoldina tornou-se o maior empório comercial do Espírito Santo. Grandes firmas da Europa despachavam seus viajantes diretamente ao Porto de Cachoeiro. Só depois que faziam esta praça é que visitavam Vitória, a Capital" (Prefeitura de Santa Leopoldina, 2019, *online*).

Em função desse intenso processo de colonização por imigrantes europeus não-lusos, é bastante expressivo até hoje o bilinguismo e o plurilinguismo em várias áreas do município, com falantes de português e de outra(s) língua(s) de imigração – com destaque para o pomerano (Shaeffer, 2012). Em conversas informais com habitantes naturais de Santa Leopoldina, foi enfatizado que o município tem população bastante mista, e que as diferenças se refletem na divisão administrativa da cidade (Figura 2). Segundo esses moradores, no distrito Sede – limítrofe com outros municípios colonizados por imigrantes, como Santa Maria de Jetibá, Santa

Teresa e Domingos Martins – habitam muitos descendentes de europeus, que, além de português, falam ou pomerano, ou hunsrückisch, ou “alemão alto”, ao passo que nos demais distritos predominam falantes apenas de português.

O Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol) publicou no ano de 2018 um inventário da língua hunsrückisch no Brasil (Altenhofen; Morello [*et al*.], 2018), envolvendo comunidades de imigrantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo – esta última localizada em Santa Leopoldina. “No caso de Santa Leopoldina, chama a atenção o fato de não haver dominância de uma língua sobre a outra, gerando uma rede de plurilinguismo horizontalizado” (Altenhofen; Morello [*et al*.], 2018, p. 131). Um dos desafios da pesquisa sociolinguística nesse município é, portanto, o delineamento do horizonte de investigação, considerando aspectos que ultrapassem o prisma geográfico (rural e urbano, divisão distrital) e as macrocategorias sociais (sexo/gênero, faixa etária e escolarização), com critérios refinados para a seleção de participantes e com atenção para o contato linguístico, o bilinguismo e o plurilinguismo.

Figura 4 – Limites administrativos de Santa Leopoldina/ES



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012, *online*).

3.2 DE QUE TIPO DE GRUPO SOCIAL ESTAMOS FALANDO?

Conforme antevisto, Vitória e Santa Leopoldina são diversas quanto ao aspecto econômico, ao nível de urbanização e à história de formação. Essas diferenças se refletem também no aspecto linguístico, especialmente quando se consideram as classificações distintas quanto ao nível de urbanização e à complexa trama linguística de Santa Leopoldina, em decorrência do processo da colonização por imigrantes.

Para além das inequívocas diferenças que se constatam entre as duas cidades, convém refletir sobre o arranjo particular de Santa Leopoldina: *de que tipo de grupo social estamos falando?* Essa questão vem à tona quando se lança o olhar sobre a pluralidade do perfil do cidadão desse município rural, que pode ser descendente de imigrante ou não, morador do núcleo urbano ou morador do campo. Para respondê-la nos conformes do construto laboviano, segundo o qual a formação da comunidade de fala se dá a partir do compartilhamento de normas e atitudes entre os falantes (Labov, 2008 [1972], p. 150), seriam necessárias não somente as pesquisas de produção e de avaliação linguística, como também um entendimento de como os habitantes se organizam geograficamente no espaço e como interagem entre si.

Os diálogos com leopoldinenses no período de coleta de dados para esta pesquisa, em distintos pontos do município de Santa Leopoldina, sinalizaram a necessidade de uma incursão histórica que alcançasse a transformação dessa cidade ao longo dos últimos dois séculos, com ênfase na sua relação estrita com Santa Maria de Jetibá, município limítrofe, para a compreensão das dinâmicas políticas e linguísticas que subjazem ambos os municípios e que envolvem os habitantes das comunidades situadas nos limites intermunicipais.

De acordo com Raphael Potratz (2019), em pesquisa sobre o processo de urbanização e de industrialização de Santa Maria de Jetibá, o território da antiga colônia de Cachoeiro de Santa Leopoldina se subdividiu em onze pequenas cidades, cada uma com sua estrutura urbana característica. O autor analisa o processo de fragmentação da colônia em três momentos: o primeiro, ao final do século XIX, em função da formação de novas sedes urbanas que serviam de base para o escoamento da produção cafeeira; o segundo, na década de 1960, com novas sedes urbanas surgindo com o advento das primeiras repúblicas; e o terceiro, com o movimento de Emancipações Políticas de 1988 (Potratz, 2019, p. 68). A mancha territorial de Santa Leopoldina se encurtou, pois, expressivamente com o passar dos anos. Um dos últimos municípios a se emancipar em 1988 foi Santa Maria de Jetibá, com forte apelo popular, segundo Potratz (2019, p. 72-73), em virtude da relevância socioeconômica da região em comparação a Santa

Leopoldina, resultado da significativa produção cafeeira, da produção hortifrúti e da agroindústria avícola.

Essas motivações para o movimento de emancipação aventadas pelo autor partem do ângulo da configuração da rede urbana, como desdobramento das políticas de desenvolvimento industrial capixaba. Contudo, a despeito desse cenário econômico-urbano, a colonização pomerana é também fator proeminente que unifica e põe em relevo a população do município de Santa Maria de Jetibá, cujas políticas atualmente legislam fortemente em favor da preservação da cultura e da língua pomerana, diferentemente do município de Santa Leopoldina.

Dois estudos linguísticos feitos em comunidades de Santa Leopoldina e de Santa Maria de Jetibá precisam ser mencionados para fundamentar a questão posta nesta subseção. Em pesquisa sobre a fonética e a fonologia do pomerano na região de Santa Leopoldina, a pesquisadora Shirlei Shaeffer (2012), que é também de origem pomerana e moradora de Santa Leopoldina, pontuou: “Deve-se levar em conta, também, que os falantes de Santa Leopoldina residem em comunidades que fazem divisa com o município de Santa Maria de Jetibá, o que significa que eles frequentam mais o município vizinho do que o próprio, já que se sentem mais acolhidos ou, talvez, pelo maior número de falantes nas ruas da cidade” (Shaeffer, 2012, p. 40). Ou seja, mesmo residindo em Santa Leopoldina, os participantes da pesquisa de Shaeffer, que são todos pomeranos, expressam maior envolvimento no cotidiano de Santa Maria de Jetibá, o que não ocorre, segundo a autora, por razão geográfica (poder-se-ia pensar que por distância do centro urbano), mas por acolhimento ou por identificação linguística com os outros membros.

Brememkamp (2014), em pesquisa sobre a manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, estudou a comunidade de Caramuru, considerando que a sua amostragem pudesse representar de forma geral a comunidade pomerana do município. No entanto, essa é uma comunidade administrativamente fragmentada – embora não se perceba espacialmente ao visitá-la –, havendo uma porção que pertence a Santa Maria de Jetibá e outra que pertence a Santa Leopoldina. Isto é, a comunidade Caramuru e o município de Santa Leopoldina ilustram de forma cristalina o problema do uso de critérios estritamente geográficos para classificar os falantes de uma cidade como comunidade de fala e para se construírem generalizações sem considerarem os arredores e as tramas aí tecidas entre os indivíduos. Em Caramuru, há relatos de situações em que vizinhos de um mesmo edifício apresentam códigos postais distintos, referentes a municípios diferentes.

Apresentados os contextos de Shaeffer (2012) e de Bremenkamp (2014) e observada a Figura 4 (p. 34), em que se ilustra a divisão administrativa de Santa Leopoldina, questiona-se se haveria razão para não serem anexadas ao município de Santa Maria de Jetibá as comunidades a sudoeste do município leopoldinense (Alto Caramuru, Caramuru, Caramuru de dentro, Rio das Farinhas, Luxemburgo de Baixo, Luxemburgo de cima, entre outras), uma vez que em todas elas fala-se o pomerano ou o alemão, contrariamente às comunidades dos outros dois distritos leopoldinenses, onde se fala apenas português.

Após percorrer vários pontos de Santa Leopoldina para entrevistar os participantes desta pesquisa, questionei o último dos entrevistados, residente da porção leopoldinense de Caramuru, o porquê de essas comunidades pomeranas não estarem anexadas ao município de Santa Maria de Jetibá, que é o maior polo capixaba de pomeranos, ao que ele respondeu que, à época da política de emancipação de 1988, critérios demográficos levaram à segmentação dessas regiões, para que se atendesse ao número mínimo de habitantes para que se constituísse um município. A seguir, está a transcrição do trecho da entrevista em que se abordou esse assunto:

(5) E: *por que por exemplo essa região todinha aqui... Caramuru... Luxemburgo... esse peço/ esse pedaço todinho que tem muito pomerano num ficou para Santa Maria? porque é outro perfil que a gente vê lá pra baixo...*
P: *é/ é diferente né? então... eu tenho um amigo que... que fez o... ele é arquiteto... ele fez a pesquisa de mestrado dele/ foi sobre Santa Maria... que que acontece... ele falou comigo/ eu não li/ ele mandou dissertação mas não consegui ler não... é... que que acontece... ele pesquisou a independên/ a emancipação de Santa Maria... eu tinha seis anos de idade quando Santa Maria foi emancipado... o pai desse meu amigo era o prefeito de Santa Leopoldina... é o {H}... é... {R} é o meu amigo... o {H} que foi prefeito Santa Leopoldina e que depois foi várias vezes prefeito de Santa Maria... o {H}... ele assinou a emancipação... e aí o filho dele/ na pesquisa dele/ é filho do ex-prefeito... então assim tem acesso a muito o arquivo né... o próprio pai que é um arquivo ambulante... o pai dele tá bem velhinho é... mas a pesquisa dele já tem uns três quatro anos... aí que que acontece... ele falou que a divisa foi feita ali porque existe um número mínimo de habitantes que um município tem que ter... e se Santa Leopoldina perdesse mais terreno... apesar/ Santa Leopoldina tem um município grande... Santa Leopoldina tem um terrenão...*
E: *tem... mas é pouco populoso...*
P: *pouco populoso... então se a divisa foi/ tivesse/ feito lá embaixo por exemplo onde a gente chama da usina né? da/ da Suíça/ lá embaixo na usina... se tivesse feito ali pra baixo Santa Leopoldina não ia ter a quantidade mínima de ser um município... e aí não poderia emancipar...*
(Santa Leopoldina, pomerano, masculino, ensino superior completo, 42 anos, participante 19)

Investigando essa informação, buscou-se a legislação referente a esse contexto e encontrou-se a Lei Complementar n.º 1, de 9 de novembro de 1967 (Brasil, 1967), que determina, a rigor, que a criação de novos municípios passa inicialmente pela abertura de um processo adminis-

trativo na Assembleia Legislativa do respectivo estado, com a apresentação de ao menos 100 signatários via abaixo-assinado. No curso do processo, são verificados os seguintes requisitos: I) população estimada superior a 10.000 habitantes ou não inferior a cinco milésimos da existente no Estado; II) eleitorado não inferior a 10% da população; III) centro urbano já constituído, com número de casas superior a 200; IV) – arrecadação, no último exercício, de cinco milésimos da receita estadual de impostos (Brasil, 1967).

Em consulta ao Censo do IBGE de 1989, ano seguinte à emancipação de Santa Maria de Jetibá, a população estimada de Santa Leopoldina era de 10.733 habitantes, número bastante próximo do mínimo necessário para a condição de município. Santa Maria de Jetibá, o mais novo município, constava com população estimada de 21.870, mais que o dobro de Santa Leopoldina. Esses dados não comprovam, mas indicam intensamente que, caso não houvesse as porções de comunidades pomeranas anexadas ao município de Santa Leopoldina, o processo de emancipação de Santa Maria de Jetibá talvez não vingasse.

Dito de outro modo, a emancipação de Santa Maria de Jetibá em 1988 determinou quais seriam os contornos do município de Santa Leopoldina, o qual manteve consigo uma porção que, ao que tudo indica, seria incorporada a Santa Maria de Jetibá, mas que, se o fizesse, deixaria Santa Leopoldina à míngua, com poucos habitantes, em quantidade insuficiente para a manutenção do título de município. Essa porção que Santa Leopoldina mantém consigo é de comunidades pomeranas.

Esse panorama dificulta, portanto, a compreensão de Santa Leopoldina como uma única comunidade de fala, dado que suas fronteiras foram determinadas de forma pragmática, por motivação política, mantendo consigo grupos de falantes bilíngues que parecem se identificar mais com grupos de falantes do município vizinho, que possuem em comum sua origem pomerana. Sob a ótica de Guy (2001), de que uma das condições para se constituir uma comunidade de fala é de que o grupo de falantes se comunique mais entre si do que com outros grupos, já se localizam indícios de que nos limites de Santa Leopoldina haveria ao menos duas comunidades de fala: uma composta por falantes de português e pomerano, que frequentam mais a sede de Santa Maria de Jetibá, e outra composta pelos demais habitantes de Santa Leopoldina.

Camila Foeger e Lays Lopes, cientes da heterogeneidade singular do município, ao proporem um estudo sobre a fala de Santa Leopoldina, coletaram uma amostra de fala circunscrita a moradores do campo monolíngues, falantes apenas do português, nos anos de 2011 a 2013. Essa acertada decisão oportunizou trabalhos que exibem contundentes padrões de variação na

fala dos participantes, conforme se verá nas seções cinco e seis desta tese. Restam, no entanto, lacunas sobre os padrões de variação dos falantes da comunidade pomerana, que ocupa uma porção do município de Santa Leopoldina e todo o de Santa Maria de Jetibá, e outra investigação que buscasse compreender as atitudes desses participantes, o que oportunizaria uma discussão mais fundamentada sobre o conceito de comunidade de fala.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme antevisto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 120-121), a missão de estudar as declarações explícitas sobre a língua exige conhecimento detalhado sobre as comunidades investigadas e um considerável refinamento metodológico. Apesar de esses autores se referirem especificamente a objetos que passam por mudança de natureza sonora, a presente pesquisa acrescenta que fenômenos morfossintáticos, como a concordância verbal, devem também ser estudados e necessitam igualmente de aprimoramento, passando por tentativas mais e menos exitosas de estudos de avaliação subjetiva.

O presente capítulo se propõe a relatar as fases conduzidas neste experimento: (i) aproximação das comunidades, (ii) elaboração do questionário de avaliação, (iii) coleta dos dados *online*, que posteriormente deu lugar a entrevistas a campo, (iv) transcrição das entrevistas e (v) definição dos eixos de análise e análise dos dados.

4.1 APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA ÀS COMUNIDADES ESTUDADAS

A aproximação à comunidade de Vitória se deu de forma espontânea, visto que sou natural dessa localidade e vivi toda a minha vida aqui. Essa etapa teve função preambular, especialmente para o momento subsequente de realização das entrevistas, uma vez que o conhecimento das comunidades traria repertório para que os diálogos se estendessem para além das respostas pontuais e deixassem os entrevistados mais à vontade. Na capital capixaba, percebi que conhecer os bairros, a história de ocupação e a urbanização do município, mesmo que superficialmente, alargou as conversas com participantes da terceira idade. Da mesma forma, compreender as dinâmicas atuais de mercado de trabalho e de estudo na região, os meios de transporte, o lazer e a vida noturna deixou os participantes mais jovens mais à vontade para falar. Embora esse discurso não tenha sido registrado nas entrevistas, é comum ouvir de jovens de classe média em Vitória os jargões “Vitória é um ovo”, “Vitória tem três pessoas: eu, você e alguém que a gente conhece”, entre outros. Decerto, são pessoas que já viajaram para grandes metrópoles como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo e que consideram Vitória pacata, pequena e insuficiente na oferta de serviços e de lazer. Ao mesmo tempo, a cidade toma proporções maiores para pessoas que habitam bairros mais vulneráveis e se deslocam diariamente para estudar ou trabalhar nos bairros de classe média – as quais presumivelmente viajam menos.

Em Santa Leopoldina, a relação mais imersiva se iniciou quando do início do meu curso de doutorado, em agosto de 2019, quando também me efetivei no concurso de docente do Instituto Federal do Espírito Santo, em um campus situado em área rural nos limites de Santa Leopoldina e de Santa Maria de Jetibá. Mesmo trabalhando no interior, mantive residência fixa em Vitória. A compreensão das dinâmicas sociais e culturais em Santa Leopoldina se deu principalmente a partir do diálogo com habitantes locais (colegas de trabalho, estudantes, comerciantes) e da observação de suas interações em espaços de socialização (festas municipais, eventos agropecuários, bares, restaurantes, igrejas etc.). Além disso, foi feita leitura e pesquisa sobre a história da comunidade, sobre suas atividades econômicas e sobre a divisão distrital antes de se iniciarem as entrevistas. A ideia era que eu não parecesse tão forasteira aos olhos dos leopoldinenses.

Entre as leituras de teses, dissertações e páginas da internet que envolviam o município de Santa Leopoldina e o município limítrofe Santa Maria de Jetibá, que emancipou de Santa Leopoldina em 1988, sublinha-se o de Shaeffer (2005), que estudou o sistema fonético-fonológico do pomerano falado no Espírito Santo, com base na fala de participantes de comunidades pomeranas de Santa Leopoldina; o de Bremenkamp (2014), que estudou a manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, em comunidades pomeranas situadas na fronteira com Santa Leopoldina; o de Altenhofen *et al*. (2018), que fizeram um inventário da língua hunsrückisch no Brasil, falada em várias comunidades de imigrantes no país, entre as quais algumas situadas em Santa Leopoldina; e o de Potratz (2019), que estudou os processos de urbanização e industrialização de Santa Maria de Jetibá, mas em análise histórica que remonta ao período em que este município ainda estava circunscrito aos limites de Santa Leopoldina. Entre as páginas da internet, consultou-se o site da Prefeitura de Santa Leopoldina, no qual constam dados gerais do município, bem como aspectos da história, da imigração e do território[6]; o site do Instituto Jones Santos Neves, para consulta da distribuição populacional e dos limites administrativos (ISJN, 2011; 2012); o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para consulta de dados do censo e também para conhecimento de dados relacionados à educação, economia, saúde e meio ambiente (IBGE, 2023).[7]

[6] Disponível em: https://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em: 5 set. 2022.

[7] A bibliografia sobre a imigração na colônia de Santa Leopoldina é bastante extensa, mas não fora feita leitura tão aprofundada, já que não está entre os objetivos específicos desta tese. O site https://imigrantes.es.gov.br/, do Arquivo Público do Espírito Santo, é uma fonte de acesso a mais informações sobre esses povos no estado, com sugestões de mais bibliografia e consultas a dados mais específicos de famílias, genealogia, estatísticas etc.

De maneira análoga a Vitória, constatei que compreender a história de Santa Leopoldina e sua divisão administrativa fez diferença no diálogo com pessoas de 50 anos ou mais, assim como o breve entendimento das interações com descendentes de imigrantes e do contato linguístico do português com as línguas de imigração. Com os mais jovens, de 18 a 25 anos aproximadamente, foi importante compreender, da mesma forma que em Vitória, o padrão das dinâmicas de trabalho e de estudo: estagiar de manhã ou à tarde no centro de Santa Leopoldina, tomar o ônibus da prefeitura às 16h40 para as faculdades na Grande Vitória, retornar às 22h30 e chegar em casa entre 23h30 e 0h. No cotidiano escolar do campus onde trabalho – que fica em região limítrofe entre Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá –, é comum se ouvirem comentários jocosos dos moradores do município vizinho, mais urbano e mais populoso, sobre a geografia urbana de Santa Leopoldina, como "Santa Leopoldina só tem uma rua", "Dois caminhões não passam de uma vez" e "Vocês vêm pra escola de charrete?". Falas como essa também ecoam no discurso dos jovens leopoldinenses e podem repercutir em algum nível na compreensão da identidade local.

4.2 ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

O questionário elaborado para esta pesquisa está nos Apêndices B e C, de Vitória e Santa Leopoldina, respectivamente. Ele foi estruturado em três partes, cada qual com diferentes propósitos.

> *Parte I:* Dados pessoais – Essa parte é composta por questões que buscam estratificar os respondentes segundo sua faixa etária, sexo, escolarização e bairro/região distrital. Para os participantes de Santa Leopoldina, acrescentaram-se perguntas sobre sua relação com línguas de imigração.
>
> *Parte II:* Questões abertas de avaliação – Essa parte é composta por questões que buscam evocar impressões e opiniões dos participantes sobre seu jeito de falar e sobre o jeito de falar da sua comunidade. Não há relação direta das perguntas com a concordância verbal em primeira e em terceira pessoa do plural.
>
> *Parte III:* Questões de avaliação e de percepção sobre a concordância verbal – Nessa parte, focaliza-se a concordância verbal variável em primeira e em terceira pessoa do plural, com questões que buscam saber as percepções conscientes e as avaliações dos participantes sobre as variantes e sua ocorrência na comunidade. Há perguntas abertas e questões de múltipla escolha.

Aqui consideramos que as questões abertas de avaliação são aquelas em que os participantes expressam diretamente, de forma explícita, suas impressões sobre sotaques, modos de falar, variedades ou qualquer outro aspecto de uma língua (Oushiro, 2015, p. 32). Uma ocasião oportuna para coletar dados de avaliação seria a própria entrevista sociolinguística, na qual o entrevistador pode realizar perguntas sobre um ou outro fenômeno da língua ou sobre o uso da língua de forma mais geral. Em pesquisa sobre a variação do /e/ nasal como monotongo ou como ditongo, sobre a pronúncia do /-r/ em coda e sobre a concordância nominal, por exemplo, Oushiro (2015, p. 63, 98, 128) relata que os entrevistados foram indagados acerca de alguns usos linguísticos, com a pergunta "O que você acha desse modo de falar?", seguida de uma sentença-alvo. No entanto, as amostras da fala de Vitória e de Santa Leopoldina usadas para os estudos de produção não contemplaram questões diretas sobre a língua, por isso a presente pesquisa traz essa proposta.

A principal referência tomada como base para a elaboração do questionário foi o trabalho de Labov (2006 [1966]) sobre a fala da comunidade linguística de Nova Iorque, em que o linguista estudou o comportamento social dos participantes a partir de cinco variáveis fonológicas. Para tanto, lançou mão de várias técnicas de coleta de dados em uma entrevista dividida em nove partes, com os objetivos de gerar diferentes contextos estilísticos de fala e também de obter as informações perguntadas. Da seção *VII Linguistic attitudes* do questionário de Labov derivou o questionário aplicado nesta pesquisa. Ela consiste de questões abertas que envolvem impressões e opiniões dos participantes sobre a própria fala, sobre a fala de sua comunidade, sobre as possíveis percepções de *outsiders*, entre outros tópicos[8]. Segundo o autor, nessa seção da entrevista linguística, há menos rigor formal, considerando que as questões abertas podem gerar irregularidades nas respostas, com participantes aderindo mais ou menos às discussões conduzidas pelo entrevistador (Labov, 2006 [1966], p. 325). As análises de Labov consideraram aspectos como a apreciação ou não da fala nova-iorquina e as diferentes atitudes de vários grupos de falantes (homens e mulheres, pessoas de diferentes classes sociais, idades e etnias).

Para esta tese, as perguntas da parte II do questionário foram formuladas e revisadas com cautela, para serem bem claras e objetivas, de forma que não se expressassem impressões da entrevistadora sobre os assuntos abordados e também para dar margem a quaisquer respostas,

[8] No capítulo cinco (p. 87), *The linguistic interview*, Labov (2006 [1966]) apresenta a proposta dessa entrevista e pequenos resumos de suas nove seções. No Apêndice A (p. 409-422), *Questionnaire for the ALS Survey*, encontra-se o questionário completo. No capítulo 13 (p. 324), *General attitudes towards the speech of New York City*, o autor faz a análise dos dados gerados na seção *Linguistic attitudes* dessa entrevista.

sem que os respondentes pensassem que houvesse resposta certa ou errada. Mesmo que aqui tratemos de duas comunidades bastante diferentes entre si, a ideia era que o mesmo questionário aplicado a moradores de um município pudesse ser replicado aos de outro, assim como a outras localidades, de outras pesquisas futuras possíveis.

O cuidado foi ainda maior na elaboração das questões que faziam referência ao espaço rural, evitando expressões que pudessem sugerir algum juízo de valor. A palavra roça, por exemplo, é popularmente utilizada em referência a regiões distantes de centros urbanos, no entanto, sabe-se que seu uso pode exceder a acepção geográfica e ser entremeado de atitude negativa para com as pessoas que residem no campo, como se elas tivessem um estilo de vida "atrasado". Portanto, em vez de dizer "pessoas que moram na roça", optamos por dizer "pessoas que moram em áreas rurais". Pelo mesmo motivo, não usamos em momento algum a expressão "caipira".

As questões da parte III trazem à luz os objetos desta pesquisa, com perguntas diretas que envolvem a avaliação e a percepção do participante sobre a variação da concordância em primeira e em terceira pessoa do plural. A partir das respostas a essas perguntas tenciona-se analisar o quão conscientes os falantes são sobre os usos linguísticos referentes a esses fenômenos em sua comunidade, ao se compararem com os resultados das pesquisas de produção já realizadas. Também será possível analisar as avaliações sobre as variantes sem marca explícita de plural, para observar se há diferenças entre a concordância de primeira pessoa do plural e a concordância de terceira pessoa do plural e para compreender os tipos de atitudes.

4.3 A COLETA DE DADOS *ONLINE*

Em princípio, a aplicação do questionário de avaliação linguística consistiria em uma etapa desta pesquisa que subsidiaria a posterior aplicação de um formulário de percepção inconsciente, com uso da *matched-guised technique* (Lambert *et al*., 1960). Fora elaborado um questionário *online*, via Google Formulários, com questões abertas cujas respostas inspirariam a elaboração das perguntas do teste de percepção, a partir das respostas dos participantes, de maneira que nele se refletissem noções que emanassem das compreensões locais sobre a própria língua falada nas comunidades, para além da perspectiva da pesquisadora. Com efeito, apareceram impressões significativas, principalmente dos falantes de Santa Leopoldina, como a constante menção ao "pomerano" e ao "sotaque pomerano", mesmo que nas perguntas não houvesse elementos que conduzissem a isso.

Quadro 1 – Perguntas do formulário *online*

Formulário aplicado em Vitória	Formulário aplicado em Santa Leopoldina
1) Você nota diferenças entre o jeito de falar de pessoas que moram em Vitória e de pessoas que moram em áreas rurais?	1) Você nota diferenças entre o jeito de falar de pessoas que moram na área rural de Santa Leopoldina e de pessoas que moram na capital?
2) Se sua resposta anterior foi sim, me diga como você acha que é o jeito de falar das pessoas de Vitória e das pessoas de áreas rurais.	2) Se sua resposta anterior foi sim, me diga como você acha que é o jeito de falar das pessoas da área rural de Santa Leopoldina e das pessoas de Vitória.
3) O que você pensa sobre o seu próprio jeito de falar?	3) O que você pensa sobre o seu próprio jeito de falar?
4) De qual jeito de falar você gosta mais: do das pessoas de Vitória, do das pessoas de áreas rurais, ou tanto faz? Por quê?	4) De qual jeito de falar você gosta mais: do da sua região, do de pessoas de Vitória ou tanto faz? Por quê?
5) Você acha que as pessoas de fora estranham o jeito de falar de onde você mora? Se sim, por quê?	5) Você acha que as pessoas de fora estranham o jeito de falar de onde você mora? Se sim, por quê?
6) Você alguma vez tentou mudar seu jeito mais natural de falar para se sentir mais à vontade em alguma situação? Em que ocasião? O que exatamente você acha que mudou?	6) Você alguma vez tentou mudar seu jeito mais natural de falar para se sentir mais à vontade em alguma situação? Em que ocasião? O que exatamente você acha que mudou?
7) O que você acha desse modo de falar: "Neste fim de semana, NÓS VAI visitar nossos primos"?	7) O que você acha desse modo de falar: "Neste fim de semana, NÓS VAI visitar nossos primos"?
8) Entre as frases abaixo, quais você acha que parecem naturais para as pessoas de Vitória? Assinale quantas julgar necessárias. ☐ Nós conversamos bastante com ela. ☐ Nós conversa bastante com ela. ☐ Nós vamos almoçar em família hoje. ☐ Nós vai almoçar em família hoje. ☐ Nós fomos visitar nossa tia. ☐ Nós foi visitar nossa tia. ☐ Nós tínhamos que ir pra escola. ☐ Nós tinha que ir pra escola. ☐ Nós gostamos de conversar. ☐ Nós gosta de conversar.	8) Entre as frases abaixo, quais você acha que parecem naturais para as pessoas de Santa Leopoldina? Assinale quantas julgar necessárias. ☐ Nós conversamos bastante com ela. ☐ Nós conversa bastante com ela. ☐ Nós vamos almoçar em família hoje. ☐ Nós vai almoçar em família hoje. ☐ Nós fomos visitar nossa tia. ☐ Nós foi visitar nossa tia. ☐ Nós tínhamos que ir pra escola. ☐ Nós tinha que ir pra escola. ☐ Nós gostamos de conversar. ☐ Nós gosta de conversar.

Destaca-se que as perguntas realizadas nesta etapa *online* foram reproduzidas nos questionários feitos de forma presencial, em etapa posterior (consultar Apêndices B e C), aos quais acrescentaram-se ainda outras perguntas, conforme já visto na seção anterior desta tese.

Os exemplos de respostas a seguir correspondem à pergunta "O que você pensa sobre o seu próprio jeito de falar?". Esses participantes não estão identificados por números pois não fazem parte dos falantes entrevistados pessoalmente.

(6) *Um jeito que puxa um sotaque muito para o lado pomerano, com aquela sonorização de pessoas estrangeira, o famoso sotaque de alemão;*
(Santa Leopoldina, pomerano, masculino, ensino fundamental incompleto, 58 anos)

(7) *O meu sendo Pomeranos, por vezes penso que para os outros é engraçado e penso que é motivo de piada entre muitos, contudo, mesmo eu não falando outra língua, o convívio com meus familiares e amigos me fizeram crescer com sotaques, o que me enche de orgulho...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino superior incompleto, 20 anos)

(8) *Meu jeito de falar está vinculado com a cultura pomerana, puxando o sotaque dos meus familiares de falar.*
(Santa Leopoldina, pomerano, masculino, ensino médio incompleto, 18 anos)

A aparição sucessiva da referência ao pomerano em resposta a essa e a outras questões revela que a caracterização linguística de Santa Leopoldina deve perpassar o contato linguístico com esse povo e que essa língua é componente que não só caracteriza o jeito de falar mais coletivo de Santa Leopoldina, como também a fala individual de vários participantes. A aplicação do teste de percepção em etapa posterior poderia, portanto, contemplar o elemento "pomerano" ou "sotaque pomerano". Ademais, seria possível conduzir uma investigação mais acurada sobre um possível prestígio encoberto caso as variantes com verbo no singular fossem associadas ao "pomerano", ao "sotaque pomerano" e avaliadas de forma positiva pela comunidade. Ressalta-se que a expressão "sotaque" foi recorrente nas respostas dessa comunidade, geralmente associada ao contato com a língua de imigração.

Mesmo com contribuições indispensáveis para a estruturação de um questionário de percepção, essa etapa foi menos proveitosa do que se previa de acordo com o propósito desta pesquisa, pois as respostas ao questionário *online* em Santa Leopoldina foram poucas e se limitaram a participantes mais jovens, ou mais escolarizados, ou com mais costume de uso do teclado do aparelho celular, ou com acesso fácil à internet. Alguns participantes possivelmente apresentavam todas essas características. Tal fato se mostrou seriamente limitante, uma vez que não se contemplavam as participações das pessoas mais velhas, ou menos escolarizadas, ou menos habituadas a escrever mensagens de texto[9], ou com menos acesso à internet – fator característico de habitantes de localidades distantes do centro da cidade, os quais, precisamente, são foco desta pesquisa.

Outro fator limitante do teste *online* foi a ocorrência de respostas curtas, como "sim", "não", "não sei", "não acho", que podem se justificar pela impaciência do respondente ou pela falta de disposição para elaborar uma resposta. Além disso, algumas respostas apenas tangencia-

[9] A interação que tenho com algumas pessoas que moram no campo em Santa Leopoldina, com faixa etária entre 50 e 70 anos e pouca escolarização, tem revelado a preferência por mensagens de áudio no *WhastApp*, em vez de mensagens de texto. Algumas nem mesmo respondem a mensagens de texto, apenas a mensagens de áudio. Isso pode sinalizar dificuldades com a escrita ou mesmo a ausência de alfabetização em língua portuguesa.

vam as questões, demonstrando uma possível incompreensão de algumas perguntas ou desatenção, o que, em algum nível, poderia obstruir o alcance dos objetivos desta pesquisa.

Por essas razões, o teste de avaliação via formulário *online* deu lugar a um teste aplicado presencialmente pela própria pesquisadora, com vistas a alcançar de forma mais acertada o público-alvo da pesquisa e lograr um conteúdo mais substancial. Esse contato pessoal com os participantes acabou por originar um corpus robusto, que por sua vez se tornou o cerne deste trabalho, reservando para pesquisas futuras o teste de percepção, com as devidas análises quantitativas.

Não se descartou, porém, por completo, o material gerado no experimento *online*. No item 7.4 desta tese, serão analisados os gráficos gerados a partir das respostas à última questão do teste *online*, em diálogo com os resultados das pesquisas de produção realizadas nas duas comunidades sobre o uso variável da primeira pessoa do plural.

4.4 A PESQUISA QUALITATIVA

Com a decisão de coleta de dados por meio de entrevistas presenciais, fez-se necessária a familiarização das proposições do método de pesquisa qualitativo. Citam-se aqui as concepções do método qualitativo propostas para pesquisas sociais pelo sociólogo e metodólogo Mario Cardano, no livro *Manual de Pesquisa Qualitativa* (2017). Diferentemente da tradição de pesquisas quantitativas, que operam com grande base de dados e análises estatísticas, alicerçadas na teoria da probabilidade, o método qualitativo parte da teoria da argumentação, que se ocupa do discurso persuasivo posto em condições de razoabilidade e de aceitabilidade, por meio de um conjunto de proposições apresentadas para provar ou refutar alguma ideia (Cardano, 2017, p. 15).

Ressalta-se que, postos lado a lado, o método quantitativo e o método qualitativo não são considerados opostos.

> Tanto a teoria da argumentação quanto a teoria da probabilidade oferecem uma solução convincente à antítese entre a pesquisa de uma verdade absoluta e a renúncia a essa mesma ideia de verdade, o estatuto epistêmico das asserções produzidas será, em um caso, provável; em outro, verossímil, colocando-se, cada um à sua maneira, no interior daquele continuum ideal cujos extremos definem os polos da antítese. Cada moldura teórica dá o melhor de si em um contexto específico e, para a pesquisa qualitativa, dar o melhor de si é, sem dúvida, a teoria da argumentação (Cardano, 2017, p. 20).

Um traço comum entre as pesquisas qualitativas é a preferência pelo aprofundamento de algum tema, investigando-o em suas minúcias em um estudo mais intensivo, que ocorre medi-

ante a aproximação entre o observador e o objeto observado. Para isso, segundo Cardano (2017), são três os métodos tradicionalmente utilizados: a observação participante, a entrevista discursiva e o grupo focal. Na *observação participante*, o pesquisador imerge no contexto em que toma forma o seu objeto de investigação e interage com as pessoas de um dado ambiente em variados graus de envolvimento, por variados períodos, a depender do que busca descrever. É a principal técnica da pesquisa etnográfica. A documentação que será submetida à análise será as notas de campo (ou notas etnográficas), registradas pelos pesquisadores nos momentos das experiências. A *entrevista discursiva* é uma interação entre pesquisador (ou colaborador) e entrevistado, orientada com base nos conteúdos que surgem na interlocução, sem forma predeterminada. O *grupo focal* é uma técnica de interação em grupo em que o esforço do pesquisador consiste em gerar uma discussão em grupo e não várias entrevistas. A documentação empírica da entrevista e do grupo focal é a transcrição dos áudios ou dos vídeos gravados quando da coleta do material (Cardano, 2017).

A estrutura de perguntas abertas proposta pelo questionário elaborado nesta pesquisa se assemelha ao método de entrevista discursiva, pois é previsto espaço para as diversas incursões que os participantes realizam e que podem, por casualidade, mudar o rumo da interlocução.

4.5 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

O contato com o público-alvo desta pesquisa para a coleta de dados nos municípios de Vitória e de Santa Leopoldina foi mediado por membros das comunidades já conhecidos por mim, para que se abrissem portas para um diálogo menos cerimonioso e protocolar. Por isso, em algumas entrevistas de Santa Leopoldina, houve a presença de uma terceira pessoa no recinto, que proporcionou o contato com o participante e que eventualmente interagiu no curso da interlocução.

No início de cada procedimento, apresentava-me como professora e pesquisadora e expunha a proposta do experimento, sem entrar em detalhes. Em seguida, perguntava se era de livre e esclarecida vontade que cada pessoa aceitava participar da entrevista[10]. Quando um pesquisador apresenta a si e as suas intenções, é esperada não somente a participação, como também a cooperação do entrevistado, o que nem sempre ocorre, por razões diversas que fogem do con-

[10] Ressalta-se que a proposta foi submetida ao Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, uma vez que trabalha com seres humanos.

trole do pesquisador, mas que são comuns desse procedimento de coleta de dados. São exemplos as respostas excessivamente pontuais, a esquiva a perguntas, a chegada de mais pessoas ao recinto, a divagação sobre temas não relacionados ao que fora perguntado, entre outros. Em função disso, houve empenho em adaptar os procedimentos às características de cada contexto no curso de algumas entrevistas – o que já se espera de uma pesquisa que se vale desse método de coleta de dados. A esquiva a perguntas geralmente decorre de desatenção, mas também pode ser por desconforto do entrevistado em responder sobre um assunto que lhe é sensível.

Foram gravadas ao todo 13 entrevistas em Vitória e 25 entrevistas em Santa Leopoldina. Desse último município, consta um diálogo com vários membros de uma mesma família, a qual, em páginas posteriores e no Apêndice D, será identificada "família {B}" e receberá especial atenção no item *7.1.3 Entrevista na vila {B}, Santa Leopoldina*. Do total de 38 gravações, foram analisados excertos das falas de 28. Os demais participantes fazem parte da base de dados, mas, nos recortes de análise desta tese, sua colaboração não está expressa.

Apesar de a amostra não ter sido estratificada, isto é, não ter se orientado para buscar, a priori, participantes que representassem as macrocategorias sociais tradicionalmente estudadas nas pesquisas de produção da sociolinguística quantitativa, os participantes estão identificados nos exemplos apresentados nesta tese pela indicação de alguns grupos sociais aos quais pertencem. Nos Apêndices D e E observa-se sua caracterização de acordo com o sexo (masculino ou feminino), estudos (fundamental incompleto [até a quarta série], fundamental completo, médio completo, médio incompleto, superior completo, ou superior incompleto), idade, ocupação, comunidade ou bairro (no caso de Santa Leopoldina e Vitória, respectivamente) e a relação com alguma língua de imigração (no caso de Santa Leopoldina).

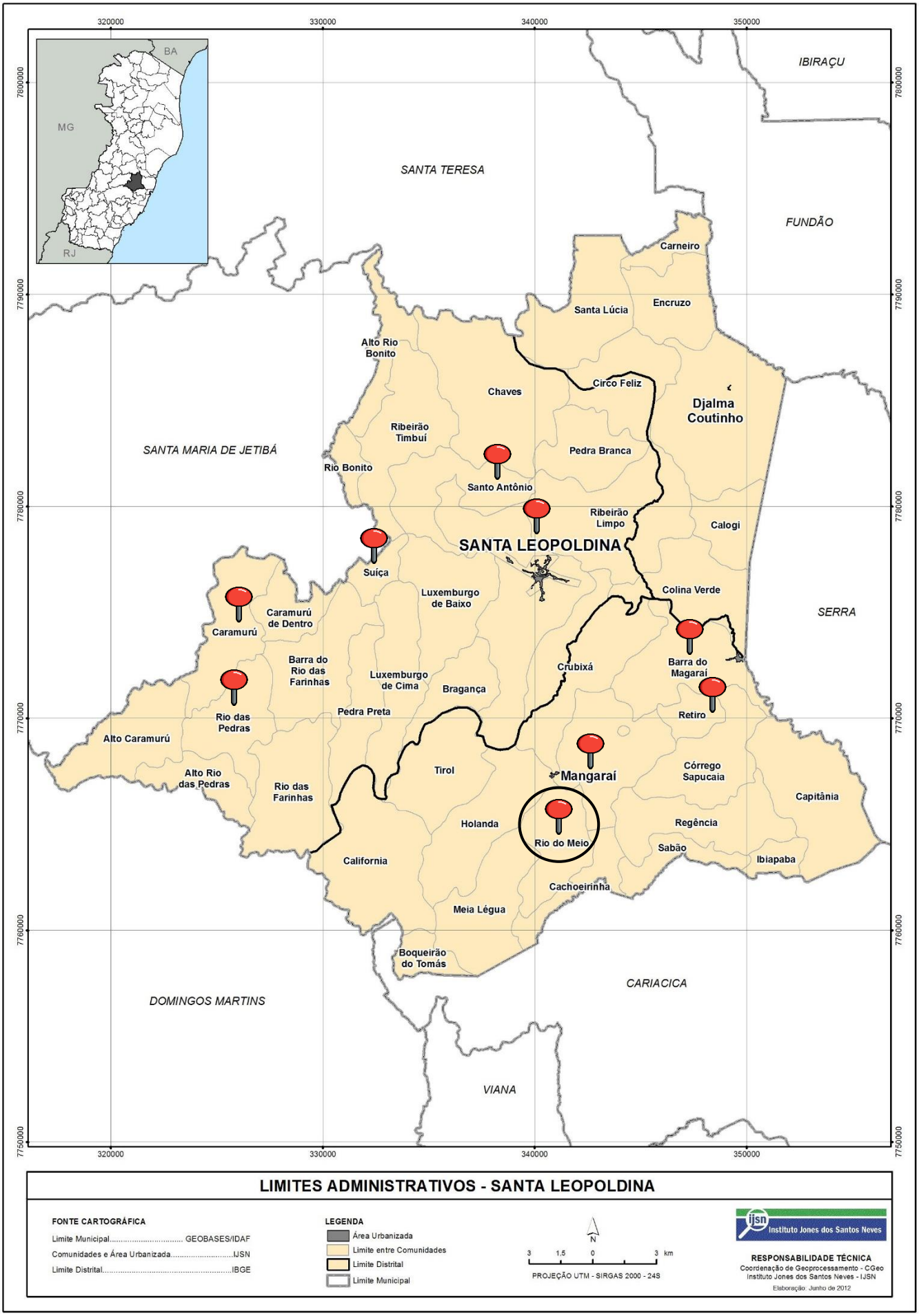
O número mais elevado de gravações em Santa Leopoldina se justifica pela maior colaboração e receptividade destes participantes, que espontaneamente, na mesma ocasião, convidavam outras pessoas para também participarem deste experimento. A entrevista mais curta durou 6 minutos, e a mais comprida, 1 hora e 13 minutos. Quando um participante se interessava mais por algum tópico, a conversa se prolongava, o que foi bastante producente, conforme se verá no capítulo de análises. Os participantes eram estimulados a falar o quanto fosse possível, não somente para que se gerassem mais dados, mas também para tentar deixá-los mais à vontade com a situação. É digno de nota que, após encerradas algumas entrevistas, quando eu desligava o gravador e agradecia a participação, vários entrevistados retomavam o diálogo, com novos e até mesmo surpreendentes comentários, que, lamentavelmente, não ficaram re-

gistrados. Isso ocorreu com mais frequência com falantes mais jovens do município de Santa Leopoldina, especialmente se havia algum familiar ou amigo no recinto.

Houve colaboração da professora e pesquisadora Shirlei Shaeffer para a coleta de quatro entrevistas em Rio das Pedras, comunidade a oeste de Santa Leopoldina. Os participantes entrevistados pela pesquisadora já a conheciam de longa data por serem seus vizinhos e são de origem pomerana, assim como ela.

A Figura 5 exibe os limites administrativos do município de Santa Leopoldina, e os pins marcam as comunidades visitadas para a realização das entrevistas, sendo que a comunidade circulada, Rio do Meio, corresponde ao lugar onde se gravou a entrevista 25, com os participantes da “família {B}”, conforme análise no item 7.1.3. Observa-se que a coleta de dados abrangeu de moradores de áreas diversas, que, por sua vez, são também bastante diversas umas das outras, especialmente no aspecto do monolinguismo e bilinguismo e do trabalho na cidade e no campo.

Figura 5 – Comunidades visitadas para a coleta dos dados no município de Santa Leopoldina/ES



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012, *online*, com destaques feitos pela autora).

Caramuru e Rio das Pedras são comunidades rurais com significativa presença de descendentes de imigrantes. Entre as línguas faladas por muitos de seus membros, encontram-se o pomerano, o alemão e o dialeto alemão hunsrückisch. Nas comunidades Suíça e Centro de Santa Leopoldina, os entrevistados falam apenas português e o contato com falantes de línguas de imigração é ocasional, em suas relações de trabalho. Os participantes de Suíça não se consideram moradores do interior do município, visto que suas casas estão à beira da ES-264, a quatro quilômetros do Centro, que é área urbanizada. Além disso, não são agricultores. Os moradores das comunidades rurais Santo Antônio, Mangaraí e Rio do Meio são monolíngues e vivem da produção agrícola. Todos relataram pouca ou nenhuma interação com descendentes de imigrantes. Retiro é comunidade quilombola, seus falantes são monolíngues e trabalham, em geral, no ramo comercial, em regiões próximas ou no Centro de Santa Leopoldina.

No que se refere às gravações na capital Vitória, houve uma tentativa de percorrer diferentes bairros e alcançar diferentes perfis sociais para participar deste experimento, com diferentes faixas etárias e níveis de escolarização. Entre as dificuldades para se chegar a um número mais elevado de participantes, destaca-se a falta de tempo ou disposição para a entrevista e a origem dos falantes, pois muitos nasceram em outras cidades da Grande Vitória, ou até mesmo no interior, e migraram para a capital. O mapa a seguir, na Figura 6, exibe os bairros onde vivem os entrevistados na capital Vitória, marcados com pins.

Figura 6 – Bairros visitados para a coleta de dados na capital Vitória/ES

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2012, *online*, com destaques feitos pela autora).

4.6 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram transcritas por meio do *software* Transkriptor[11], que é uma ferramenta de transcrição automática que pode processar áudios e converter a fala em texto escrito. Em se tratando da transcrição de áudios com mais de um falante, ele utiliza uma técnica chamada *detecção de diarização de locutores*, que permite identificar diferentes vozes no áudio e atribuir um "rótulo" a cada uma delas. O Transkriptor não nomeia os falantes, mas indica, por exemplo, "Falante 1", "Falante 2", e assim por diante, conforme o comando do usuário, separando os blocos de fala de cada pessoa. Após a detecção dos diferentes falantes, o texto transcrito pelo software é segmentado por quem falou, o que permite a leitura e o entendimento de conversas com múltiplas pessoas. Para a obtenção de resultados mais precisos, o ideal é que os arquivos de áudios apresentem boa qualidade e que os falantes se expressem de forma clara e sem sobreposição, para que o algoritmo diferencie melhor as vozes.

Após a geração automática dos textos das gravações, foi feita uma revisão manual detalhada, com correções, ajustes e adaptações sociolinguísticas às transcrições, com atenção especial aos trechos que foram citados nesta tese. Utilizaram-se “E:” para indicar a fala da entrevistadora, “P:” para indicar a fala do participante, “P1”, “P2” e “P3” para indicar quando houvesse mais de um participante no ambiente no momento de gravação. As reticências foram usadas para indicar pausas curtas, a barra para indicar truncamentos e (inint.) para trechos ininteligíveis, tal qual a convenção de transcrição de várias amostras de fala de entrevistas sociolinguísticas. Os nomes próprios de pessoas eventualmente mencionados foram indicados somente com a primeira letra do nome entre chaves.

[11] Disponível em: https://transkriptor.com/. Acesso em: jul. 2023.

PARTE II

REVISÃO DE ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA E EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

5 ALGUNS ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

5.1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sociolinguísticas sobre a concordância verbal em terceira pessoa do plural no português brasileiro (PB), no âmbito da produção, ainda têm sido mais numerosas que as pesquisas em primeira pessoa do plural, sobretudo em regiões mais centrais de comunidades urbanas e mais ainda nas capitais. Parece adequado admitir que a motivação para essa tendência seja a impressão do pesquisador de que a concordância em terceira pessoa do plural em localidades urbanas seja mais variável que em primeira pessoa do plural. Naro (1981) e Naro, Görski e Fernandes (1999) atribuem essa tendência à alta consistência fônica do morfema de primeira pessoa do plural *–mos* acrescido ao final dos verbos (*fala vs. fal<u>amos</u>; bebe vs. be-b<u>em</u>*) – embora também haja contextos de alta saliência na concordância em terceira pessoa do plural (*falou vs. falaram; fez vs. fizeram*).

Decerto, numerosas pesquisas mostram que nas áreas urbanas há menos variação nos verbos na primeira pessoa do plural, com sua maioria expressiva apresentando marcas explícitas de concordância, ao passo que os verbos de terceira pessoa do plural apresentam menos marcas de plural, embora igualmente com percentuais globais elevados de marca explícita. Como exemplos, apresentam-se na Tabela 1 os resultados de Scherre e Naro (2014), sobre a fala do Rio de Janeiro, com amostras dos anos de 1980 e 2000; de Oushiro (2015), sobre a fala de São Paulo/SP; de Monteiro (2020) e de Brandão e Vieira (2012), sobre a fala de Nova Iguaçu/RJ[12]; de Benfica (2016), sobre a fala de Vitória/ES; de Rubio (2008; 2012), sobre a fala de São José do Rio Preto/SP; e de Mattos (2013), sobre a fala de Goiás. Ainda constam nessa tabela resultados da pesquisa de Bortoni-Ricardo (1985), sobre a fala de Brazlândia, cidade satélite de Brasília, em que se nota também frequência mais elevada para a primeira pessoa do plural, mas em proporções diferenciadas se comparadas às demais pesquisas de áreas urbanas. Isso se explicaria pela origem rural dos entrevistados, que, mesmo vivendo em área urbana, conservaram alguns traços linguísticos de onde vieram. Por isso a autora apresenta o conceito de “rurbano” para caracterizar essa comunidade (Bortoni-Ricardo, 1985, p. 9).

[12] A concordância em primeira e em terceira pessoa do plural às vezes é sistematicamente estudada de forma separada por diferentes pesquisadores, como no caso de Nova Iguaçu.

Tabela 1 – Índices de uso da marca explícita de concordância em primeira e em terceira pessoa do plural em comunidades urbanas

Comunidades	1PP[13]		3PP	
	Proporção	Frequência	Proporção	Frequência
Rio de Janeiro/RJ (Scherre; Naro, 2014, p. 335) Amostra Peul (1980 e 2000) 32 falantes	-	-	Amostra 1980 73% Amostra 2000 83%	Amostra 1980 3.369/4.660 Amostra 2000 1.708/2.059
São Paulo/SP (Oushiro, 2015, p. 171) Amostra Gesol (2009-2013) 64 falantes	90,6%	973/1.074	87,4%	8.289/9.480
Nova Iguaçu/RJ (Brandão; Vieira, 2012, p. 1040; Monteiro, 2020, p. 41) Corpus Concordância (2008-2011) 18 falantes	99,4%	153/154	78,1%	1.036/1.297
Vitória/ES (Benfica, 2016, p. 73; 41) Amostra Portvix (2001-2003) 46 falantes	90,4%	471/521	78,8%	2.439/3.095
São José do Rio Preto/SP (Rubio, 2012, p. 262; 2008, p. 81) Amostra Iboruna (2004-2007) 64 falantes	85,5%	488/570	70%	2.314/3.308
Fortaleza/CE (1PP: Carvalho; Freitas; Favacho, 2020, p. 37) Português Oral Culto de Fortaleza (1993-1996) 35 entrevistas (3PP: Pereira; Araújo, 2018, p. 28) Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (2003-2006) 72 entrevistas	99,7%	378/379	65,4%	2.283/3.489
Goiás Mattos (2013, p. 82)* 55 falantes	75%	487/649	-	-
Brazlândia/DF Bortoni-Ricardo (1985, p. 213; 205) (1980-1981) 118 falantes	56%	685/1.224	35%	806/2.295

Fonte: elaboração própria. *Essa autora coloca em seu texto a proporção de ausência de concordância plural. Para a elaboração desta tabela, foram feitos cálculos proporcionais dos valores para que ficassem mais comparáveis aos resultados das demais pesquisas.

Em Goiás, a pesquisa se deu com base na fala de participantes de 20 cidades goianas diferentes. Chegou-se a um percentual de concordância em primeira pessoa do plural de 75%, um pouco abaixo da média dos demais municípios urbanos, embora não tão baixo como o de

[13] Na exibição de alguns dados, serão usadas eventualmente as abreviaturas 1PP, em referência à primeira pessoa do plural, e 3PP, em referência à terceira pessoa do plural.

Brazlândia. A autora atribui o cenário de *nós* sem *-mos* nessa grande comunidade goiana a um contexto de valorização dessa estrutura, que ultrapassou o desenvolvimento urbano e seus desdobramentos e que atualmente é reconhecido como um elemento do patrimônio cultural e linguístico (Mattos, 2013, p. 123).

Em comunidades na periferia dos centros urbanos ou mesmo fora dos limites urbanos, as pesquisas sociolinguísticas se voltam com mais frequência para o estudo da concordância variável em primeira pessoa do plural, pois possivelmente sejam bastante aparentes as ocorrências da variante não marcada da concordância verbal em primeira pessoa do plural. São exemplo as pesquisas de Naro *et al*. (2017), sobre a fala na área rural de Santa Leopoldina/ES; de Silva e Carvalho (2010), sobre a fala de Martinópolis, distrito situado na área rural do município de Bandeirantes/TO; de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), sobre a fala em algumas comunidades rurais afro-brasileiras na Bahia; de Pereira (2004), sobre a fala de idosos da área rural na região das Trilhas das Bandeiras Paulistas (SP/MG); e de Silva (2021), sobre a fala da área rural de Pariconha/AL. Mais uma vez, aparece a pesquisa de Bortoni-Ricardo (1985), sobre a fala de Brazlândia, comunidade caracterizada pela autora como rurbana.

Tabela 2 – Índices de uso da marca explícita de concordância em primeira e em terceira pessoa do plural em comunidades rurais ou periféricas

Comunidades	1PP		3PP	
	Proporção	Frequência	Proporção	Frequência
Santa Leopoldina/ES (3PP por Lopes, 2020, p. 109; 1PP por Naro *et al*., 2017, p. 222) Coleta entre 2011 e 2013 44 entrevistados (3PP) 32 entrevistados, (1PP) Dois níveis de escolarização (1-4 anos; 5-8 anos)	47,60%	386/816	50,2%	1.441/2.873
Martinópolis/TO (Silva; Carvalho, 2010, p. 32) 6 entrevistados com até 4 anos de escolarização	18,84%	13/69	-	-
Comunidades afro-brasileiras/BA (Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 349; 361) Corpus Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. Analfabetos e Semianalfabetos Coleta em 2002 28 entrevistados 3 faixas etárias	18%	84/475	16%	273/1.706
Trilhas das Bandeiras Paulistas (SP/MG) (Pereira, 2004, p. 103)* Projeto Filologia Bandeirante 15 entrevistados idosos (média de 78 anos)	33%	105/317	24%	125/520
Pariconha/AL (Silva, 2021, p. 72) 45 entrevistados, três níveis de escolarização, mas poucos participantes mais velhos Coleta em 2019	51%	135/263	-	-
São Paulo/SP: Português popular Rodrigues (2004, p. 118)* 1986 Adultos de baixa ou nula escolaridade, moradores de favelas, de diversas procedências 40 entrevistados	54%	372/693	29%	438/1.396
Brazlândia/DF Bortoni-Ricardo (1985, p. 205; 213) Coleta entre 1980 e 1981 118 entrevistados	56%	685/1.224	35%	806/2.295

Fonte: elaboração própria. *Esses autores colocam nos textos originais as proporções de ausência de concordância plural. Para a elaboração desta tabela, foram feitos cálculos proporcionais dos valores para que ficassem mais comparáveis aos resultados das demais pesquisas.

Ao passo que as pesquisas exemplificadas na Tabela 1, sobre a concordância verbal em terceira pessoa do plural, são compostas por amostras de bancos de dados de grandes projetos, com macrocategorias sociais bem estratificadas, observa-se que as pesquisas da Tabela 2, sobre a concordância verbal em primeira pessoa do plural, não seguem uma mesma configuração de

estratificação. Atribui-se essa circunstância ao fato de não se encontrarem nessas comunidades rurais e periféricas participantes que preenchessem os grupos de cada macrocategoria, especialmente no que diz respeito à escolaridade, o que as torna menos comparáveis entre si para estudos mais análogos, diferentemente das pesquisas da Tabela 1. No entanto, em termos de frequências gerais, duas tendências podem ser inferidas: (i) as comunidades urbanas exibem índices consideravelmente maiores de marcação de plural nos verbos do que as comunidades rurais e periféricas; (ii) os verbos de primeira pessoa plural tendem a apresentar mais marcação de plural que os verbos de terceira pessoa do plural.

Não à toa a pesquisa de Bortoni-Ricardo (1985) apareceu em ambas as tabelas: uma vez que a autora considera Brazlândia uma comunidade rurbana, convém compará-la às diversas amostras do português falado, tanto rurais quanto urbanas. Constata-se que seus resultados estão mais próximos dos da amostra do português popular de São Paulo (Rodrigues, 2004), o que poderia conduzir ao entendimento de que comunidades periféricas podem apresentar padrão intermediário, com frequências de marca plural não tão altas quanto às frequências das regiões urbanas centrais, mas nem tão baixas quanto às frequências das comunidades rurais. Contudo, observa-se também que as frequências de Brazlândia e da periferia de São Paulo, e também de Santa Leopoldina, comunidade estritamente rural, não estão tão díspares – não por acaso, as três apresentam amostras um pouco mais robustas que as demais amostras da Tabela 2. Portanto, é difícil levantar inequivocamente uma grande hipótese.

Sendo assim, para além da alegação mórfica/fônica que justificaria a incidência mais elevada de *–mos* nos centros urbanos (Naro, 1981; Naro; Görski; Fernandes, 1999), há que se considerar que existam também motivações sociais que compõem esse panorama, haja vista que a alternante sem marca explícita de primeira pessoa do plural, sem a desinência *–mos*, seja socialmente mais estigmatizada possivelmente por ser observada com mais frequência na fala de pessoas de áreas rurais, de periferias dos centros urbanos, menos escolarizadas e de classes sociais mais baixas.

Os excertos a seguir ilustram as variações em terceira pessoa do plural e em primeira pessoa do plural nas amostras de fala de Vitória e de Santa Leopoldina (Foeger, 2014; Benfica, 2016; Lopes, 2020).

(9) P: *não sei como que eles* ***consegue*** *chegar lá no final... cara eles* ***bebem*** *em todos os bares até o caminho da romaria... todos têm bar pra caramba até lá* (risos) *eles* ***saem*** *assim... três horas antes e* ***chega*** *lá... junto com o pessoal muito massa*
Amostra Portvix, Vitória/ES (masculino, 15-25 anos, ensino superior)

(10) P: *aí nós* ***pegamos*** *o barco de noite... tava na época do caranguejo...* ***fomos*** *lá no Lameirão... aí nós* ***tava*** *desse lado de cá... já tinha dois saco de caranguejo já dentro do dentro do barco...* [...] *aí na hora que nós* ***entramos*** *pra dentro do do... do mangue...* ***botamos*** *o barco assim na beirada do barranco...* ***começamos*** *a pegar caranguejo é muito mesmo...*
Amostra Portvix, Vitória/ES (masculino, ensino fundamental, 26-49 anos)

(11) E: *uh... e como que é a história do crepúsculo e o lua nova?*
P: [...] *aí eles* ***começou*** *a se gostar...* ***namoraram****...aí no caso tinha outro menino também... que gostava dela... que eu acho que era o jek... eu não sei... num lembro o nome do menino... que era um lobo...*
Amostra Santa Leopoldina/ES (feminino, 7-14 anos, ensino fundamental incompleto)

(12) E: *ah! e me fale mais da quadrilha!*
P: *nós* ***dança*** *assim... aí tem um buraco assim para nós* ***passar...*** *aí nós* ***passa*** *por baixo, quem for o último vai passando* [...]
Amostra Santa Leopoldina/ES (feminino, 7-14 anos, ensino fundamental incompleto)

Os exemplos (9) e (10), da amostra Portvix, constituem *supertokens* (Tagliamonte, 2012, p. 111), pois em um mesmo recorte discursivo aparecem paralelamente as formas variantes do fenômeno em análise. No exemplo (9), notam-se formas verbais de saliência mais baixa em terceira pessoa do plural, ilustrando as duas variantes com a mesma marca de sujeito pronominal, no presente, ora com marca explícita de concordância, (*eles bebem*), ora com marca zero (*eles consegue*, *Ø chega*). No exemplo (10), observamos a incidência de estruturas de primeira pessoa com a marca *–mos* de forma mais abundante (*pegamos*, *fomos*, *entramos*, *botamos*, *começamos*), com ou sem a presença do sujeito pronominal, e somente uma ocorrência de estrutura sem a marca *–mos* (*nós tava*), no pretérito imperfeito, precisamente o tempo verbal com menor incidência da marca *–mos* na amostra do português de Vitória, conforme se explanará nas páginas seguintes.

O exemplo (11), da amostra de Santa Leopoldina, constitui também um *supertoken*, com verbos de terceira pessoa de mesma saliência entre as estruturas de pretérito perfeito singular e plural (*começou*/*começaram*, *namorou*/*namoraram*), sendo o primeiro, com desinência plural, acompanhado do sujeito pronominal, e o segundo, sem desinência plural, sem marca explícita de sujeito, mas com a desinência plural no verbo marcando o número. No exemplo (12) observam-se estruturas paralelas exibindo o mesmo padrão, com marca explícita de sujeito pronominal e sem a marca plural *–mos*.

A escolha pela pesquisa ou em primeira pessoa ou em terceira pessoa do plural pode sinalizar uma particularização ainda pouco discutida sobre os sistemas variáveis de primeira e de terceira pessoa do plural: trata-se de duas variáveis diferentes ou de apenas uma?

Rubio (2012) realizou estudo sobre a concordância em primeira e em terceira pessoa do plural no português europeu e no português de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, separadamente, sem, contudo, comentar essa escolha teórico-metodológica. Sua discussão se centrava nos contrastes entre português brasileiro e português europeu. Por outro lado, Oushiro (2015), em pesquisa sobre a concordância verbal na fala paulistana, em uma análise contrastiva entre primeira e terceira pessoa do plural, conclui que ambas seguem os mesmos padrões de variação, podendo, portanto, serem consideradas uma mesma variável sociolinguística, pois as duas "[...] se correlacionam com um mesmo conjunto de variáveis independentes, que são selecionadas na mesma ordem de importância e com a mesma hierarquia interna de restrições para cada variável" (Oushiro, 2015, p. 163). Já Benfica (2016), em pesquisa sobre a concordância verbal na fala de Vitória/ES, analisa separadamente dados de primeira e de terceira pessoa do plural, por entender que as diferenças entre os índices de incidência na fala e os percentuais gerais de concordância sinalizassem que as duas variáveis não estivessem tão pareadas e por considerar os estudos pregressos que já delineavam envelopes de variação diferentes para a primeira e a terceira pessoa do plural (Naro, 1981; Naro, Görski; Fernandes, 1999).

Partindo dessa contextualização, este capítulo propõe uma revisão comparativa entre estudos de produção de primeira e de terceira pessoa do plural à luz dos fatores linguísticos e sociais associados ao que, em princípio, compreendemos como dois fenômenos variáveis distintos, com fins de pôr em relevo alguns pontos consonantes e outros dissonantes.

5.2 PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

5.2.1 Encaixamento linguístico da terceira pessoa do plural

Os primeiros estudos sobre a concordância verbal em terceira pessoa do plural no PB já registram que algumas formas verbais tendem a apresentar mais marca plural que outras. Segundo Naro (1981), os verbos com maior diferenciação de material fônico entre suas formas singular e plural costumam apresentar mais marcas explícitas de concordância, ou seja, ocorrências como *bate vs. batem*, que sofrem apenas o processo de nasalização ao serem flexionadas no plural, apresentam menos marca de concordância do que *fez vs. fizeram*, em que ocorre mudança da vogal do radical e acréscimo de segmentos que aumentam o número de sílabas.

Quadro 2 – Hierarquia de saliência fônica (Naro, 1981)

Nível 1 (oposição fonicamente menos marcada ou menos saliente) 1a – *come/comem* – apenas nasalização da vogal na forma plural 1b – *fala/falam* – mudança na qualidade da vogal na forma plural 1c – *faz/fazem* – acréscimo de segmentos vocálicos na forma plural
Nível 2 (oposição fonicamente mais marcada ou mais saliente) 2a – *dá/dão* – ditongação com mudança na qualidade da vogal na forma plural 2b – *comeu/comeram* – acréscimo de sílabas sem mudanças vocálicas no radical na forma plural 2c – *ganhou/ganharam* – acréscimo de sílabas com mudanças vocálicas no radical na forma plural 2d – *é/são* – mudança na forma plural toda (caso único) 2e – disse/disseram – mudança na sílaba tônica da forma plural

Fonte: adaptado com base em Naro (1981) e Scherre e Naro (2010).

Esse quadro de variação, portanto, manifesta-se de forma escalar: o aumento da *saliência fônica* na oposição singular plural corresponde ao aumento de uso da marca plural e a diminuição da saliência fônica na oposição singular plural corresponde à diminuição do uso da marca plural (Naro, 1981, p. 76; Naro; Scherre, 1999a, p. 17)

Na esteira da saliência fônica, Scherre e Naro (2010, p. 73) propuseram uma investigação dessa variável em comparação com o fator *tempo/modo verbal*, a partir de duas amostras do Programa de Estudos da Língua (PEUL), da fala do Rio de Janeiro, na década de 1980 e nos anos 2000. Em um olhar mais esmerado sobre os dados, os autores constataram que as formas verbais de pretérito perfeito não apareciam nos níveis mais baixos de saliência fônica (1a, 1b, 1c) e se concentravam substancialmente nos níveis mais altos da hierarquia (2b e 2c), de concordância mais acentuada, o que poderia sugerir um ensaio alternativo para o quadro variável de saliência fônica. Não obstante, partindo de uma codificação detalhada de mais de sete mil dados e de várias análises, os autores verificaram que a saliência fônica é sempre estatisticamente hegemônica, independentemente da presença do fator tempo/modo verbal nas análises, e que, por outro lado, tempo/modo é apenas estatisticamente significativo quando a saliência verbal não é incluída nas análises. Esses resultados foram conclusivos para evidenciar que, de fato, a saliência fônica é o traço que governa o uso variável da concordância em terceira pessoa do plural, e não o tempo verbal (Scherre; Naro, 2010, p. 74; 76).

Para além da saliência fônica mais acentuada, outros contextos também favorecem a expressão explícita da forma plural, como os sintagmas verbais precedidos de outros sintagmas verbais com marca explícita, que indicam a repetição dos padrões na cadeia da fala. Em 1980,

Poplack apresentou uma pesquisa com dados de fala de concordância nominal do espanhol de Porto Rico e identificou o *paralelismo discursivo* como variável importante a ser considerada nas análises sobre o plural nos verbos. A autora foi a primeira a registrar a tendência de formas semelhantes se agruparem, que Scherre e Naro (1993, p. 11), posteriormente reforçaram, com a máxima "marcas conduzem a marcas, e zeros conduzem a zeros, no nível clausal e no nível discursivo", para a concordância verbal de terceira pessoa do plural. Poplack (1980) interpreta esse fato linguístico através de uma perspectiva funcionalista da linguagem, associando a noção de repetição de padrões à lei do menor esforço postulada por Martinet (1962, p. 55 *apud* Poplack, 1980, p. 65), segundo o qual as pessoas repetem os padrões na cadeia da fala pois, dessa forma, o esforço mental é reduzido.

Labov, no texto *The Overestimation of Functionalism* (1994), refuta o postulado funcionalista e advoga que as repetições de padrões de concordância se devem a fatores mecânicos de nossos cérebros, não havendo relação com a escolha de uma ou de outra forma que tornaria mais eficiente o diálogo. Analisando o mesmo fenômeno, Scherre (1988, 1998), em pesquisas sobre a concordância nominal e a concordância verbal, admite a natureza funcionalista do paralelismo e ainda o associa a um princípio de base cognitiva que leva os falantes a repetirem os padrões da língua. Segundo a autora,

> O que subjaz à variável paralelismo, ou seja, à capacidade de repetição, subjaz também a outros aspectos do comportamento humano. O comportamento humano exibe com nitidez a produtividade ou a funcionalidade da realização de atividades em bloco, com aproximação pelas semelhanças, observado nas mais diferentes situações: na produção lingüística oral, na produção lingüística escrita, num jogo de futebol, na moda, entre outros aspectos; e, também, na própria necessidade de o ser humano formar e proteger grupos (Scherre, 1998, p. 50).

Outro ambiente que favorece os usos das marcas explícitas de concordância é a *posição do sujeito* imediatamente antes do verbo. Lemle e Naro (1977) registram que a marcação de plural nos verbos é muito mais provável quando o sujeito vem antes do verbo, e Naro (1981, p. 67-68) fundamenta que, nesse contexto, a regra é mais perceptível para o falante do que quando o sujeito está distante ou posposto, por isso a desinência plural é favorecida. Naro e Scherre (1999b), em pesquisa com amostra de 1980 da fala do Rio de Janeiro, analisam em detalhe o número de sílabas entre o sujeito e o verbo e postulam que essa variável linguística também se manifesta de maneira escalar, com a diminuição progressiva da marca plural na medida em que o sujeito se distancia do verbo (Naro; Scherre, 1999b, p. 20). A elipse do sujeito também pode levar à maior realização do morfema de número e pessoa, visto que os verbos se conectam anaforicamente aos sujeitos de sentenças anteriores e assim resgatam a identificação da pessoa do discurso. Alguns trabalhos abrangem as categorias posição, distância e explicitude

do sujeito e confirmam esse pressuposto (Bortoni-Ricardo, 1985 *apud* Rubio, 2012, p. 172), ao passo que outros se restringem a examinar a explicitude do pronome (Benfica, 2016; Rubio, 2012), ou a explicitude e a distância do pronome anteposto ao verbo (Lucchesi, 2009), ou a posição e a distância, ou ainda a posição, a distância e a referência na fala do entrevistador (Oushiro, 2015). Salvo exceções, essas variáveis são selecionadas como estatisticamente significativas nas pesquisas com o português brasileiro.

No aspecto semântico-discursivo, não há dúvidas de que a caracterização do sujeito com *traço [humano]* exerce influência sobre os dados de fala e de escrita, com os núcleos de traço [+humano] (p. ex. *as pessoas*, *meus amigos*, *os rapazes*) favorecendo com mais frequência a desinência plural nos verbos do que aqueles com núcleo de traço [-humano] (p. ex. *os carros*, *as frutas*, *as coisas*). Scherre e Naro (1998) observaram esses efeitos em pesquisa não só em corpus de português falado, como também em dados do português escrito antigo e do português escrito moderno. Scherre (1988) discutiu essa variável para a concordância nominal apresentando exemplos limítrofes em que alguns núcleos de traço [-humano] eram empregados de forma metonímica no sentido de agrupamento de pessoas (p. ex. *lojas*, *colégio*, *fábrica*) ou apresentavam natureza de vida (p. ex. *as codornas*, *os desenhos* [animados]). Nessa esteira, a autora estabeleceu quatro categorias com a combinação dos traços [-humano], [+humano], [+animado], [-animado], [+coletivo] e [-coletivo]. Os resultados reforçaram a expectativa linguística, opondo os traços [+humano] e [-humano], com o traço [+animado] inclinando também ao favorecimento da marca plural.

5.2.2 Encaixamento linguístico da primeira pessoa do plural

As variáveis linguísticas que integram o envelope de variação da concordância verbal em terceira pessoa do plural não necessariamente se replicam na análise da variação em primeira pessoa do plural com o pronome *nós*. Não obstante, observa-se nas pesquisas do português brasileiro um quadro semelhante quanto ao não preenchimento, à anteposição, à distância e à posposição do sujeito, com sujeitos elípticos, antepostos e próximos ao verbo favorecendo a concordância com mais frequência que sujeitos antepostos mais distantes e pospostos ao verbo (cf. Benfica, 2016, p. 82; Bortoni-Ricardo, 1985 *apud* Rubio, 2012, p. 172; Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 365; Naro; Görski; Fernandes, 1999, p. 205; Oushiro, 2015, p. 177; Rubio, 2012, p. 274; Zilles; Maya; Silva, 2000, p. 208).

Assim como nos estudos da terceira pessoa do plural, as pesquisas sociolinguísticas registram que a diferenciação fonética entre as formas singular e plural de primeira pessoa do plural atuam em seu sistema variável. Bortoni-Ricardo (1985), por exemplo, observou diferentes tendências para verbos com tonicidades distintas e investigou o fator *posição do acento*, concluindo que as estruturas paroxítonas apresentavam a marca plural com mais frequência que as estruturas proparoxítonas (p. ex. *brincamos, comemos vs. brincávamos, comíamos*). A autora postulou que tais resultados indicavam uma tendência fonológica de apagamento da sílaba átona final das palavras, sugerindo um comportamento de esquiva da proparoxítona.

No entanto, em se tratando da primeira pessoa do plural, na esteira da hierarquia da saliência fônica e da posição do acento, observa-se que outro fator emerge com mais potência: o **tempo verbal**. Os graus de saliência propostos por Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 203), em pesquisa sobre a fala do Rio de Janeiro, tomaram como base, incialmente, a tonicidade dos verbos, a qual logo demonstrou correlação com os tempos verbais, como se observa no Quadro 3.

Quadro 3 – A hierarquia de saliência fônica na primeira pessoa do plural

	Exemplo	Descrição	Tempo verbal equivalente
1	*falava/falávamos*	A oposição -V/V-mos não é tônica nas duas formas	Pretérito imperfeito
2	*fala/falamos* *trouxe/trouxemos*	A oposição -V/V-mos não é tônica em uma das duas formas	Presente e pretérito
3	*está/estamos* *tem/temos*	A oposição -V/V-mos é tônica nas duas formas	Presente
4	*comeu/comemos* *partiu/partimos* *vai/vamos* *foi/fomos*	A oposição -V/V-mos é tônica nas duas formas e a 3ª p. sing. tem uma semivogal que não aparece na 1ª p. plu.	Pretérito e presente
5	*falou/falamos* *é/somos*	A oposição -V/V-mos é tônica nas duas formas e a vogal acentuada é diferente	Pretérito e presente

Fonte: quadro retirado de Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 203), com acréscimo da última coluna com base na análise dos autores feita na mesma página que o quadro.

Na amostra de Naro, Görski e Fernandes (1999), todas as formas de imperfeito se concentraram no nível 1. O pretérito perfeito se concentrou nos níveis 4 e 5 e o presente, nos níveis 2 e 3. Esse quadro motivou os autores a estabelecerem simultaneamente o tempo verbal como fator, opondo apenas presente e pretérito perfeito. Os dados de nível 1, *-mos* com o pretérito imperfeito, foram poucos (da ordem de 3,8% da amostra, de um total de 1.382 dados, incluin-

do dados com o sujeito *a gente*), por isso foram descartados da análise quantitativa. Os autores atribuem essa baixa incidência à menor saliência fônica dos verbos no imperfeito, que só têm o acréscimo do segmento *-mos*, sem mudar a tonicidade do verbo, como hipótese alternativa à esquiva às estruturas de proparoxítonas, aventada por Bortoni-Ricardo (1985).

Os resultados para as ocorrências de verbos com o sujeito *nós* evidenciaram a saliência fônica como fator mais significativo em todas as rodadas, realizadas com dados de falantes de diferentes faixas etárias, com os verbos mais salientes favorecendo a variante *-mos*. O tempo verbal se mostrou significativo apenas para os mais jovens, embora as frequências de todas as faixas etárias aparecessem com alguma discrepância, com verbos no pretérito exibindo índices mais elevados que no presente. Os autores conferem essa aparente inconsistência à sobreposição dos fatores tempo verbal e saliência fônica: uma vez que a saliência entra no cálculo do programa Varbrul como primeiro fator, estatisticamente mais significativo, a atuação do fator tempo verbal se mostra redundante. Trocando em miúdos, segundo Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 206), as formas verbais no pretérito apresentam com mais frequência a marca *-mos* porque, coincidentemente, são mais salientes e não por alguma propriedade inerente a esse tempo verbal. Os autores concluem que há duas tendências em ocorrência no sistema variável de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*, sendo a primeira, com os mais velhos, favorecendo a concordância pelo princípio da saliência fônica, e a segunda, com os mais jovens, em contrapartida, utilizando o *-mos* como marca do tempo pretérito (Naro; Görski, Fernandes, 1999, p. 209).

Essa orientação do *-mos* como marca de pretérito se evidencia na variação dos verbos regulares, cujas estruturas com *-mos* são ambíguas na primeira pessoa do plural quando no presente e no pretérito perfeito (Naro; Görski, Fernandes, 1999, p. 201). Ou seja, formas como *falamos*, *aprendemos*, *partimos* podem estar ou no presente ou no pretérito perfeito – o contexto discursivo preencherá a lacuna semântica. Por outro lado, as variantes no singular se diferenciam bastante nesses tempos verbais e quebram a ambiguidade: *fala/falou*, *aprende/aprendeu* e *parte/partiu*. Os pares variantes em cada tempo verbal se constituiriam, portanto, da seguinte forma: *nós fala vs. nós falamos* (presente) e *nós falou vs. nós falamos* (pretérito), n*ós aprende vs. nós aprendemos* (presente) e *nós aprendeu vs. nós aprendemos* (pretérito) e *nós parte vs. nós partimos* (presente) e *nós partiu vs. nós partimos* (pretérito).

Partindo desse pressuposto, Scherre, Naro e Yacovenco (2018), em pesquisa com quatro amostras do português brasileiro (Vitória/ES, Santa Leopoldina/ES, Baixada Cuiabana/MT e Goiás), propuseram uma organização dos tempos verbais em função da saliência fônica, mas

em uma nova variável, por eles denominada *escala da proeminência*, considerando também o elemento ambiguidade entre as formas de presente e do pretérito perfeito. Foram estabelecidos os seguintes fatores, do menos saliente para o mais saliente: pretérito imperfeito (p. ex. *nós morávamos vs. nós morava*); presente com a mesma forma do pretérito perfeito (p. ex. *nós moramos vs. nós mora*); presente menos saliente (p. ex. *nós sabemos vs. nós sabe*); presente mais saliente (p. ex. *nós damos/nós dá*; *nós vamos vs. nós vai*); pretérito perfeito, incluindo as formas iguais ou diferente das do presente (p. ex. nós *moramos vs. nós morou*; *nós soubemos vs. nós soube*; *nós tivemos vs. nós teve*; *nós fomos vs. nós foi*) (Naro; Scherre; Yacovenco, 2018, p. 437). Apesar de as quatro amostras se diferenciarem bastante quanto ao número de entrevistados, à divisão das macrocategorias sociais e à caracterização das comunidades, os resultados para todas exibiram o mesmo padrão de acordo com a escala de proeminência, confirmando que formas mais salientes tendem a apresentar com mais frequência a desinência plural, e que o *-mos* adquiriu, de fato, status de morfema de pretérito, com as estruturas ambíguas de pretérito manifestando com mais frequência a marca *-mos* que as estruturas ambíguas de presente.

Outro aspecto que se analisa no encaixamento linguístico da concordância verbal em primeira pessoa do plural é a alternância *nós* e *a gente*. Segue exemplificação de ocorrências com o pronome *a gente*.

(13) P: *dificuldade é muita coisa né? é estrada ... às vezes chove e a ponte que... essa ponte que a última chuva que deu... levou embora... a água...* ***a gente ficou*** *passando dentro da água... a água levou a ponte embora... então* ***a gente tinha*** *que passar dentro da água... sempre/* ***a gente*** *sempre* ***teve*** *assim dificuldade aqui né? nunca foi assim tão fácil pra gente... mas graças a Deus devagar* ***a gente venceu****.... e venci sempre com Deus primeiramente né? trabalhando com honestidade:: graças a Deus... que eu trabalhei muito na minha vida já... e continuo trabalhando... com honestidade... tudo que eu tenho com muito amor e honestidade mesmo*
Amostra Santa Leopoldina/ES (feminino, 26-49 anos, ensino fundamental incompleto)

Para os falantes brasileiros, são sinônimas as formas pronominais co-ocorrentes *nós* e *a gente*. Segundo Célia Lopes (2003, p. 5), *a gente* originalmente era um sintagma nominal formado pelo artigo *a* e pelo nome *gente*, do latim *gens*, *gentis*, significando conjunto de pessoas[14] (p. ex. *a gente deste lugar é muito desconfiada*), mas se *gramaticalizou*, ou *pronominalizou*, nos termos da autora, lenta e gradualmente, até se estabelecer como pronome pessoal no uso corrente da língua falada, embora seu uso original possa também ser falado e ouvido com natura-

[14] "gente", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2023, https://dicionario.priberam.org/chave [consultado em 20 maio 2023].

lidade até os dias de hoje. As gramáticas, sejam elas descritivas, tradicionais ou normativas, têm destacado o *a gente c*omo forma alternante de expressão da primeira pessoa do plural, seja como pronome pessoal, seja como pronome de tratamento. Contudo, sempre apresentam algum tipo de ressalva quanto ao seu emprego: "fora da linguagem cerimoniosa" (Bechara, 2005, p. 166), "PB informal" (Castilho, 2016, p. 477), "no colóquio normal" (Cunha; Cintra, 2008, p. 310), "na linguagem informal" (Neves, 2000, p. 469).

No que concerne ao uso na fala, é possível dizer que *a gente* tem substituído aceleradamente o *nós* no PB (Lopes, 2003, p. 159). Em contrapartida, na escrita, principalmente nos contextos mais formais, predomina o uso do *nós*. Naro, Scherre e Yacovenco (2018, p. 428) analisaram em oposições binárias e ternárias três construções com a primeira pessoa do plural, as quais chamam padrão antigo – *nós* com *-mos* (p. ex. *nós moramos*); não padrão – *nós* sem *-mos* (p. ex. *nós mora*); e padrão emergente – *a gente* sem *-mos* (p. ex. *a gente morou; a gente mora*). Os autores constataram dois movimentos de mudança diacrônica: (1) a perda da desinência *-mos* em contextos menos salientes, influenciada pela situação de transmissão linguística emergencial ocorrida na época da colonização, e (2) a recuperação da concordância formal a partir da substituição do *nós* pelo *a gente*, com a concordância em terceira pessoa do singular (Scherre; Naro; Yacovenco, 2018, p. 453).

É, pois, bastante elucidativa a compreensão da dinâmica de variação da concordância em primeira pessoa do plural em uma comunidade quando obtidos também resultados sobre a alternância entre as suas formas de expressão. Em comunidades que sinalizam processo de mudança aquisicional, em função da intensidade da substituição do pronome *nós* pelo pronome *a gente*, parece natural que o *-mos* se mostre apagado ou caminhe para o apagamento em alguns contextos linguísticos específicos. Em Vitória, por exemplo, a pesquisa de Mendonça (2010), com 40 entrevistas do corpus Portvix, encontrou, entre os 1.745 dados analisados, a proporção de 70,8% de uso da expressão *a gente* como sujeito e de 29,2% de uso do *nós*.

Uma quarta construção de expressão da primeira pessoa do plural que dificilmente participa das análises quantitativas para a projeção de efeitos é o pronome *a gente* + *-mos*, em função da sua baixa incidência na fala, efeito justificado por Bortoni-Ricardo (1985, p. 211-212) por ser uma variante muito estigmatizada, que, logo, está praticamente ausente na norma culta, ou por haver uma tendência de uso reduzido de desinências verbais de número e pessoa na norma dos falantes com pouca ou nenhuma escolaridade.

Zilles, Maya e Silva (2000, p. 201) destacam que, nos dados de Porto Alegre (24 entrevistas analisadas), há apenas uma ocorrência do sujeito *a gente* combinado com a desinência *-mos*, e

ainda de forma jocosa. Scherre, Yacovenco e Naro (2018, p. 15), em pesquisa com as falas de Vitória/ES, de Santa Leopoldina/ES, da Baixada Cuiabana/MT e de Goiás, encontraram apenas quatro ocorrências nas quatro amostras, de um total de 1.757 dados. Monteiro (2020, p. 42), ao analisar a fala de Nova Iguaçu/RJ com 644 dados, encontrou quatro ocorrências de concordância com verbo no singular, sendo três de *a gente* + *-mos*, "*quando* a gente vamos *ao shopping*", "a gente vimos *lá na reunião*", "a gente *sempre* tivemos *um conhecimento com médico*".

5.2.3 Encaixamento social de primeira e de terceira pessoa do plural

As macrocategorias sociais que aparecem reiteradamente nas pesquisas sociolinguísticas de produção são o sexo/gênero, a faixa etária e a escolarização, com adaptações particulares na estratificação dos falantes, a depender do tamanho da amostra e da comunidade escolhida pelo pesquisador. A variável *escolarização* costuma ser a que expressa de forma mais inteligível uma polarização dos resultados: quanto mais escolarizado o indivíduo, maiores serão as frequências das marcas explícitas de concordância na sua fala, especialmente quando se trata de fenômenos considerados estereotipados, como a concordância verbal, dado o aparelhamento da escola em prol da preservação de formas de prestígio (Votre, 2015, p. 51). Esse princípio se replica tanto para a concordância em primeira pessoa quanto para a concordância em terceira pessoa.

O efeito da categoria *sexo/gênero* não é sempre tão inequívoco, pois pode variar a depender das dinâmicas locais de cada comunidade, dos papéis sociais desempenhados por homens e por mulheres e da avaliação da comunidade sobre os fenômenos linguísticos. De acordo com Labov (2001, p. 261-293), o efeito da variável sexo/gênero pode se manifestar de diferentes maneiras, variando conforme a estabilidade do fenômeno que se observa e segundo a impressão social que existe sobre ele. Quanto à estabilidade dos fenômenos, Labov (2001, p. 263) os diferencia entre [1] estável, [2] em processo de mudança acima do nível da consciência (*change from above*) ou [3] em processo de mudança abaixo do nível da consciência (*change from below*). Em relação à impressão social sobre o fenômeno, os falantes podem apresentar conformidade com os padrões sobre determinadas variáveis (*conforming*) ou podem apresentar ruptura com esses padrões (*nonconforming*). No que diz respeito à fala das mulheres, Labov (2001, p. 293) aponta um comportamento paradoxal, ora sendo inovadoras, ora conservadoras. Nos termos do autor, "as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que

os homens quando as normas não são explicitamente prescritas". Por essa ótica, compreende-se que a performance linguística de homens e de mulheres nem sempre seguirá tendências semelhantes em todas as comunidades estudadas, especialmente aquelas que estão fora dos centros urbanos, uma vez que outros fatores particulares percorrem as dinâmicas dos grupos – com destaque para as noções de prestígio explícito que emergem de cada comunidade.

A *faixa etária* dos falantes é o principal ponto de partida para o pesquisador compreender se há um processo de mudança em curso e como ele se arranja em dada comunidade. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), a compreensão dos processos de mudança não é simples, pois a extinção de uma variante e a predominância de outra envolve questões como (i) os fatores condicionantes do sistema, (ii) os estágios das variantes dentro do processo de mudança, ou seja, a transição, (iii) o encaixamento das diversas mudanças que ocorrem na estrutura da língua, (iv) a avaliação social sobre o fenômeno e (v) os motivos para a implementação de determinadas formas em determinados contextos históricos (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 122-124). De modo geral, as pesquisas variacionistas apontam para a tendência de os falantes mais velhos preferirem formas antigas, da mesma forma que quaisquer outros grupos dos quais se espera "bons" comportamentos linguísticos, entre os quais mulheres e pessoas mais escolarizadas (Naro, 2015, p. 43).

Em se tratando de concordância verbal, em estudo da terceira pessoa do plural na fala carioca com amostras de 1980 e de 2000, cada qual estratificada em quatro faixas etárias, Naro e Scherre (2010, p. 87) observaram um quadro de fluxos e de contrafluxos, com movimentos de perda, de restauração ou de estabilidade de normas. Segundo os autores, como o falante forçosamente pertence a diversos grupos de falantes, dão-se conflitos dentro da comunidade, dentro de subgrupos da população e até mesmo dentro do indivíduo, especialmente quando traços de prestígio explícito estão envolvidos, como é o caso da concordância verbal.

No que diz respeito ao encaixamento geográfico, referente ao lugar onde cada comunidade estudada está situada, dada a amplitude e a fluidez do repertório verbal da comunidade brasileira, Bortoni-Ricardo (2005, p. 24) sugeriu uma análise não compartimentada das variedades linguísticas no Brasil. No lugar disso, a autora propôs um *continuum* horizontal de variação diatópica, rural *vs*. urbano, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas, a depender de fatores diversos, entre os quais a mobilidade geográfica, o grau de instrução, o gênero, o grupo etário, o mercado de trabalho do falante etc. Desse modo, em estudos de painel com amostras de comunidades diversificadas, convém situá-las em diferentes pontos do *continuum* rural *vs.* urbano.

Lançando olhar, primeiramente, na direção mais urbana desse *continuum*, enumeram-se várias pesquisas com amostragens passíveis de comparação entre si, reservadas as devidas particularidades das comunidades, abrangendo tanto a concordância em primeira pessoa do plural quanto a concordância em terceira pessoa do plural. Conforme visto nas Tabelas 1 e 2, em São Paulo/SP, Oushiro (2015, p. 171) constatou 90,6% de concordância em primeira pessoa do plural (de 1.150 dados) e 87,4% de concordância em terceira pessoa do plural (de 10.224 dados); em São José do Rio Preto, cidade no interior do estado de São Paulo com elevado grau de urbanização, Rubio (2008, p. 81; 2012, p. 262) constatou 85,5% de concordância em primeira pessoa do plural (570 dados) e 70% de concordância em terceira pessoa do plural (3.308 dados); em Vitória/ES, Benfica (2016, p. 41 e 77) constatou 90,4% de concordância em primeira pessoa do plural (de 521 dados) e 78,8% de concordância em terceira pessoa do plural (de 3.095 dados). Em maior ou menor escala, nas três comunidades urbanas, observa-se que os percentuais globais de marcação explícita de plural nos verbos são elevados, sendo a proporção de concordância de primeira pessoa do plural ligeiramente superior à concordância de terceira pessoa do plural.

Nas análises das variáveis sociais desses municípios urbanos, encontraram-se os seguintes comportamentos:

(i) Variável escolarização: falantes mais escolarizados apresentam gradualmente mais marcas explícitas dos padrões de primeira pessoa do plural e de terceira pessoa do plural (Benfica, 2016; Oushiro, 2015, p. 183; Rubio, 2008, p. 93; Rubio, 2012, p. 279).

(ii) Variável sexo/gênero: em São Paulo/SP, mulheres favorecem significativamente as formas com marcas explícitas de plural, tanto de primeira quanto de terceira pessoa do plural (Oushiro, 2015, p. 181-182); em São José do Rio Preto/SP e em Vitória/ES, o fator não foi considerado estatisticamente significativo

(iii) Variável faixa etária: diferentes fluxos foram registrados. Em São Paulo/SP, a variável não foi selecionada como estatisticamente significativa (Oushiro, 2015, p. 180-181); em São José do Rio Preto/SP, os mais velhos favorecem as marcas plurais de terceira pessoa, porém, em primeira pessoa, não há um padrão gradativo claro, mas uma faixa etária intermediária (36-55 anos) se mostrou favorecedora das marcas plurais (Rubio, 2012, p. 279); em Vitória/ES, os mais jovens favorecem as marcas plurais de primeira e de terceira pessoa do plural, mas apenas em terceira pessoa a variável foi selecionada como estatisticamente significativa.

Há, contudo, comunidades que, mesmo com elevadas taxas de urbanização, segundo critérios sociodemográficos, com amostragens comparáveis às de outras pesquisas de mesma natureza, podem apresentar panorama diferenciado. Portanto, devem ser considerados outros fatores ao caracterizar o perfil social da comunidade. Bortoni-Ricardo (1985), por exemplo, ao estudar em sua tese a urbanização de falantes da área rural em Brazlândia/DF, cidade satélite de Brasília, cunhou o termo "rurbano" para representar a variedade não padronizada, com formas altamente estigmatizadas, falada por pessoas analfabetas ou semianalfabetas de classe baixa que vivem nas cidades, mas que, na maioria dos casos, têm origem rural, como os de Brazlândia (Bortoni-Ricardo, 1985, p. 9).

Um dos fenômenos em análise pela autora foi a expressão da primeira pessoa do plural *nós*, para o qual ela identificou quatro formas variantes:

> O sufixo da primeira pessoa do plural *-mos* – |*mus*| na linguagem padrão – pode ser realizado como |*mu*| ou ser simplesmente excluído. Neste último caso, o não-primeiro singular não-marcado é substituído. No dialeto caipira, a variante |mu| geralmente co-ocorre com a mudança da vogal raiz (|a| > |e|) nos pretéritos da primeira conjugação, como em "*nós falamos vs. nós falemu*", "*nós andamos vs. nós andemu*", "*nós paramos vs. nós paremu*" (Bortoni-Ricardo, 1985, p. 211).

A autora usa a expressão "não-primeiro singular não-marcado" em referência à forma variante sem marca *-mos* ou *-mo*, pois parte da noção, previamente proposta por Guy (1981, p. 234), de que o sistema verbal da maioria das variedades do português brasileiro é composto somente por quatro pessoas verbais: primeira do singular, primeira do plural, não-primeira do singular e não-primeira do plural. A segunda pessoa estaria sobrevivendo apenas em algumas variedades regionais.

Para investigar de forma dicotômica, com e sem desinência plural, a autora manteve em um mesmo grupo as estruturas com *-mos* e *-mo*, com ou sem a mudança da vogal na raiz. O percentual global de marca explícita de concordância na primeira pessoa do plural foi de 56%, ao passo que, em terceira pessoa do plural, o índice global foi de 35%, seguindo a mesma tendência das comunidades urbanas, embora com percentuais mais baixos. Quanto às categorias sociais, observaram-se padrões semelhantes para os dois fenômenos: (a) os mais jovens apresentavam frequências mais altas para marcas da desinência plural (1PP: 244/298 = 82%; 3PP: 319/496 = 64%) que os mais velhos (1PP: 441/926 = 48%; 3PP: 487/1.799 = 27%), o que a autora sugere que seja resultado da influência da educação formal; (b) os homens apresenta-

vam frequências mais altas para marcas de plural (1PP: 473/719: 66%; 3PP: 508/1.392 = 36,5%;) que as mulheres (1PP: 212/505 = 42%; 3PP: 298/993 = 30%)[15].

Em Goiás, Mattos (2013, p. 82), em pesquisa sobre a expressão da primeira pessoa do plural, encontrou 75% de marca de *-mos* – percentual elevado, mas um pouco mais distante dos percentuais das demais comunidades urbanas – e confirmou um padrão que aponta na direção das tendências não centrais e não urbanas, dado que o conceito da ruralidade perpassa a construção identitária da comunidade. Nas palavras da pesquisadora, "Não há dúvida de que o caráter rural moldou a cultura e a língua falada em Goiás. E um dos traços dessa ruralidade na fala se conserva ainda hoje no uso do *nós* com singular verbal" (Mattos, 2013, p. 119). Nessa comunidade, as mulheres e os mais jovens são os que usam com mais frequência as formas com verbo no singular, o que Mattos analisa como uma maneira de atualizar o valor de uma herança cultural difundida ao longo do tempo.

Naro *et al*. (2017) refizeram uma análise comparativa sobre o encaixamento linguístico e social da primeira pessoa do plural em dados de três amostras com perfis bastante diferentes entre si. Vitória, capital do Espírito Santo[16], com território totalmente urbanizado; Baixada Cuiabana/MT, região formada por onze municípios no entorno da capital Cuiabá; e Santa Leopoldina/ES[17], município de maior proporção rural do estado do Espírito Santo. Segundo Rachel Dettoni (2003, p. 19), pesquisadora que coletou a amostra da Baixada Cuiabana, a região possui uma variedade de fala urbana considerada marcada, por conter aspectos fonológicos pouco comuns no português brasileiro, que podem causar estranheza ou até mesmo dificuldade no entendimento a pessoas de outras regiões do Brasil, entre os quais a pronúncia de [S] e [J] como africadas (p. ex. em feijão, [fe'dJaw] e em chuva ['tSuva], ouve-se o som de "tchê" e "djê") e a não-redução das vogais médias em posição átona final, contrariamente ao que ocorre na maior parte do território brasileiro (p. ex. em deste, ['deSte], em ele, ['ele], em ano, ['ano]). Esses traços linguísticos bem marcados, sendo alguns estigmatizados, dividem atitudes dos falantes nativos: "(i) uma que se identifica com o conteúdo das pressões externas e ratifica o estigma; (ii) outra que tem consciência do estigma e se sente pressionada a anular sua identidade local; (iii) uma terceira que procura preservar a identidade cultural, apesar das atitudes contrárias" (Dettoni, 2003, p. 231). Nessa comunidade, Naro *et al*. (2007) relatam que a proporção geral de concordância em primeira pessoa do plural foi de 47,5%, índice bastante

[15] Os resultados e as análises de Bortoni-Ricardo (1985) se encontram entre as páginas 198 e 215.
[16] Primeiramente estudada por Mendonça (2010) e por Benfica (2016), com a amostra Portvix.
[17] Primeiramente estudada por Foeger (2014).

reduzido se comparado aos demais núcleos urbanos, no entanto, com a variável escolarização exibindo o mesmo padrão das demais comunidades urbanas (Naro *et al*., 2017, p. 228).

Em Santa Leopoldina/ES, na direção contrária do *continuum* rural *vs.* urbano, com uma amostra constituída exclusivamente com falantes que moram na área rural, de acentuado contato com línguas de imigração, o percentual global de concordância em primeira pessoa do plural foi de 40,6% e a variável escolarização não foi selecionada como estatisticamente significativa. Os autores atribuem esse efeito ao número reduzido de escolaridade dos entrevistados (1 a 4 anos e 5 a 8 anos) (Naro *et al*., 2017, p. 222). A esse respeito, Lays Lopes (2020, p. 114), uma das pesquisadoras que coletou a amostra de Santa Leopoldina, pontuou a dificuldade de encontrar moradores da zona rural com ensino médio em idade superior a 49 anos.

Nessa mesma comunidade, a autora levantou dados da concordância em terceira pessoa do plural e constatou a proporção geral de concordância de 50,2%, consideravelmente baixa se comparada às das demais comunidades já citadas, mas mais elevada que a de primeira pessoa do plural (Lopes, 2020, p. 125). Pontua-se, contudo, que a variável sexo/gênero, no estudo de terceira pessoa do plural, apresentou tendência semelhante a São Paulo/SP, com as mulheres favorecendo a concordância. A autora aventa como hipótese para esse comportamento a maior exposição das mulheres leopoldinenses a mídias de rádio e de televisão, visto que a rotina dessas falantes é mais restrita ao ambiente doméstico. Essa tendência vai ao encontro do postulado de Labov (2001, p. 293), segundo o qual as mulheres se comportam linguisticamente em conformidade com normas socialmente mais prestigiosas. Em contrapartida, no estudo de Foeger (2014), as estatísticas da pesquisa em primeira pessoa do plural de Santa Leopoldina não selecionam o sexo/gênero como fator significativo. Cabe pontuar que, nessa comunidade rural, a alternante inovadora *a gente* já se encontra bem incorporada, com 53,9% de incidência nos casos de expressão da primeira pessoa do plural, contra 46,1% de uso do *nós* (Foeger, 2014, p. 96), sendo fortemente favorecida pelas pessoas de 26 a 49 anos. A autora sugere que esse quadro se deva ao fato de as pessoas dessa faixa etária serem as que mais saem do lugar onde moram, para fazer compras, ir ao banco, comercializar produtos – inclusive em cidades maiores, próximas à capital. Outras questões precisam ser mais aprofundadas para se compreender o quadro variável de concordância em Santa Leopoldina, como o(s) significado(s) social(is) atribuído(s) à primeira e à terceira pessoa do plural, a influência do contato com as línguas de imigração e os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres da comunidade.

Lucchesi, Baxter e Silva (2009), em pesquisa sobre a concordância em primeira pessoa do plural em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no interior do estado da Bahia, de pou-

ca ou nenhuma escolaridade, notou um processo incipiente de mudança no sentido da aplicação da regra de concordância, com diferenças modestas entre os percentuais globais das diferentes faixas etárias (19%, 18%, 16% de aplicação da regra). A variável sexo/gênero nessa comunidade revela que os homens tendem a empregar mais a regra de concordância que as mulheres, com 0,56 e 0,45 de peso relativo, respectivamente, liderando a mudança em favor do padrão normativo. Os autores interpretam esse comportamento com base nos papéis de gênero dessas comunidades, de forma análoga à hipótese de Foeger (2014) sobre a variação nas faixas etárias.

> São os homens que se deslocam mais para as feiras para comercializar os eventuais excedentes de sua produção agrícola familiar e se dirigem para os grandes centros urbanos em busca de trabalho. Já as mulheres tendem a ficar mais circunscritas ao universo doméstico e ao trabalho na roça (Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 369).

Nessas comunidades afro-brasileiras, o *a gente* é ainda mais expressivo que em Santa Leopoldina, com percentual global de 73%, contra 27% de estruturas com o pronome *nós* (Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 459). Na mesma pesquisa, foi também investigada a variável estada fora da comunidade, com o fator pelo menos por seis meses, para observar se os indivíduos que viveram fora das comunidades estudadas eram os que mais empregavam a regra de concordância. A expectativa se confirmou, com 0,59 de peso relativo para aqueles que já viveram fora da comunidade e 0,40 para aqueles que nunca viveram fora da comunidade (Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 370). Constatou-se, portanto, a partir dos resultados da variável sexo/gênero e estada fora da comunidade, uma evidência da influência dos grandes centros urbanos na dinâmica interna dessas comunidades isoladas, ou, nas palavras dos autores, “um processo de nivelamento linguístico que se expande a partir dos grandes centros urbanos” (Lucchesi; Baxter; Silva, 2009, p. 370).

5.3 CONCLUSÕES

À vista das noções expostas a partir dos preciosos trabalhos de pesquisadores do português brasileiro, é possível enxergar as nuances entre a variação em primeira pessoa do plural com o pronome *nós* e a variação em terceira pessoa do plural. Parte-se das observações iniciais de que a proporção de incidência na fala é diferenciada, com dados de terceira pessoa do plural sendo consideravelmente mais numerosos que os dados de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*. Além disso, a concordância em primeira pessoa do plural apresenta frequência mais elevada, em maior ou menor grau, de marcas plurais que a concordância em terceira pes-

soa do plural. De forma mais evidente, isso se verifica nas cidades de São Paulo/SP e de Vitória/ES, nas quais as pesquisadoras investigaram tanto primeira quanto terceira pessoa do plural em amostras com os mesmos participantes. Em São Paulo, foram analisadas 118 entrevistas, nas quais se encontraram 1.150 dados de variação em primeira pessoa do plural, com 90,6% de concordância, e 10.224 dados de terceira pessoa do plural, com 87,4% de concordância (Oushiro, 2015, p. 171). Em Vitória, foram analisadas 46 entrevistas, nas quais se encontraram 521 dados de primeira pessoa do plural, com 90,4% de concordância, e 3.095 dados de terceira pessoa do plural, com 78,8% de concordância (Benfica, 2016, p. 73; 41).

O espraiamento da alternante *a gente* como expressão da primeira pessoa do plural compõe com o *nós* um quadro de variação de concordância mais complexo, o que também já aponta para o entendimento da primeira pessoa do plural e da terceira pessoa do plural como *dois fenômenos distintos*, cada qual com seus fatores operantes.

Quanto às variáveis linguísticas, nota-se que nem todas que se aplicam ao estudo de primeira pessoa do plural se aplicam ao estudo de terceira pessoa do plural e vice-versa. Em comum, identificam-se os fatores preenchimento, posição e distância do sujeito, saliência fônica e paralelismo. Todavia, ocorre que, na variação em primeira pessoa do plural, a saliência fônica está intensamente correlata ao fator tempo verbal, que exibe padrões que não se aplicam à terceira pessoa do plural, com estruturas ambíguas de presente e de passado de verbos regulares, que, por sua vez, resultam no uso do *-mos* com status de pretérito.

Quanto às macrocategorias sociais, as tendências ora se conformam, ora não. O único efeito taxativo é o da escolarização, que atesta que o uso das marcas plurais se elevam na medida em que o grau de escolarização se eleva. No bojo da análise social, confere-se destaque à caracterização das comunidades e à composição das amostras, partindo da ótica do *continuum* rural *vs*. urbano (Bortoni-Ricardo, 1985), uma vez que, face aos diferentes cenários expostos, observa-se que, na medida em que uma comunidade se afasta de um núcleo urbano, seja na direção da periferia, seja na direção de uma área rural, os índices de concordância se reduzem. Na concordância em primeira pessoa do plural, esse padrão é mais evidente, possivelmente em função de as pesquisas de primeira pessoa do plural se voltarem com mais frequência para as comunidades mais isoladas, nas quais se encontram poucos falantes com graus mais altos de escolarização e falantes não escolarizados.

As comunidades da Baixada Cuiabana/MT e de Goiás fazem contraponto às demais tendências, por razões que emergem de comportamentos avaliativos internos desses grupos, interpretados à luz das histórias de formação das regiões. Por conseguinte, é patente que os estudos

sociolinguísticos de produção se dediquem também a compreender – se possível em pormenores – fatores sociais específicos das comunidades estudadas que ultrapassem as macrocategorias sociais, como a história de formação da comunidade, os fluxos de migração, as dinâmicas de trabalho, os papéis de gênero, o contato com línguas de imigração etc. Além da atitude imersiva do pesquisador para depreender as dinâmicas de uma comunidade, realizar questionários de avaliação e de percepção é um caminho para entender os significados sociais atribuídos aos comportamentos linguísticos.

6 OS ESTUDOS DE PRODUÇÃO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL EM VITÓRIA E EM SANTA LEOPOLDINA

6.1 A COMPOSIÇÃO DAS AMOSTRAS

Para compreender melhor o sistema linguístico de Vitória, iniciaram-se nos anos 2000 os trabalhos do Projeto Português falado na cidade de Vitória (Portvix), na Universidade Federal do Espírito Santo, com o registro da fala monitorada (Labov, 2008 [1972], p. 102) de falantes nascidos na capital, para mais adiante se realizarem estudos sociolinguísticos sobre essa variedade (Yacovenco *et al*., 2012, p. 776). Foram gravadas 46 entrevistas labovianas, com informantes estratificados em função do sexo/gênero (masculino e feminino), da faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, 50 anos ou mais) e dos anos de escolarização (ensino fundamental, ensino médio, ensino superior).

Quadro 4 – Distribuição dos informantes da amostra Portvix

Faixa etária	*07-14*		*15-25*		*26-49*		*50 ou mais*		Total de falantes
Sexo/gênero / **Escolarização**	*H*	*M*	*H*	*M*	*H*	*M*	*H*	*M*	
Ensino Fundamental (1-8 anos)	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio (9-11 anos)	-	-	3	3	2	2	2	2	14
Ensino Superior (mais de 11 anos)	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Número total de falantes entrevistados									46

Fonte: Yacovenco *et al*. (2012, p. 777).

Com o intento de impulsionar os estudos variacionistas para além da capital Vitória, a pesquisadora leopoldinense Camila Foeger iniciou em 2011, juntamente com Lays Lopes, a coleta de uma amostra da fala de Santa Leopoldina, com orientação das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre. Cientes da heterogeneidade linguística da região em função do acentuado fluxo migratório, as pesquisadoras optaram por entrevistar pessoas naturais de Santa Leopoldina que fossem monolíngues, que residissem na área rural, que trabalhassem no campo e que tivessem passado a maior parte de suas vidas nos limites do município (Foeger, 2014, p. 69). Ao todo, foram gravadas 44 entrevistas sociolinguísticas, com informantes estratificados em função do sexo/gênero (masculino e feminino), da faixa etária (7 a 14 anos, 14 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) e dos anos de escolarização (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio). Acrescenta-se que a restrição à colaboração de falantes monolíngues à época da coleta das entrevistas também foi motivada

pelo intuito de obter uma amostra metodologicamente comparável a estudos variacionistas anteriores, como as pesquisas realizadas com a amostra Portvix, da fala de Vitória, e a amostra do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, da fala do Rio de Janeiro, por exemplo (Lopes, 2020, p. 114).

Quadro 5 – Distribuição dos informantes de Santa Leopoldina

Faixa etária	*07-14*		*15-25*		*26-49*		*50 ou mais*		Total de falantes
Sexo/gênero / **Escolarização**	*H*	*M*	*H*	*M*	*H*	*M*	*H*	*M*	
Ensino Fundamental I	3	3	2	1	2	2	2	2	17
Ensino Fundamental II	3	3	2	3	2	2	2	2	18
Ensino Médio	-	-	2	2	2	2	1	0	09
Número total de falantes entrevistados									44

Fonte: Lopes (2020, p. 95).

Essa amostra deu à luz, mais adiante, alguns trabalhos de pesquisas variacionistas, como a de Foeger (2014), que investigou a alternância “nós” e “a gente”, a de Lopes (2014), que investigou a concordância nominal, e a de Lopes (2020), que investigou a concordância verbal. Outros trabalhos envolvendo concordância verbal e alternância em primeira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina podem ser conferidos em Foeger, Yacovenco e Scherre (2017), em Naro *et al*. (2017), em Scherre, Naro e Yacovenco (2018) e em Yacovenco *et al*. (2018).

6.2 ENCAIXAMENTO LINGUÍSTICO

A Tabela 3 exibe os resultados da variação em terceira pessoa do plural dos trabalhos de Lopes (2020), a partir das 44 entrevistas do município de Santa Leopoldina, e de Benfica (2016), a partir das 46 entrevistas do município de Vitória. Para o tratamento estatístico dos dados, as autoras utilizaram o programa *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Benfica (2016) examinou o efeito de sete variáveis linguísticas e sociais, apontadas como estatisticamente significativas pelo programa utilizado para a análise de dados variáveis, na seguinte ordem de relevância estatística: saliência fônica, paralelismo discursivo, paralelismo oracional, escolarização, posição e explicitude do sujeito, faixa etária e traço humano do sujeito. O sexo/gênero dos falantes também foi analisado, mas não foi considerado estatisticamente significativo. Lopes (2020) examinou o efeito de oito variáveis linguísticas e sociais, na seguinte ordem de relevância estatística: saliência fônica, paralelismo oracional, posição e tipo de su-

jeito, paralelismo discursivo e sexo. As variáveis faixa etária e escolaridade não foram considerados estatisticamente significativos pelo programa.

Nesta e nas demais tabelas aparecerão as seguintes abreviaturas e símbolos: CV – concordância verbal; PR – peso relativo, que é uma medida amplamente utilizada nos estudos sociolinguísticos e indica o efeito de um fator sobre o uso da variante em seu conjunto (perto de 0,5, se o fator tem efeito intermediário; perto de 1,0, se é muito favorecedor da variante; perto de zero, se é menos favorecedor) (Guy; Zilles, 2007, p. 239); % – proporção de uso da marca de plural; N – frequência de concordância e total de dados de cada fator. O *range* é a diferença entre o peso relativo de maior valor e o peso relativo de menor valor de uma mesma variável, sendo sempre representado por um número inteiro (Tagliamonte, 2006, p. 251). Quando houver um traço em uma lacuna da tabela, indica-se a não seleção da variável como estatisticamente significativa pelo programa estatístico.

Tabela 3 – Efeitos dos fatores linguísticos na concordância verbal em terceira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina

	Vitória CV = 2439/3095 (78,8%) Benfica (2016, p. 41) 46 falantes			**Santa Leopoldina** CV = 1441/2873 (50,2%) Lopes (2020, p. 127) 44 falantes		
	PR	%	N	PR	%	N
Saliência Fônica						
Nível 1 (saliência mais baixa)	Benfica (2016, p. 47)			Lopes (2020, p. 152-153)		
nível 1a (*come/comem; corre/correm*)	0,32	68,8%	214/311	0,24	25,1%	50/199
nível 1b (*brinca/brincam/ era/eram*)	0,30	69,3%	843/1216	0,21	24,3%	320/1315
nível 1c (*diz/dizem*; quer/querem)	0,26	69,6%	110/158	0,29	32,5%	55/169
infinitivo flexionado (1c)	0,18	63,9%	39/61	-	-	-
futuro do subjuntivo (1c)	0,13	48,8%	20/41	-	-	-
Nível 2 (saliência mais alta)						
nível 2a (vai/vão; tá/tão; dá/dão)	0,67	88,9%	385/433	0,87	85,3%	297/348
nível 2b (*bateu/bateram; foi/foram*)	0,69	91,1%	195/214	0,75	76,5%	150/196
nível 2c (*falou/falaram*)	0,84	96,0%	382/398	0,90	90,6%	281/310
nível 2d (*é/são*)	0,79	93,9%	153/163	0,84	83,7%	206/246
nível 2e (*fez/fizeram*; *disse/disseram*)	0,92	95,3%	98/100	0,89	91,1%	82/90
Range	*79*			*69*		
Traço humano	Benfica (2016, p. 54-55)					
[- humano] [-animado]	0,34	69,6%	192/276	-	-	-
[- humano] [+animado]	0,54	75,0%	36/48	-	-	-
[+humano] [-coletivo]	0,52	80,0%	2181/2725	-	-	-
[+humano] [+coletivo]	0,27	65,2%	30/46	-	-	-
Range	*12*					
Paralelismo oracional*	Benfica (2016, p. 51)			Lopes (2020, p. 174)		
marca plural no último elemento do SN sujeito	0,52	82,1%	1797/2190	0,55	54,1%	860/1591
sem marca plural no último elemento do SN sujeito	0,16	46,7%	56/120	0,32	39,3%	168/428
Range	*36*			*23*		
Posição e explicitude do sujeito	Benfica (2016, p. 57)			Lopes (2020, p. 184)		
Sujeito anteposto	0,54	80,2%	1853/2310	0,53	50,8%	1065/2095
Sujeito posposto	0,11	41,3%	45/109	0,22	26,3%	25/95
Sujeito elíptico com referência na fala do informante	0,46	80,0%	541/676	0,40	45,4%	234/515
Sujeito elíptico com referência na fala do entrevistador	-	-	-	0,65	69,6%	117/168
Range	*43*			*43*		

Fonte: Benfica (2016) e Lopes (2020). *excluem-se dados de sujeitos pospostos e elípticos.

Mesmo com percentuais globais de concordância em terceira pessoa do plural notavelmente diferentes, Vitória (78,8%) e Santa Leopoldina (50,2%) apresentam tendências semelhantes ao se observarem os efeitos dos fatores linguísticos, confirmando algumas premissas já antevistas por estudos variacionistas precedentes. No que se refere à variável saliência fônica, observa-se, nas duas comunidades, que as formas verbais dos níveis mais salientes tendem a favorecer mais a marca explícita que as formas menos salientes, com ranges ilustrativos sobre o efeito dessa variável (79 em Vitória e 69 em Santa Leopoldina), que foi a primeira a ser selecionada na rodada estatística das duas comunidades.

Benfica (2016) lançou olhar mais clínico sobre os verbos de saliência 1c, codificando separadamente estruturas do subjuntivo e do infinitivo. O esperado acerca desses fatores era que apresentassem mais marcas plural que os verbos de saliência 1a, especialmente os verbos no futuro do subjuntivo, em decorrência da variabilidade morfológica dos verbos irregulares nesse tempo e modo, a qual não existe no infinitivo flexionado. Observando mais de perto os dados de futuro do subjuntivo, constatou-se que, das 20 ocorrências sem concordância, as formas verbais *for*, *tiver* e *quiser* somaram 17 dados sem a desinência, demonstrando que o falante de Vitória conhece a estrutura do subjuntivo, mas não a flexiona para o plural. Houve apenas um caso de verbo irregular com o radical flexionado fora da norma, “se acontecer assim... eles querer se casar os dois não vão querer saber de nada...”, de uma menina, 7 a 14 anos, ensino fundamental.

O traço humano do sujeito fora analisado apenas por Benfica (2016), confirmando o princípio de que sujeitos com traço [+humano] apresentam com mais frequência a marca plural do que sujeitos com traço [-humano], embora os resultados não sejam tão discrepantes.

Quanto ao paralelismo oracional, em ambas as comunidades se nota também a mesma orientação, de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, ainda que a ausência de marcas figure de forma mais evidente em Vitória do que em Santa Lepoldina, com ranges de 36 e 23, respectivamente. Quanto à posição e explicitude do sujeito, constata-se que sujeitos pospostos desfavorecem as marcas plurais, enquanto os elípticos e antepostos apresentam efeito equilibrado. Lopes (2020) codificou também o referente dos dados de sujeito elíptico, se constava na fala do entrevistador ou na fala do próprio falante. A referência na fala do entrevistador foi a variável de maior efeito favorecedor da marca plural, o que a autora atribuiu a uma possível ação paralelística, com o entrevistado repetindo a tendência plural da fala do entrevistador, com a ressalva de que essa tendência não fora até então estudada na fala de Santa Leopoldina (Lopes, 2020, p. 184-185).

No que diz respeito às variáveis linguísticas envolvidas na variação em primeira pessoa do plural, Benfica (2016) e Foeger (2014), ao analisarem a concordância na primeira pessoa *nós*, partiram dos pressupostos de Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 209), segundo os quais há uma tendência de uso de *-mos* como marcação do tempo pretérito. Em pesquisa sobre a alternância *nós* e *a gente* na fala de Santa Leopoldina, Foeger (2014) investigou o efeito da concordância verbal sobre o uso variável do *-mos* com o pronome *nós*. A autora verificou que o pretérito perfeito favorecia quase que categoricamente o morfema de plural *-mos* com o pronome *nós*. Em reanálise da mesma amostra, Scherre, Naro e Yacovenco (2018) enfatizaram que, das 289 ocorrências de pretérito perfeito, havia somente um caso de pronome *nós* sem o *-mos* ("***nós** só **ganhou** mau hálito"*). Em linha oposta ao pretérito perfeito, encontrou-se apenas um dado, de 283, com a marca *-mos* em verbo no pretérito imperfeito ("*que **nós** não **tínhamos** campo de grama...*"). Essa segunda tendência já era presumível, ao se considerarem estudos precedentes, e pode ser interpretada ou como um mecanismo de esquiva à proparoxítona, com o apagamento da desinência (Bortoni-Ricardo, 1985), ou como resultado da baixa saliência dos verbos (Naro; Görski; Fernandes, 1999, p. 210).

Os resultados da Tabela 4 correspondem às reanálises de Naro *et al*. (2017), com 40 entrevistas da amostra de Vitória e 32 entrevistas de Santa Leopoldina.

Tabela 4 – Efeito do tempo verbal na concordância em primeira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina

	Vitória Naro *et al*. (2017) N total = 460 CV = 87,6% 40 falantes			**Santa Leopoldina** Naro *et al*. (2017) N total = 816 CV = 47,6% 32 falantes		
	PR	%	N	PR	%	N
Tempo verbal						
1a Pretérito com a mesma forma do presente (*estudamos/ estudamos*: "**nós** como **estudemo** só até a quarta série...")	0,76	97,50%	158/162	0,99	99,50%	191/192
1b Presente com a mesma forma do pretérito (*falamos/ falamos*: "**nós** não **fala** totalmente certo...")	0,15	87,10%	27/31	0,23	7%	8/115
2a Pretérito com forma diferente do presente (*fomos/somos*; *tivemos/temos*: "**nós** não **fomos** estudado... **nós** não **tivemo** professores de português...")	0,81	98,60%	70/71	-	100%	96/96
2b Presente com forma diferente do pretérito (*somos/fomos*: "... do jeito que **nós somos**, né?")	0,48	93,10%	134/144	0,90	72%	90/125
3 Imperfeito (*falávamos*)	0,01	26,90%	14/52	0,006	0,4%	1/283

Fonte: Naro *et al*. (2017, p. 225-226) adaptado das Tabelas 2 e 3, sem resultados da Baixada Cuiabana. Exemplos extraídos da fala de P2 na conversa (39) transcrita no item 7.1.3, em páginas subsequentes.

Conforme se observa, mesmo que as amostras representem comunidades com diferenças bem expressivas, os padrões linguísticos são semelhantes quanto à atuação da variável tempo verbal: o *-mos* mostra sua força quando no pretérito perfeito (0,76 e 0,81 em Vitória; 0,99 e 0,90 em Santa Leopoldina), e se apaga quando no imperfeito (0,10 em Vitória; 0,006 em Santa Leopoldina). Comparando-se as duas variáveis no presente, nota-se, pelos pesos relativos, especialmente da amostra de Santa Leopoldina, um claro favorecimento da marca *-mos* quando o presente tem forma diferente do pretérito, especialmente na amostra de Santa Leopoldina (peso relativo de 0,90 e percentual de 72%). Ou seja, quando não há ambiguidade, usa-se a marca *-mos* no presente e no pretérito; quando há ambiguidade, tempo presente com a mesma forma do pretérito, usa-se o *-mos* para marcar pretérito e o apagamento para indicar presente (peso relativo de 0,23 e percentual de 7%). Em Vitória, as frequências não mais elevadas, mas os pesos relativos ilustram um quadro variável semelhante, com o presente com ambiguidade expressando quadro de maior apagamento do *-mos* (peso relativo de 0,15 e percentual de

87,1%) e o presente sem ambiguidade com um peso intermediário (peso relativo de 0,48 e percentual de 93,1%).

Lançando olhar sobre os números de dados de primeira pessoa do plural *nós* (N total) na Tabela 4, percebe-se que em Santa Leopoldina há quase o dobro de dados de *nós* em relação a Vitória (816 *vs*. 460, respectivamente), mesmo com número mais reduzido de falantes (32 *vs*. 40, respectivamente). Esse destaque pode ser randômico, por ocasião do teor da conversa com o entrevistador, ou pode remeter a outro fator imbricado ao pronome *nós*: a alternância entre as formas co-ocorrentes de expressão de primeira pessoa do plural *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos* e *a gente*. Na Tabela 5, é apresentada a distribuição geral dos dados de uso de *nós* e *a gente* a partir da reanálise de Scherre, Yacovenco e Naro (2018) das amostras em conjunto.

Tabela 5 – Distribuição geral dos usos de nós e a gente nas amostras de Santa Leopoldina e de Vitória: análise ternária

	Nós com *–mos* ou **padrão antigo**		*Nós* sem *–mos* ou **não padrão**		*A gente* sem *–mos* **padrão emergente**	
	Concordância plural		Não concordância		Concordância singular	
	Construção sem estigma com registro preferencial na tradição gramatical		Construção com estigma sem registro na tradição gramatical		Construção sem estigma com registro marginal na tradição gramatical	
	Nós dormimos *Nós fomos* *Nós vamos* *Nós morávamos*		*Nós dormiu* *Nós dorme* *Nós foi* *Nós vai* *Nós morava*		*A gente dormiu* *A gente dorme* *A gente foi* *A gente vai* *A gente morava*	
Santa Leopoldina *32 falantes*	386/1.757	22,0%	425/1.757	24,2%	946/1.757	53,8%
Vitória *40 falantes*	403/1.517	26,6%	57/1.517	3,8%	1.957/1.517	69,7%

Fonte: Scherre, Naro e Yacovenco (2018, p. 440, adaptado), sem resultados de Goiás e Baixada Cuiabana.

Observa-se que o pronome *a gente* já é largamente utilizado pelas duas comunidades, com destaque para a cidade de Vitória. É hipótese de Zilles (2005, p. 50), ampliada por Scherre, Yacovenco e Naro (2018, p. 24), que o uso dessa variante inovadora esteja correlato à variação na concordância em primeira pessoa do plural na medida em que se considera que, nos centros urbanos, a não concordância é mais estigmatizada que nas áreas rurais, ou seja, em Vitória o falante preferirá a variante *a gente*, eximindo-se, assim, da possibilidade do uso do *nós* sem *-mos*. Em Santa Leopoldina, ainda há um uso maior do pronome mais antigo (*nós*) (Foeger; Yacovenco; Scherre, 2017, p. 15), e uso frequente de *nós fala/nós falava*, de forma

muito natural. Em verdade, essa é a norma da comunidade local, embora não seja a norma explícita da tradição gramatical e de algumas grandes cidades.

6.3 ENCAIXAMENTO SOCIAL

As tabelas a seguir mostram os resultados da atuação dos fatores sociais sobre a concordância em terceira pessoa do plural (Tabela 6) e em primeira pessoa do plural (Tabela 7) das duas comunidades aqui estudadas.

Tabela 6 – Efeito dos fatores sociais sobre a concordância em terceira pessoa do plural na fala de Vitória e de Santa Leopoldina

	Vitória Benfica (2016) N total = 3.095 CV = 2.439 (78,8%)			**Santa Leopoldina** Lopes (2020) N total = 2.873 CV = 1.441 (50,2%)		
	PR	%	N	PR	%	N
Escolarização						
Ensino fundamental 1	0,33	71,1%	987/1.388	-	49,2%	482/980
Ensino fundamental 2				-	49,4%	651/1.317
Ensino médio	0,53	81,1%	804/991	-	53,5%	308/576
Ensino superior	0,77	90,5%	648/716	-	-	-
Range	*44*					
Faixa etária						
7 a 14 anos	0,72	84,4%	346/410	-	53,9%	341/633
15 a 25 anos	0,57	84,0%	863/1.027	-	55,0%	402/731
26 a 49 anos	0,40	74,3%	565/760	-	46,4%	363/783
50 anos ou mais	0,41	74,1%	665/898	-	46,1%	335/726
Range	*32*					
Gênero/sexo						
Feminino	[0,49]	77,5%	1.231/1.559	0,54	53,1%	852/1.606
Masculino	[0,51]	80,1%	1.208/1.536	0,45	46,5%	589/1.267
Range	-			*9*		

Tabela 7 – Efeito dos fatores sociais sobre a concordância em primeira pessoa do plural na fala de Vitória e de Santa Leopoldina

	Vitória Benfica (2016) N total = 521 CV = 471 (90,4%)			**Santa Leopoldina** Foeger (2014) N total = 817 CV = 388 (47,5%)		
	PR	%	N	PR	%	N
Escolarização						
Ensino fundamental 1	0,32	83,70%	226/259	-	-	-
Ensino fundamental 2				-	-	-
Ensino médio	0,47	91,4%	149/163	-	-	-
Ensino superior	0,90	97,0%	96/99	-	-	-
Range	*58*					
Faixa etária						
7 a 14 anos	[0,80]	98,5%%	129/131	0,39	44,0%	85/193
15 a 25 anos				0,28	49,0%	117/239
26 a 49 anos	[0,36]	91,6%	153/167	0,39	53,2%	66/124
50 anos ou mais	[0,41]	84,8%	189/223	0,79	40,0%	120/261
Range	-			*40*		
Gênero/sexo						
Feminino	[0,55]	91,70%	289/315	-	-	-
Masculino	[0,42]	88,3%	182/206	-	-	-
Range	-			-		

Observa-se que, em Vitória, o fator escolarização atua de forma semelhante sobre o uso das formas verbais em primeira e em terceira pessoa do plural, com o aumento da escolarização indicando uso mais frequente das formas mais prestigiosas, com marcas explícitas de concordância verbal. Em Santa Leopoldina, contudo, essa variável não é considerada estatisticamente significativa nem para a primeira e nem para a terceira pessoa, o que significa dizer que o programa *GoldVarb X* ponderou que essa variável não interfere significativamente no favorecimento de uma estrutura ou outra de concordância. Lopes (2020, p. 218) acredita que esse resultado seja influenciado pela estrutura social da comunidade rural de Santa Leopoldina, onde o nível educacional de um indivíduo não define necessariamente sua posição na comunidade, diferentemente do que acontece em áreas urbanas, como em Vitória, onde o nível de instrução geralmente influencia na área profissional em que as pessoas atuam. Nas áreas rurais, as funções e os cargos que uma pessoa desempenha não são determinados pelo seu nível de escolaridade. Relembra-se que não participam dessa amostra de Santa Leopoldina falantes com ensino superior, apenas com ensino fundamental incompleto, completo ou ensino médio completo, em razão da dificuldade de encontrar esse perfil ao se buscarem participantes para a coleta da amostra.

Quanto à variável faixa etária, na terceira pessoa do plural, observa-se que, em Vitória, as gerações mais jovens estão usando com mais frequência que as demais as formas com marcas de concordância, o que vai de encontro com pesquisas realizadas em outras comunidades, que mostravam que os falantes mais velhos preferiam as estruturas com marca plural. Essa tendência, contudo, aproxima Vitória do Rio de Janeiro, onde se constatou um aumento na concordância verbal da década de 1980 para 2000 (Naro; Scherre, 2013). Já em Santa Leopoldina, os mais velhos expressam a preferência pela concordância plural, sendo essa a única variável selecionada como estatisticamente significativa na pesquisa em terceira pessoa do plural.

Em relação ao sexo/gênero, esperava-se que as mulheres apresentassem mais marcas explícitas de concordância verbal, já que esse é um fenômeno de maior consciência social e geralmente associado a um prestígio mais evidente. Em Vitória, o programa não encontrou diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres. Em contrapartida, em Santa Leopoldina, apenas o sexo/gênero se mostrou estatisticamente significativo. Lopes (2020) interpreta da seguinte forma a atuação da variável sexo/gênero:

> Independentemente do nível de instrução das mulheres, elas, muito provavelmente, irão ser donas de casa, merendeiras ou funções afins. Enquanto os homens, tendo ensino fundamental ou médio, irão ser responsáveis pelos serviços agrícolas e comercialização dos produtos na CEASA. Essa delimitação clara do papel social do indivíduo, em função, primeiramente, do sexo, pode justificar a seleção de uma variável (sexo) e não de outra (escolaridade) (Lopes, 2020, p. 218).

No tópico anterior, observaram-se impressionantes padrões entre os fatores linguísticos nas duas amostras de fala, mas, quando se imerge nos aspectos sociais, o panorama se diferencia tanto entre as comunidades quanto entre primeira e terceira pessoa do plural, o que indica a necessidade de se olhar de forma mais atenta não somente para os dados, mas para as próprias comunidades, e de refletir sobre a sua organização social e laboral, sobre os papéis de gênero, sobre as redes sociais que formam suas relações, sobre o acesso ao mundo digital etc.

PARTE III

ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção se encontra subdividida em quatro itens, em que se abordam (7.1) as primeiras declarações avaliativas dos falantes sobre o próprio jeito de falar, (7.2) as declarações sobre usos linguísticos sem marcas explícitas de concordância verbal, (7.3) as declarações sobre o uso da expressão "nós vai" e (7.4) uma primeira análise da percepção do uso de estruturas variáveis de concordância em primeira pessoa do plural, da coleta de dados *online*.

Para se procederem as análises, esses pontos foram escolhidos para se dirigir a atenção, uma vez que o total de 38 entrevistas gerou um conteúdo bastante denso, que poderá inspirar projetos futuros. O material coletado foi segmentado de forma que trechos homólogos fossem postos lado a lado, assim como falas que recaíssem sobre um mesmo eixo temático, ecoando discursos semelhantes ou mesmo diferentes. As declarações analisadas se baseiam nas entrevistas realizadas com 11 pessoas em Vitória, de diferentes bairros, níveis de escolarização, sexo e idade, e com 20 pessoas da área rural de Santa Leopoldina, em diferentes comunidades, conforme posto nos quadros nos Apêndices D e E. Alguns desses participantes têm descendência pomerana e são bilíngues, enquanto outros não. Embora esse não seja um trabalho que vise à estratificação dos participantes em macrocategorias sociais, buscaram-se pessoas com diferentes perfis para reunir várias perspectivas.

Reitera-se que esta pesquisa se propõe a revelar as múltiplas noções linguísticas e os juízos de valor que existem nas duas comunidades estudadas, mas sem o propósito de elaborar generalizações e sim de mostrar que são concepções genuínas que podem circular nas comunidades, potencialmente interferindo em dinâmicas linguísticas locais. O presente estudo não se esquiva, contudo, da possibilidade de as colocações dos participantes não refletirem de fato seu pensamento, seja por uma tentativa de ocultarem alguma opinião mais impopular, seja por nunca haverem pensado sobre algum dos tópicos abordados na entrevista, os quais, por isso, podem ter respondido o que na hora lhes parecesse mais razoável. Esse é um dos riscos de toda pesquisa qualitativa.

Os trechos aqui analisados serão mostrados dentro de contextos um pouco mais amplos e por isso haverá destaques em cores, para que se encontrem de forma mais breve algumas frases sobre as quais se fala. No quadro a seguir, estão reunidas as passagens que nas páginas seguintes serão discutidas.

Quadro 6 – Trechos das entrevistas selecionados para a análise nesta pesquisa

Impressões iniciais sobre a própria fala	
Vitória	**Santa Leopoldina**
· *normal?* [...] *algumas coisas eu puxo...* [...] *bem… levezinho assim...* · *é o normal que eu falo assim que eu estou falando... é o normal...* · *ah eu falo normal... tá?! é tranquilo... gíria essas coisas não...* · *um jeito normal de se falar... mas eu ponho muita entonação...* · *sou muito influenciado pelo conteúdo que eu consumo na internet...* · *eu sou muito simples... eu sou direta...* · *mais formal...* · *eu falo muito... eu sou uma pessoa muito crítica...* [...] *eu falo alto* · *bem informal* [...] *informal... até no ambiente de trabalho...*	· *eu me comunico com todo mundo…* · *falo... converso pouco...* · *normal...* · *mais simples mesmo...* [...] *tem palavras que eu não utilizo da forma mais adequada né...* · *penso mais rápido do que falo e não completo as frases...* · *a gente tem uma gíria diferente* [...] *meio enrolado… puxa algumas letras...* · *as pessoas uai... que fala a minha língua eu me sinto bem…*[...] *eu gostaria de principalmente falar a língua pomerana né...* · *no início quando eu falava português... que é minha língua... portuguesa... sai meio enrolado porque eu falo mais pomerano e o alemão né? aí eu sentia muita vergonha... mas hoje em dia não tem mais isso comigo não... eu me sinto orgulhosa* · *eu acho tranquilo… eu gosto…* [...] *não tenho muito esse sotaque…* [pomerano] · *eu fico com vergonha... porque às vezes eu penso que eu tô falando de um jeito que não seja né... o que a sociedade... né... pede da gente...*[...]
O que falantes de Santa Leopoldina dizem sobre a fala de Santa Leopoldina	
· *lá onde o meu pai nasceu eles falam mais... é... como eu posso dizer... pior ainda... assim... não é pior.... mas a língua portuguesa é mais errada... entendeu?* · *eu acho que a gente tem um jeito de falar mais tranquilo/ mais tranquilo...* · *os novo/ os jovem de hoje não fala assim tão errado...* · *nós não fala totalmente tudo certo… porque nós não prendemo o português… nós não fomos estudado… nós não tivemo professores de português…*[...] *nós tem muitas coisas que a gente fala mais errado né…*[...] *muita gente igual a nós fala mais errado… muitas coisas… tem gente aqui que não consegue nem falar nem uma palavra certa...*	
O que falantes de Santa Leopoldina dizem sobre a fala de Vitória	
· *é a forma que a gente deveria falar normalmente né? que é a forma mais adequada...* [...] *eu prefiro falar do jeito de lá* (da Grande Vitória) *entendeu? tentar sempre me corrigir para falar do jeito certo...* · *eu acho que falar para eles não é problema... para nós já é complicado...* [...] *eu acho que lá eles se preocupam muito mais com a/ com a comunicação... com o jeito que eles falam... com/ com/ com a questão do português... eu acho que eles se preocupam muito/ ou é natural deles... eu não sei...* · *o pessoal de Vitória realmente tem uma boca um pouco mais suja... eles xingam mais do que a gente eu acho...* [...] *pessoal de Vitória acho que é um pouco mais corrido o jeito de falar...* · *fala mais certo...*	

Sobre a concordância verbal	
Em terceira pessoa do plural: “eles brinca”	
Vitória	Santa Leopoldina
· *eu acho que... num lugar assim... ah... tá com um amigo... beleza... agora... mas pra um lugar mais formal... eu não acho muito adequado não....* · *muito errado... faltou o “m”... cadê o “m” aí?*	· *é porque aqui é normal...* [...] *mas no geral assim não/ não é... na verdade é normal... só que as/ porque a gente não percebe... entendeu? a gente sai automático e a gente nem percebe... mas né... não é o jeito ideal né? de se falar* · *bem simples para mim… bem simples… é do cotidiano que eu escuto também…*
Em primeira pessoa do plural: “nós gosta”	
Vitória	Santa Leopoldina
· *acho que/ não sei se é por falta de/ de conhecimento… falam… algumas coisas bem nesse nível aí... aí eu eu ia ficar meio... tipo... meio que... mas eu não ia falar nada... falar nada...* · *parece uma palavra que a gente/ uma frase que a gente fala de brincadeira né? imitando o povo da roça...*	· *já é um pouquinho mais…* (inint.) *como se diz… atrasado… né? é… aquela… parece que foge um pouco...* · *“nós gosta”... é muito comum...*
A expressão “nós vai”	
Vitória	Santa Leopoldina
· *acho que aqui... de um/ do interior mais... falam mais do que aqui na capital...* · *bem errado também...* [...] *nós vai... eu imagino que tenha pessoas que falam sim... talvez que não seja muito bem instruído... deve ter gente sim...* · *isso aí você vai encontrar isso aí... “nós vai almoçar” no interior* · *no interior dá muito isso... no interior dá isso aí...* · *o pior de todos...*[...] *aí aí eu já acho mais/ eu acho que já é um erro mais pesado* · *talvez que não seja muito bem instruído...* · *o “nós vai” é o pior...* · *“nós vai” rola no interior...*	· *eles costumam falar de uma forma rápida né… quando tem/ tem… essa conversa entre amigos ou é mesmo em família… “nós vai”... “nós vamos” né… então já é bem aberto assim também…* · *para nós aqui que nascemos aqui em Santa Leopoldina nesse sotaque é normal... mas para as pessoas que vêm de fora isso é errado...* · *o “nós vai” o pessoal fala mais brincando do que… sério...* · *agora por exemplo os estudos tá mais avançado né… agora todo mundo já fala “nós vamos”...* · *fala sim... principalmente se for com esse... pessoal mais que/ que/ que é bilíngue... que fala o pomerano e o português... eles/ quando você conversa com alguém que você sabe/ que você sabe que é bilíngue... eles sempre vão falar desse modo errado...* · *é raro ver alguém falar assim... eles falariam assim... talvez...* · *demais... é o que mais aparece...* [...] *pelo fato do dialeto do pomerano não ter...* (a desinência plural)

Pensava-se que a área rural de Santa Leopoldina pudesse ser um contexto que prestigiasse de forma mais explícita o uso de verbos no singular com sujeito plural, já que muitas dessas formas persistem na comunidade e são usadas por falantes de todas as faixas etárias e de vários níveis de escolarização, conforme se viu nas pesquisas de Foeger (2014) e de Lopes (2020). Mattos (2013) e Souza (2023), por exemplo, em estudo sobre a fala de Goiás, identificaram que o uso do "nós" sem *-mos* é traço identitário da comunidade em função da língua e da origem rural da cultura.

> Não há dúvida de que o caráter rural moldou a cultura e a língua falada em Goiás. E um dos traços dessa ruralidade na fala se conserva ainda hoje no uso do nós com singular verbal. Mesmo o êxodo do campo para a cidade, no século XX, não alterou esse uso, pois o meio urbano não apresentava diferença qualitativa relevante para impulsionar qualquer alteração. A prática de uso de verbo no singular com *nós*, presente na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização de nossa amostra, é parte dessa herança e se constitui como traço identitário (Mattos, 2013, p. 119).

Contudo, o cenário observado em Santa Leopoldina é: há consciência sobre muitos usos linguísticos, há noção de que esses usos se distinguem do que é considerado mais prestigioso em comunidades urbanas como Vitória, há persistência do uso dessas formas, mas não parece haver uma valorização explícita, um orgulho, associada a tais formas, de maneira que se considere uma marca identitária. A manutenção dessas formas sem concordância decorre de forças ainda não muito claras, que acenam para um quadro de prestígio encoberto (Labov, 2006 [1966], p. 108).

7.1 O QUE DIZEM SOBRE O PRÓPRIO JEITO DE FALAR

7.1.1 As primeiras impressões

A primeira pergunta da entrevista foi bastante generalista, antes que aparecessem quaisquer sinais dos pontos mais centrais desta pesquisa. "O que você pensa sobre o seu jeito de falar?". Quando elaborada essa questão, esperavam-se respostas com adjetivos que caracterizassem a variedade linguística de uma perspectiva individual, que, por sua vez, poderia vir a expressar um encaixamento coletivo do falante. No lugar disso, em Vitória, foram obtidas respostas que mostraram diferentes compreensões da expressão "jeito de falar": quanto ao léxico e ao uso de gírias, à correção gramatical, ao estilo mais ou menos formal, a questões pragmáticas, a características de personalidade, à prosódia etc. Além disso, por ser a primeira pergunta da entrevista após se recolherem os dados pessoais, vários participantes responderam de forma lacônica, dizendo que achavam seu jeito de falar "normal", sem refletirem muito sobre o que se perguntava, assim como muitos respondentes do teste *online*. Outros questionaram o que

de fato se esperava de resposta a essa pergunta, ao que eu respondia de forma inespecífica, para que eles replicassem o que lhes ocorresse, livremente, e assim emergissem impressões mais naturais. Adiante, seguem exemplos de respostas de entrevistados em Vitória.

(14) P: *ah eu acho… normal? assim… eu diria... é… é/ tipo/ não tenho... às vezes eu falo "uai" por causa de Minas... algumas coisas eu puxo... mas assim é bem… bem… levezinho assim...*
(Vitória, feminino, ensino superior incompleto, 21 anos, participante 4)

(15) P: *é o normal que eu falo assim que eu estou falando... é o normal...*
(Vitória, feminino, ensino médio completo, 83 anos, participante 1)

(16) P: *ah eu falo normal... tá?! é tranquilo... gíria essas coisas não...*
(Vitória, masculino, ensino fundamental incompleto, 75 anos, participante 2)

(17) P: *normal... eu acho que meu jeito de falar é um jeito normal de se falar... mas eu ponho muita entonação às vezes nas palavras... no jeito de dizer... as pessoas acham que eu falo cantando às vezes... que eu pareço mais mineira que capixaba...*
(Vitória, feminino, ensino superior completo, 32 anos, participante 11)

(18) P: *eu acho que eu sou muito influenciado pelo conteúdo que eu consumo na internet... então... questão de gíria... questão de… sei lá... até sotaque assim eu acho que… eu tenho essa predisposição a puxar muito do que eu consumo... assim... uma pessoa que eu tô consumindo muito... sei lá... eu/ eu jogo uma coisa que ela fala muito... e aí eu meio que insiro isso no meu vocabulário... então eu meio que…*
(Vitória, masculino, ensino médio completo, 21 anos, participante 5)

(19) P: *ah... eu sou muito simples... eu sou direta... se tiver que chegar/ eu pego/ às vezes eu tô no whatsapp falo nem bom dia... já vou entrando no assunto porque eu sou ansiosa né?*
(Vitória, feminino, ensino superior completo, 54 anos, participante 7)

(20) P: *mais formal...*
(Vitória, masculino, ensino superior incompleto, 21 anos, participante 13)

(21) P: *como eu falo? eu falo muito... eu sou uma pessoa muito crítica...* [...] *eu falo alto/ também é uma característica minha...*
(Vitória, feminino, ensino superior completo, 53 anos, participante 8)

(22) P: *se é coloquial assim? é... eu acho bem informal* [...] *informal... até no ambiente de trabalho...*
(Vitória, masculino, ensino superior completo, 34 anos, participante 9)

Algumas reflexões metalinguísticas se exibiram naturalmente no curso da entrevista, em diferentes pontos, na medida em que o participante se sentia mais à vontade para se expressar e compreendia os rumos da pesquisa. Mesmo assim, essas diferentes tendências de respostas conduzem à compreensão de que as perguntas por demais abertas resultam em respostas difusas, que possam talvez comprometer os propósitos do pesquisador. Ou seja, quando não há algum parâmetro para o respondente, geram-se dados que não se colocam em paralelo para uma análise quantitativa ou qualitativa mais específica. Por outro lado, essas respostas contri-

buem para os estudos de avaliação linguística na medida em que descortinam o universo de ângulos a partir dos quais os falantes observam e avaliam tópicos da linguagem – com ênfase no fato de que nessa situação não se fez qualquer tipo de menção prévia a quaisquer fatos da língua. Depreende-se, desse modo, que, ao se pedirem opiniões sobre usos linguísticos individuais, nem sempre a primeira ideia que vem à mente do falante é um julgamento apreciativo ou depreciativo de aspectos fonológicos, lexicais ou sintáticos, ou indicativo de pertencimento a um coletivo. Sem embargo, supõe-se que talvez não ocorresse da mesma forma se provocados para emitirem juízos sobre a fala de outrem, especialmente grupos sobre os quais uma comunidade pode já ter alguma opinião, ou ainda se Vitória fosse uma comunidade com traços linguísticos mais marcantes, que reconhecidamente constituíssem o seu sotaque. Mais adiante serão analisadas colocações específicas sobre o sotaque capixaba.

Observou-se que, diante da mesma pergunta, alguns participantes de Santa Leopoldina responderam da mesma forma, com colocações mais relacionadas à sua personalidade, como na passagem (23) a seguir, ou de forma muito breve, como nas passagens (24) e (25) a seguir. Contudo, diferentemente de Vitória, algumas respostas acenavam para um quadro de insegurança linguística relacionado à sua própria fala, como se vê de (26) a (30) a seguir, ou à fala de pessoas de sua comunidade, com em (23)[18].

(23) P: *ai… eu vou te falar uma coisa… eu acho assim que eu sou uma pessoa assim… eu me comunico com todo mundo… eu assim… né… como posso te explicar? eu gosto de fazer amizade com meus vizinhos… e graças a Deus aqui/ meus vizinhos… todo mundo gosta de mim né…*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, fundamental completo, 50 anos, participante 1)

(24) P: *falo... converso pouco...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, família {B})

(25) E: *eu queria saber que você acha sobre o seu jeito de falar no dia a dia… assim… seu jeito de falar aqui com a família ou no trabalho com as crianças... que que você acha?*
P: *se eu falo certo?*
E: *não não não… não tem certo ou errado… é só uma opinião geral... assim… sobre o seu jeito de falar… não tem resposta certa… resposta errada não…*
P: *normal...*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino fundamental incompleto, 51 anos, participante 21)

[18] Recorda-se que, nos trechos transcritos, "E:" simboliza fala da entrevistadora e "P" simboliza a fala do participante. Quando houver número acompanhado de "P", como "P1" ou "P2", simboliza-se a fala de outros participantes que estejam no recinto.

(26) P: *é uma forma de falar mais simples mesmo... por exemplo... eu e meus irmãos... às vezes em vez de falar... "vou lá no centro"... "ah vou lá na rua"... é coisa mais assim* [...] *às vezes na faculdade é melhor você falar de uma forma mais formal né? às vezes/ como eu já estou acostumada a falar de um jeito mais simples tem palavras que eu não utilizo da forma mais adequada né...*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino superior incompleto, 18 anos, participante 14)

(27) P: *eu acho que eu/ que eu… penso mais rápido do que falo e não completo as frases... eu fico tudo com frase incompleta... eu já percebi isso... eu já gravei eu falando e já percebi... que eu não completo algumas frases... vou emendando uma coisa na outra... eu queria ter um pouco mais de paciência para falar mas não consigo...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino superior incompleto, 54 anos, participante 7)

(28) P: *é que eu moro na roça né... então a gente tem uma gíria diferente assim do que/ é normalmente... não tem?... a língua assim…aí eu/ eu/ eu tenho um tipo de língua em casa… e em outros lugares é outra... que aqui às vezes a gente fala meio enrolado… puxa algumas letras... entendeu?*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino médio incompleto, 18 anos, participante 16)

(29) P: *bom… as pessoas uai... que fala a minha língua eu me sinto bem… agora eu/ é que hoje já tá tarde demais mas eu gostaria de principalmente falar a língua pomerana né... que às vezes a gente sai... para fora… e... eu trabalhei muito em Santa Maria Jetibá… e às vezes o pessoal tava até me xingando eu não sabia...* (risos) *eu trabalhava com uma turma medonha de peão... e eu tomava conta lá... era tudo pomerano... só eu negro no meio... eu* (inint.) *negro... eu tenho orgulho da cor... então era só eu... o resto branco...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, 62 anos, participante 20 [quilombola])

(30) P: *no início quando eu falava português... que é minha língua... portuguesa... sai meio enrolado porque eu falo mais pomerano e o alemão né? aí eu sentia muita vergonha... mas hoje em dia não tem mais isso comigo não... eu me sinto orgulhosa porque todo mundo fala assim "*ah você veio da Itália*"... "*você veio de outro país*"... então isso me deixou mais tranquila... aí eu falo tranquilamente...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 51 anos, participante 4)

(31) P: *eu acho tranquilo… eu gosto… tem pessoas que têm mais sotaque… eu assim… eu acho que não tenho muito esse sotaque… então eu não vejo muito problema em falar com as pessoas não… eu gosto... às vezes eu converso até demais…*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 30 anos, participante 23)

Apesar de responder apenas que fala "normal", a participante da passagem (25) pede antes um esclarecimento sobre o teor da pergunta, "se eu falo certo?", como se a discussão de falar "certo" ou "errado" já lhe fosse familiar e lhe pusesse em postura de defesa. Nos exemplos seguintes de Santa Leopoldina, notam-se atitudes de modéstia ao caracterizarem o próprio falar, em função da simplicidade e das escolhas vocabulares (26), da confusão na expressão das ideias (27), do uso de linguajar que indicia a origem rural (28), da limitação por não saber falar o idioma do imigrante (29), da vergonha pelo sotaque de imigrante, apesar de atualmente

haver orgulho (30). No exemplo (31), a participante expressa que gosta do seu jeito de falar justamente por não identificar em sua fala a presença marcante do sotaque do imigrante, como se, em situação oposta, devesse talvez gostar menos do próprio jeito de falar. Esses discursos mostram que os falantes têm consciência sobre seus usos linguísticos naturais, mesmo que não de forma muito precisa, e que muitos deles não coincidem com formas mais apreciadas ou consideradas corretas.

O exemplo (29) é um caso que se distingue de outras colocações sobre a língua pomerana, pois o participante expressa vontade de *saber* falar a língua, uma vez que já se sentiu posto de lado por não conseguir se comunicar com seus parceiros de trabalho. Ainda assim, expressa insegurança linguística tal qual os demais, se se considera que o bilinguismo fosse apreciado em seu círculo social.

O exemplo (32) é a resposta de uma falante de Santa Leopoldina à mesma pergunta, mas com mais elementos que merecem realce, dado que a participante analisa de forma mais detalhada o próprio comportamento. Ela tem 34 anos, é de origem pomerana, mora na roça, tem formação superior e trabalha como professora de séries iniciais em uma escola na área rural. Essa é uma das entrevistas gravadas por Shirlei Shaeffer, que é colega da participante e minha colega de trabalho, professora de Língua Portuguesa, pesquisadora da área de Fonética e Fonologia, pomerana e moradora da área rural de Santa Leopoldina.

(32) E: *eu queria saber o que que você acha sobre o seu jeito de falar no dia a dia com as pessoas que você convive... é... você tem alguma opinião sobre o seu jeito de falar?*
P: *no português?*
E: *no português*
P: *no português... assim... eu... às vezes... eu até fico assim... meio... é... como é que eu vou te falar? eu fico com vergonha... porque às vezes eu penso que eu tô falando de um jeito que não seja né... o que a sociedade... né... pede da gente... às vezes até quando eu vou explicar a matéria... coisa assim... quando eu vou falar com meus superiores... eu sempre fico atenta... assim... pra não falar nenhuma/ nenhuma coisa misturada porque a gente quando é/ assim/ a gente/ o pomerana/ o português/ muitas vezes em casa a gente acaba misturando né... fala uma coisa assim/ assim/ ou uma palavra que muitas vezes é um/ o pomerano que inventou e falou daquele jeito... então a gente puxa muito isso e… do sotaque também… eu às vezes eu sinto/ na verdade eu fico às vezes envergonhada de falar com gente assim que eu considero... né... um superior ou uma pessoa que tenha né... ali... um estudo mais avançado né... uma pessoa mais importante... não sei... digamos assim...*
E: *e em casa?*
P: *em casa não... em casa... assim... em casa não tenho vergonha né... de falar e tanto que eu/ que/ assim/ gostaria muito que meu filho aprendesse... né... por isso que a gente tá assim falando mais... mas o pomerano também eu não tenho vergonha de falar com os meus familiares e nem assim fora... tanto que quando eu estava viajando a gente falava... né... em pomerano...*

(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino superior completo, 34 anos, participante 3)

Manifestam-se de forma ainda mais clara nesse trecho as noções consciência, prestígio e insegurança linguística (Fernández, 1998), além da variação estilística. Ao dizer que sente vergonha do seu jeito de falar, a participante demonstra que compreende que seu uso espontâneo da linguagem, com traço pomerano, não coincide com formas mais prestigiadas, as quais supostamente representam "*o que a sociedade pede da gente...*", o que a faz monitorar a sua própria fala, para que alterne entre a sua forma natural de falar e uma forma com menos traços do pomerano, a depender da pessoa com quem se comunica, como seus "*superiores*", "*pessoa que tenha um estudo mais avançado*", "*uma pessoa mais importante*", ou da situação em que se encontra, como ao explicar matéria para a sua turma. No entanto, parece ambígua a declaração da entrevistada, porque, mesmo expressando vergonha de seu jeito de falar, ela deseja que seu filho aprenda a falar como ela e seus semelhantes falam. Essa atitude de vergonha e de orgulho também se notou no exemplo (30). Quando essas falantes se percebem pertencentes a um grupo, o pomerano, manifesta-se uma atitude positiva, mas, ao viverem outros contextos, sua atitude muda, pois sentem que podem ser depreciadas. Caberia, portanto, um estudo investigativo mais específico sobre o uso variável do português nas comunidades pomerana da região que ultrapassasse os limites dos municípios de Santa Leopoldina e de Santa Maria de Jetibá, compreendendo esse grupo social como uma comunidade de prática ou uma rede social (Eckert, 2012), já que os pomeranos não estão circunscritos aos limites geográficos de uma cidade específica e parecem preservar um sentimento de pertencimento e de forte identificação com o grupo.

O contexto de formação superior pelo qual passou a falante do exemplo (32) e o atual contexto de educação escolar em que está inserida, nos quais se preza pelo uso e ensino das formas padrão, podem justificar a sensibilidade da participante para distinguir variedades linguísticas, falar sobre elas e movimentar-se estilisticamente. Segundo Fernández (1998, p. 182), a estratificação social e a consciência linguística têm relação estreita. À medida que se desce no espectro social, o grau de capacidade distintiva das variedades da comunidade diminui. Não obstante, conforme se observou nos exemplos de (26) a (31) dos falantes de Santa Leopoldina, não é exclusiva da pessoa escolarizada a impressão de estar em posição antagônica ao outro. Entretanto, não se sabe se esses participantes identificam de forma específica as estruturas linguísticas que os colocam em oposição, ao ponto de poderem escolher qual variedade usar em cada contexto.

O exemplo a seguir, citado também na introdução desta tese (exemplo [1], p. 19), é outro trecho da entrevista com a participante do exemplo (30). Mais de uma vez ela expressa insegurança linguística, por se sentir envergonhada em relação a outras pessoas – e aqui, mais especificamente, a pessoas de Vitória –, e reconhece que há elementos em sua fala que são passíveis de correção e outros que não.

(33) E: *é... e aí alguma vez... durante/ durante a vida... você já tentou mudar o seu jeito de falar pra se sentir mais à vontade em alguma situação?*
P: *já... quando eu tinha/ quando eu trabalhava lá em Vitória mesmo... tinha* (inint.) *desembargadores... eu tentei... eu sentia vergonha da minha voz...*
E: *e aí... o que que cê tentava mudar?*
P: *a/ a minha/ a patroa era desembargadora... aí ela sempre me corrigia quando eu falava errado... ela mesma me corrigia... ela me pedia... eu falei assim "não... faz isso mesmo... porque eu aceito..." aí nisso... eu fui aprendendo falar mais corretamente... mas o sotaque* [pomerano] *não muda não...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 51 anos, participante 4)

Essa mesma pessoa do exemplo (33), participante 4, que em outro momento falou que sente orgulho do seu sotaque pomerano (30), expressa aqui o constrangimento que sentia quando trabalhava como empregada doméstica[19] para uma desembargadora na capital Vitória, a qual, de forma recorrente, corrigia os supostos desvios em sua fala. A atitude preciosista da desembargadora parece caracterizar um contexto em que não há respeito linguístico, o que, parafraseando Scherre (2021, p. 117), consistiria na convivência harmoniosa entre diferentes línguas ou entre variedades no interior de uma mesma língua, sem o desejo de corrigir a fala do outro. Essa atitude de desrespeito se traveste de boa intenção e passa pela anuência da participante, que vê nessas interações uma oportunidade para aprender (*"ela me pedia... eu falei assim 'não... faz isso mesmo... porque eu aceito...' aí nisso... eu fui aprendendo a falar mais corretamente..."*), exercitando uma tentativa de encaixamento no padrão urbano, referendado pela desembargadora. Sublinha-se que, para a participante, a noção de errado não está associada ao seu sotaque pomerano *("mas o sotaque não muda não..."*), visto que ele resiste à conduta normatizadora de sua patroa, mas muito provavelmente a tópicos sintáticos, talvez lexicais.

[19] Na entrevista, não ficou clara qual função a participante desempenhava ao trabalhar para a desembargadora. Por essa razão, consultei Shirlei Shaeffer, a colaboradora que entrevistou essa participante, que me trouxe a informação de que ela trabalhou como empregada doméstica.

7.1.2 Santa Leopoldina sobre Santa Leopoldina

Para além da atitude de modéstia diante da pergunta inicial, em que os participantes foram indagados por uma perspectiva mais individual, vários seguiram colocando-se em posição secundária quando se comparavam a falantes da capital. Neste subtópico, analisam-se somente citações de entrevistas com participantes monolíngues e sem descendência pomerana.

(34) E: *é... se você tivesse que escolher assim... o jeito que você gosta mais é o jeito deles* (de Vitória) *ou é o jeito de vocês aqui de falar?*
P: *o jeito deles...*
E: *sério?*
P: *nós aqui é tão/ é tão acostumado a todo mundo falar assim... se a gente falar de outra forma as pessoas já…* (pausa longa)
E: *vão achar estranho...*
P: *vão achar estranho e ficar zoando assim...*
E: *ficar zoando e mangando...*
P: *isso… aí a gente já fala normal como todo mundo… e sem perceber a gente acaba falando mesmo… até que eu nem falo tão errado… mas o pessoal lá que eu morava lá* (inint.) *eles falam muito errado...*
P2: *sim… meus tios…*
P: *eu sempre corrigia eles…*
E: *ah é? você corrigia eles? mas não ficavam bravos não?*
P: *ficava né... mas não tinha jeito... igual tipo... tipo... "coceira" eles falam "comichão"...*
E: *comichão... ah... são palavras diferentes...*
P: *"olha" eles falam "mira"...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, 50 anos, participante 18)

(35) E: *e aí... de qual jeito você gosta mais do jeito daqui ou do jeito que você vê fora?*
P: *ah eu acho que o jeito que a gente vê fora... é uma coisa que tipo assim… como posso explicar? é a forma que a gente deveria falar normalmente né? que é a forma mais adequada... do que às vezes aqui/ igual/ lá onde o meu pai nasceu eles falam mais... é... como eu posso dizer... pior ainda... assim... não é pior.... mas a língua portuguesa é mais errada... entendeu?*
E: *entendi*
P: *do que aqui ainda... aí eu/ eu prefiro falar do jeito de lá* (da Grande Vitória) *entendeu? tentar sempre me corrigir para falar do jeito certo... porque por exemplo ano que vem eu não pretendo mais morar aqui... eu pretendo morar lá para baixo entendeu? então…*
E: *quando você fala lá pra baixo você diz o que é Santa Leopoldina mesmo ou Vitória... Serra?*
P: *provavelmente Vila Velha*
[...]
E: *e você acha que as pessoas percebem/ quem é de fora percebe?*
P: *sim tem muita diferença...*
E: *você já ouviu alguma vez alguém comentar alguma coisa assim?*
P: *comentar eu acho que não mas a gente percebe no olhar...*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino médio incompleto, 18 anos, participante 16)

(36) E: *e você já foi à Grande Vitória assim algumas vezes...? você notou alguma diferença/ cê percebeu diferenças entre o jeito de falar de lá e daqui... de Santa Leopoldina?*
P: *eu não sei se é o jeito de falar... mas eu/ mas eu acho que eles são... é/ é/ eles são mais espontâneos... a gente é mais retraído... eu não sei se isso tem a ver com o que você está perguntando... tem?*
E: *o que você me responder tá bom...*
P: *então... eu acho que eles são mais espontâneo... eu acho que falar para eles não é problema... para nós já é complicado...*
E: *é? são mais tímidos... assim... talvez?*
P: *mais tímido... muito mais tímido...*
E: *e aqueles plurais que você falou/ que você disse que não gosta de plural... você acha que lá eles fazem mais?*
P: *eu me sinto envergonhado quando tem que usar um plural...*
E: *quando você TEM que usar?*
P: *é... eu me sinto envergonhado... porque não é eu que tô falando... eu tô imitando alguém... porra...*
E: *é? e você acha que LÁ as pessoas fazem o plural... você acha que...*
P: *eu acho que lá* (na Grande Vitória) *eles se preocupam muito mais com a/ com a comunicação... com o jeito que eles falam... com/ com/ com a questão do português... eu acho que eles se preocupam muito/ ou é natural deles... eu não sei...*
E: *sim... eu entendi...*
P: *a gente aqui não tem muito esse/ essa/ essa/ essa preocupação com regra gramatical nem nada... a gente fala... fala... como se fosse um animal berrando... não tem muita...* (inint.)
(Santa Leopoldina, masculino, ensino superior incompleto, 54 anos, participante 7)

(37) P: *então... lá no meio da roça eu trabalhava na roça... eu falei tipo assim... vivia no meio da roça... então quando eu cheguei na faculdade foi assim... outra realidade... bem diferente... tanto o pessoal de lá... quanto para mim... mas tem uma... tem uma boa diferença entre o jeito que a gente fala... o jeito que eles falam... às vezes nem/ nem tipo não só um sotaque... mas a forma de falar... sabe... algumas coisa assim...*
E: *saberia me especificar assim dar um exemplo?*
P: *não sei tipo ah...*
E: *só se você lembrar...*
P: *o que a {J} falou... tipo assim... o pessoal de Vitória realmente tem uma boca um pouco mais suja... eles xingam mais do que a gente eu acho... eu acho que a gente tem um jeito de falar mais tranquilo/ mais tranquilo... pessoal de Vitória acho que é um pouco mais corrido o jeito de falar...*
E: *então/ você já disse isso... você acha que eles veem diferenças?*
P: *veem/ eles veem...*
E: *eles já notaram no seu jeito de falar?*
P: *já... chegou/ quando eu cheguei e fala... pô... eu vou ter contato com alguém da roça pela primeira vez... eu fiquei tipo assim...*
E: *é? eles usavam a expressão "roça"?*
P: *aham... aí tipo assim... quando eu comecei a trabalhar/ quando eu comecei a estudar na ufes eu trabalhava fazendo caixinha de verdura... então minha mão era mais grossa do que ela é hoje... "*pô... nossa! sua mão é de quem trabalha na roça...*"*
E: *meu deus... e olha que Santa Leopoldina está a quarenta quilômetros... falam como...*
P: *como se fosse outro mundo...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino superior incompleto, 23 anos, participante 6)

Sobre esses excertos, cabe destacar as seguintes noções: existe consciência de que o jeito de falar da capital é diferente do jeito de falar de quem mora na roça (exemplos (34) a (37)); existe a consciência de que pessoas da capital percebem que na roça fala-se diferente (exemplos (35) e (37)); a fala da capital é considerada melhor e correta (exemplos (34) a (36)); falar como as pessoas da capital é importante para fazer um curso superior ou para morar na capital (exemplos (34) e (26)); falar de outra forma pressupõe um apagamento da identidade e causa estranhamento (exemplos (34) e (36)). Exceto por esta última, todas essas noções parecem presumíveis, pois já são comumente expressas na opinião pública. No entanto, convém destacá-las pois, nesse caso, são enunciados produzidos por pessoas que vivem o lado de quem se percebe fora de um padrão linguístico.

Em (34) notam-se dois movimentos do falante em diferentes direções: o primeiro no sentido de assumir a ideia de que quem mora no campo tem um jeito característico de falar que será validado por pessoas com quem convive, que decerto notarão caso seja feito uso de outra variedade; e o segundo no sentido de não querer ser posto no mesmo degrau que esses mesmos indivíduos, pois "*eles falam muito errado*". Ou seja, há um comportamento ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que há o reconhecimento de pertencimento a um grupo, há uma atitude normativa ("*eu sempre corrigia eles*") que o falante deseja que o particularize, pois ele percebe que conhece mais que seus familiares as formas de falar mais prestigiosas e considera relevante destacar isso na entrevista repetidamente.

Em comum com a passagem (34), o participante da passagem (35) responde que também prefere o jeito de falar de quem mora na capital, acrescentando que "*é a forma que a gente deveria falar normalmente né?*" e entendendo que a sua variedade caminha na contramão da norma e precisa ser redirecionada, especialmente porque tem planos de se mudar para a cidade. Ressalta-se que, apesar de a razão da mudança para a cidade ser o início da sua educação superior, a participante mantém seu argumento restrito à nova rotina na vida urbana, em conformidade com a pergunta que eu lhe fizera, como se o fator urbano balizasse seu comportamento mais que a escolarização. Sua fala expressa a necessidade de apagamento dos traços rurais da sua fala, pois, ao seu ver, são inconciliáveis com seus planos de morar na cidade.

Em (36) lê-se um trecho de uma entrevista mais comprida em que o participante analisa o perfil do morador do campo e o perfil do morador da cidade. Trata-se de um falante que transita estilisticamente em sua rotina, pois trabalha como inspetor do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), ora lidando com agricultores, ora com funcionários públicos no centro da cidade de Santa Leopoldina, e até mesmo ministrando pa-

lestras. Ele caracteriza os moradores da Grande Vitória como espontâneos e logo associa esse fato à desenvoltura para falar, "*então... eu acho que eles são mais espontâneo... eu acho que falar pra eles não é problema... para nós já é complicado...*". Não fica claro na sua exposição, contudo, o que é a causa e o que é a consequência, isto é, se eles são mais espontâneos porque têm segurança para falar ou se eles têm mais segurança para falar porque são mais espontâneos. Entretanto, alguma correlação entre o comportamento social e o comportamento linguístico esse participante percebe. Em seguida, eu lhe pergunto sobre uma possível diferença de uso de plurais, em função de uma menção que ele próprio fez, minutos antes, ao uso de plurais na sua fala individual, quando eu ainda não havia tocado nos tópicos relacionados à concordância verbal. Sua resposta acaba por ser uma extensão do que já me havia dito anteriormente, que os plurais não lhe são naturais, que fariam parte de uma performance, caso os usasse – embora nessa entrevista ele conserve os plurais em quase todos os contextos linguísticos que pedem o plural.

Nos dois últimos destaques da fala do participante do exemplo (36), ele pondera que o morador da Grande Vitória se preocupa com o jeito de falar, o que justificaria o uso de uma variedade considerada mais prestigiosa, ao passo que o morador de Santa Leopoldina não tem essa preocupação e por isso se assemelha a um "animal berrando". Essa expressão não me pareceu carregada de conotação pejorativa, mas sim enfática, para dizer que, para o leopoldinense, falar é algo que sai naturalmente, de forma despreocupada, contrariamente a quem é da Grande Vitória. Essas colocações lembram a análise feita por Lopes (2020, p. 218) sobre a não seleção da variável escolarização como fator significativo na pesquisa sobre o uso variável da terceira pessoa do plural na amostra de Santa Leopoldina, em que a autora comenta que o nível educacional do falante não necessariamente define sua posição na comunidade, diferentemente do que acontece em áreas urbanas, logo, não haveria preocupação com o emprego de variantes de mais prestígio em sua fala.

7.1.3 Entrevista na vila {B}[20], Santa Leopoldina

Assume-se neste subtópico um estilo narrativo, para contextualizar o contato com vários membros de uma família específica de Santa Leopoldina. Em agosto de 2023, contatei para uma entrevista um ex-aluno meu de Santa Leopoldina que mora no centro dessa cidade, que faz faculdade em Vitória e cuja família vive na roça. Fiz contato também com a sua tia, que é

[20] O nome da vila e da família será representado por {B} por motivos éticos.

minha ex-colega de trabalho e atualmente Secretária do Meio Ambiente do município. Ela gentilmente cedeu o auditório da Secretaria como espaço para eu entrevistá-la, também seu sobrinho e, por casualidade, vários funcionários da Secretaria.

Após as entrevistas, em conversa informal com meu ex-aluno e com um amigo seu, funcionário da Secretaria, liguei o gravador, com seu consentimento, para registrar informações novas que eles me traziam. Entre essas informações, destaca-se a menção à família {B}. Ambos sugeriram que eu visitasse a vila {B}, que é a comunidade onde mora essa família, e entrevistasse seus membros, pois, segundo sua percepção, eu certamente lograria resultados interessantes para a minha pesquisa. Em suas palavras: "a galera lá tem um sotaque BEM diferente", "a Vila {B} é um lugar exótico", "é um distritozinho pequenininho/ não tem supermercado nem nada não/ mas tem uma casinha colada na outra", "nossa... se ela for na Vila {B}...", "lá mora a família do {D}", "lá é o auge... você vai conseguir fazer entrevistas ótimas... o pessoal tem um sotaque muito bom", "mas/ cara/ é uma característica de lá... é o pessoal de lá que tem sotaque...", "é legal... é legal...". Perguntei o porquê dessa caracterização, ao que um deles respondeu "não sei... não sei...". Perguntei, então, se havia descendência pomerana de seus membros, o que justificaria essa percepção, ao que ele me respondeu que não, "não... lá é bem misturado para te falar a verdade...". No mapa da página 51, Figura 5, está circulada a região de Rio do Meio, onde se situa a vila da família {B}, e se nota que ela está mais próxima do município de Cariacica, pertencente à Grande Vitória, e distante de Santa Maria de Jetibá, onde se encontra o polo da comunidade pomerana.

Para marcar uma visita à família e para conseguir chegar à vila, pedi a mediação de uma aluna[21] que é dessa família e vive também no distrito de Rio do Meio, mas não na vila {B}. Marcamos uma data. Uma semana antes da visita à vila, fui à casa dessa aluna e entrevistei a ela e a seus pais. Todos em algum momento se referiram também a esses familiares da vila {B}, como se vê no trecho a seguir e nos trechos (34) e (35) da subseção anterior, como pessoas que falam errado.

(38) E: *é... você acha que alguma vez você tentou mudar um pouquinho o seu jeito de falar em alguma situação assim para você se sentir mais...? ou não... não... não precisou...*
P: *não... eu nem falo tão errado assim... né? porque... mas se fosse eu eles... eu ia tentar corrigir... porque eles falam muito errado...*
E: *e por que você acha que eles falam muito errado assim?*
P: *não sei... eu acho que é a convivência... né...*
P: *o/ assim/ os mais velho… os novo/ os jovem de hoje não fala assim tão errado...*

[21] Essa participante foi minha aluna no ano de 2023, quando realizei essas entrevistas.

(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, 50 anos, participante 18)

No feriado de 7 de setembro de 2023, acompanhada da minha mãe e da minha ex-aluna, visitei essa família, com muita expectativa. Fui recebida em uma das casas da vila {B} por uma tia e um tio, com café e com muito entusiasmo de todos. A aluna já havia avisado da visita da professora que queria passar uma tarde para fazer umas entrevistas. Após aproximadamente dez minutos de conversa, perguntei ao tio se podia ligar o gravador e começar a fazer algumas simples perguntas sobre a história da família e sobre a comunicação entre seus membros, ao que ele me respondeu que sim. Registrei a primeira parte do questionário, perguntando seus dados pessoais, e procedi às perguntas da parte II.

No terceiro minuto de gravação, quando perguntava se ele via diferenças entre o jeito de falar de quem era da Grande Vitória e de quem morava ali, houve interferência da tia, que já estava no mesmo recinto, mas ocupada com outras tarefas. Em poucos segundos, a entrevista se tornou um bate-papo entre as pessoas que já estavam presentes (eu, minha mãe, a aluna, a sua tia e o seu tio) e outros parentes que pouco a pouco chegavam, por perceberem a movimentação na casa. Todos participaram da conversa ao mesmo tempo, o que comprometeu o propósito de entrevistar os vários moradores dessa vila. No meu julgamento, não caberia pedir que as conversas fossem individuais, em outro ambiente, tampouco pedir que ficassem em silêncio enquanto um respondia de cada vez. A conversa toda ficou registrada, mas com vários trechos ininteligíveis, uma vez que houve sobreposição de vozes, sendo algumas ainda inaudíveis, por estarem distantes do gravador.

Tentei, então, extrair o máximo possível da participação dos que estavam ali, direcionando a conversa sempre para assuntos relacionados à linguagem, tangenciando as perguntas do questionário. A seguir, o registro mais extenso da conversa.

(39) E: *ah sim… tá… então… ainda perguntando sobre esse jeito de falar… você acha que eles* (da Grande Vitória) *falam de um jeito diferente do pessoal daqui?*
P1: (não responde)
P2: (entra na conversa) *fala mais certo...*
E: *ah… é…*
P2: *nós como estudemo só até a quarta série… nós não fala totalmente tudo certo… porque nós não prendemo o português… nós não fomos estudado… nós não tivemo professores de português… nós tivemo um professor só né... que ensinava tudo de uma coisa só a nós…*
E: *entendi… aqui na região mesmo?*
P2: *aqui mesmo… nós estudemo tudo aqui…*
P1: (inint.) *naquela escola ali...*
P2: *ali na escola… ali aquela escolinha ali que a gente passa na igreja… tem uma casinha lá de cima… aquilo ali… aquela ali que foi nossa escola…*

E: *ah… sim… e de todo mundo aqui?*
P2: *de todo mundo aqui… todo mundo mais velho…*
P3: *não… não… não…*
P1: *mais velho não… mais velhos não…*
P3: *os mais novo* (inint.)
P2: *os mais velho não… igual/ é/ meu filho que tem 28 anos… ele já estudou lá na Barra… já…* (inint.) *agora assim da/ da idade de {W}... eu… {A}... todo mundo estudou aqui…*
(sobreposição de vozes)
P2: *era tudo uma turma só… uma sala pra todo mundo…*
(sobreposição de vozes)
[...]
E: *então você disse que o pessoal de lá fala* (da Grande Vitória) *diferente?*
P2: *é… porque assim… nós tem muitas coisas que a gente fala mais errado né… eu acho pra mim... cê não já percebeu {A}? muita gente igual a nós fala mais errado… muitas coisas… tem gente aqui que não consegue nem falar nem uma palavra certa... muito…* (inint.) *igual {J} né… aquela {H}...*
P4: *verdade…*
P2: *eles não sabe falar direitinho... igual a nós….*
P1: *ela tá perguntando de nós… não tá perguntando deles lá…*
P2: *não mas ela está perguntando do povo aqui…*
P5: *hein {S}... eu só falo errado mas eu porque eu sou mineira… mineiro fala tudo errado...*
E: *mineiro fala tudo errado?*
(sobreposição de vozes) (inint.)
P5: (inint.) *não fala nada certo… é o "uai"... é/ é…* (inint.) *nunca fala nada certo… fala tudo errado… sempre…*
E: *aham...*
P5: *num tem uma palavra que ele não consegue falar... né...*
E: *mas todo mundo se entende né?*
P5: *ah se entende… todo mundo entende…*
E: *tá certo… é… e cês acham que alguma vez vocês tentaram mudar um pouquinho o jeito de falar ou não? vocês falam…*
P2: *não… nós fala o que nós aprendemo né? quem quiser reparar que repara do jeito que nós somo né? que nós não tivemo estudo…*
E: *sim… sim…*
P2: *claro que… é… nós num tivemo estudo... quem reparar repara do jeito que nós somos… porque nós não tivemo estudo naquela época… não tinha estudo para nós… era difícil o estudo pra nós…*
P1: *ter tinha... mas é que não leva gosto de ir...*
P2: *não tinha o recurso de ir né…*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino fundamental incompleto, família {B})[22]

Mesmo que a pergunta não lhe houvesse sido dirigida, a participante P2 entra na conversa e a responde, sem hesitar: "(eles, da capital) *fala mais certo*". Desse momento em diante, ela to-

[22] A gravação com a família {B} não apresenta caracterizações além do sexo e da escolarização dos falantes, pois a participação de mais pessoas na entrevista ocorreu de forma espontânea, sem planejamento, de modo que não fosse possível resgatar informações ademais dessas.

ma o turno e elenca argumentos que reiteram o grande motivo de a fala das pessoas daquela região ser diferente da fala da capital, que, na sua concepção, foi a precária escolarização. A consciência linguística nesse trecho está manifesta não somente quando a falante percebe sua fala diferente da fala da capital, como também quando ela menciona outras pessoas que, ao seu ver, falam "ainda pior". Esse comportamento de identificar e de dar nome às pessoas que supostamente apresentam uma variedade fora do padrão, ou "ainda mais" fora do padrão, foi reincidente na fala dos entrevistados de Santa Leopoldina, o que é significativo, pois expressa que o entrevistado que tem alguma insegurança linguística não quer estar sozinho na lupa de quem observa variedades linguísticas, ou porque se envergonha do seu próprio jeito de falar ou porque o jeito de falar "errado" do outro lhe soa curioso, engraçado.

Diferentemente de outras entrevistadas da área rural de Santa Leopoldina, essa participante não declara sentir vergonha ou necessidade de flutuar estilisticamente. Quando perguntada se já tentou alguma vez mudar o seu jeito de falar, ela é implacável ao dizer que não e ao reiterar que a falta de estudo determinou a maneira como ela e os seus se comunicam. Ao mesmo tempo que essa atitude expressa resignação, expressa também a possibilidade de prestígio encoberto de variantes que, em comunidades urbanas como Vitória, não seriam apreciadas. Nota-se que ela responde como "nós", referindo-se não somente a si mesma, mas a um grupo.

Além das colocações sobre o jeito de falar das pessoas da vila {B}, a participante indicada como P2 representou em poucos minutos de diálogo o tópico mais proeminente da variação da concordância em primeira pessoa do plural na fala de pessoas da área rural de Santa Leopoldina, conforme registrado nas pesquisas de Foeger (2014), de Naro *et al*. (2017) e de Scherre, Naro e Yacovenco (2018), que é o uso do morfema plural *-mos* preferencialmente como marca de pretérito. Ela conserva, de forma mais específica, a marca plural *-mo*, derivada de *-mos*, para os verbos no passado (*nós estudemo/ prendemo/ fomo/ tivemo*) e para o verbo *ser* no presente (*nós somos*), e a dispensa para os demais verbos no presente (*nós tem* e *nós fala*, duas vezes). Poder-se-ia dizer, inclusive, que essa passagem é um interessante *superto-ken*, já que nela se encontram formas variantes em construções paralelas na fala de uma mesma pessoa, em uma mesma sequência discursiva (Tagliamonte, 2012, p. 111).

Recorda-se que Naro *et al*. (2017) constataram que esse efeito de distinção de tempo compõe um sistema ordenado que se identifica em dialetos rurais, como o de Santa Leopoldina, e urbanos, como o de Vitória, embora em Santa Leopoldina isso se observe mais nitidamente. Em uma análise de Scherre, Naro e Yacovenco (2018, p. 442-443) sobre a fala de Santa Leopoldina e de outras comunidades, mais ajustada ao propósito de observar o efeito da saliência

fônica e do tempo verbal na concordância em primeira pessoa do plural, os autores enfatizaram o que Foeger (2014) encontrara em uma primeira análise da amostra, que era a ocorrência de apenas um dado sem *-mos* no pretérito perfeito, com o verbo *falar* (*nós falou*), entre as 288 ocorrências neste tempo verbal (99,7%). Ao examinarem os verbos no presente, viram que os verbos com mesma forma do pretérito tendem a não exibir a marca *-mos* (oito casos de concordância, entre 300 dados, 2,7%), e os verbos no presente com forma diferente do pretérito variam por efeito da saliência fônica, com o mais salientes favorecendo ligeiramente o *-mos* (87 casos de concordância entre 294 dados, 29,6%) comparados aos menos salientes (3 casos de concordância entre os 57 dados, 5,3%).

7.2 O QUE DIZEM SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBALr

Após sucessivas perguntas abertas sobre aspectos mais gerais da linguagem (consultar Apêndices B e C), os participantes de Vitória e de Santa Leopoldina foram questionados sobre as frases "*Eles brinca* o dia inteiro", "*Nós gosta* de reunir a família" e "*Nós vai* visitar nossos primos", nesta ordem. Perguntou-se o que eles achavam dessas estruturas e se onde vivem fala-se assim. Na primeira frase, usou-se um verbo de terceira pessoa do plural de saliência mais baixa, que é o que aparece em mais abundância nas amostras de fala das duas comunidades e o que soaria mais natural para os participantes, apesar de não ter a marca plural. Esse caso é de saliência do nível 1b, também de oposição de saliência baixa: 39% dos casos em Vitória (1216/3095) e 48% dos casos em Santa Leopoldina (1315/2873), como se pode deduzir pelos dados da Tabela 4 (p. 88), já apresentada, com base em Naro *et al*. (2017, p. 225-226).

A segunda frase é de um tipo verbal em que o presente pode ter a mesma forma no pretérito perfeito (*gostamos/gostamos*) e que, com o pronome *nós* sem a forma verbal *-mos*, indica decisivamente tempo presente, em qualquer comunidade, sendo que em Santa Leopoldina é de mais alta frequência (115 - 8 = 107 casos) do que em Vitória (31 - 27 = 4 casos), fator 1b da Tabela 4. A terceira frase corresponde a uma estrutura estereotípica que falantes brasileiros usam discursivamente como exemplo do português "errado", embora pertença ao fator 2b (presente com forma diferente de pretérito), que, especialmente em Santa Leopoldina, tende a favorecer mais concordância plural, como se observa na Tabela 4. Esses casos foram reanalisados por Scherre; Naro; Yacovenco (2018, p. 442-443) e são de presente com forma diferente de pretérito (*vamos/fomos*) e de oposição mais saliente (*vai/vamos*).

O propósito dessa sequência no questionário era averiguar se a avaliação dos participantes mudaria ou se se manteria ante cada exemplo, considerando que primeira e terceira pessoa do plural apresentam padrões de uso diferentes e que o "nós vai" é uma estrutura estereotípica. A hipótese é que as atitudes dos falantes de Vitória sejam progressivamente negativas, dado que as pesquisas de produção mostram elevados índices de marca plural em terceira pessoa, e ainda mais em primeira pessoa, com uso bastante expressivo da alternante "a gente", em análises ternárias, como se observa em Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e de Scherre, Naro e Yacovenco (2018). Esperava-se que as atitudes dos falantes de Santa Leopoldina não fossem tão negativas com os dois primeiros exemplos, dado que tanto "eles brinca" como "nós gosta" são estruturas de uso frequente nessa comunidade, segundo as pesquisas com as amostras de fala, mas que fossem avessas à construção "nós vai", que é uma expressão e não se mostrou incidente tão expressiva nas pesquisas de produção da comunidade. Foeger (2014) controlou detalhadamente os verbos da amostra de Santa Leopoldina e encontrou 35 ocorrências do verbo *ir*, entre as quais apenas 4 eram de "nós vai" (Foeger, 2014, p. 134). Com relação a Vitória, Marta Scherre olhou de forma mais esmerada para os dados da amostra Portvix e registrou 23 casos do pronome *nós* com o verbo *ir*, e todos os casos com concordância.

Aos participantes mais jovens, quando pareceu oportuno, acrescentou-se a pergunta "Você namoraria alguém que fala assim?", supondo que fosse essa uma forma exitosa de aferir diferenças de juízo entre a falta de concordância em terceira pessoa do plural, em primeira pessoa do plural e o estereótipo "nós vai" e também de suscitar manifestações mais explícitas de opinião. Vários participantes de Vitória associaram as formas verbais sem desinência plural à fala de pessoas com pouca escolarização ou à fala de pessoas que moram no interior. Da mesma forma, os participantes de Santa Leopoldina consideraram que essas estruturas são comuns na fala de pessoas de baixa escolarização, mas também na fala de pessoas mais velhas.

O exemplo a seguir é de uma entrevista com uma participante de Vitória, de 21 anos e que está cursando o ensino superior. Nota-se que, a cada exemplo mencionado, sua avaliação se altera. Estão em diferentes cores de destaque as diferentes colocações sobre cada frase.

(40) E: *agora eu vou te perguntar... sua opinião sobre alguns jeitos/ assim/ de falar… aí você me diz... oh... o que você acha desse modo de falar? "*eles brinca o dia inteiro nas férias*"?*
P: *ah… entendi... então eu acho que aqui corta algumas coisas né? aqui no Espírito Santo corta algumas palavri/ algumas letrinha... algumas coisas... é... eu acho assim... acho que quem é daqui entende... eu acho que tipo assim... essa frase... entendi... mas tipo assim uma pessoa de fora... "*ah... mas... tá faltando alguma coisa na frase*" ou ti-*

*po… "*você cortou muita coisa*"… esse acho que pode ser… algumas gírias que cortam muitas palavras... de uma frase toda... a gente corta... muito... né? eu acho que aí… aí o que que as pessoas acham?*
E: *que que VOCÊ acha?*
P: *o que eu acho sobre isso? ah… eu acho que... num lugar assim... ah... tá com um amigo... beleza... agora... mas pra um lugar mais formal... eu não acho muito adequado não.... a gente tá tão envolvido nessas/ nessas/ nesse jeito de falar que a gente... na hora que era pra falar direitinho... pode se perder um pouco...*
E: *tá... você… você acha que as pessoas daqui falam assim?*
P: *isso...*
E: *você namoraria ou se casaria com a pessoa que fala desse jeito?*
P: *acho que sim... sim...*
E: *é... e o que você acha desse modo de falar:* "Nós gosta de reunir a família no Natal"*? "*nós gosta"...
P: *bom... na hora... eu vou… sabe quando você… hum… aquela dorzinha assim… mas por respeito... só pra não causar um/ um/ um/ uma sensação ruim... aí eu não falo nada... mas… realmente pensando por esse lado... tipo/ muitas pessoas... é… acho que/ não sei se é por falta de/ de conhecimento… falam… algumas coisas bem nesse nível aí... aí eu eu ia ficar meio... tipo... meio que... mas eu não ia falar nada... falar nada...*
E: (risos) *você acha que as pessoas aqui em Vitória falam assim?* "nós gosta"*?*
P: *pouca pessoa que eu já ouvi falar falando desse jeito... mas fala... tem umas pessoas que falam... por exemplo... é… antes de ser/ ele específico... mas a gente é… tava ali tendo uma aula... com uma pessoa da minha igreja... aí tava falando umas coisas assim… que eu nunca tinha vi/ nunca tinha visto... só que acho que ele não acho que ele não tem estudo... não sei... mas ele falava "probrema"... negócio assim... umas coisas assim que eu falei* "ain"*... mas eu não sei se era/ porque eu nunca tinha visto alguém falando desse jeito... e já mais velho… aí eu… a sensação é meio estranha... né?* (inint.)
E: *tá... e você... namoraria ou se casaria com uma pessoa que fala* "nós gosta"*?*
P: *aí não... aí eu acho que aí... aí eu ia ficar corrigindo... uma pessoa mais próxima... né? ia ficar corrigindo... acho que não...*
E: *tá... aí... olha essa próxima aqui...* "nesse fim de semana... nós vai visitar nossos primos"...
P: *ah mas tá parecendo... parecendo interior... né? tá parecendo bem… que que eu acho né... dessa frase?*
E: (risos) *é...*
P: *eu acho que tá… tá errado… assim… "a gente vai" ou nós… "nós vamos"... não é? troca muito esse "nós" por "nós"... né... tô reparando isso... eu acho horrível... não gosto muito não...*
E: *e cê acha que as pessoas aqui de Vitória falam assim?* "nós vai"*?*
P: *acho que aqui... de um/ do interior mais... falam mais do que aqui na capital... acho que muita gente… ou se/ ou se tá muito… muito... cotidiano... que eu nem reparo... mas nunca reparei se alguém falando desse jeito... assim... muito... escrachado assim... aqui na área/ na área urbana...*
E: *tá... e você... namoraria ou se casaria com a pessoa que fala assim?*
P: *eu teria que avaliar... se foi só uma brincadeira ou se é realmente…*
E: (risos) *não... não é brincadeira... é uma pessoa que fala assim no dia a dia...*
P: eu ia/ *o me/ o meu ouvido ia/ ia sofrer... eu ia achar estranho ou achar ou ela não tem estudo ou ela tá…*
(Vitória, feminino, ensino superior incompleto, 21 anos, participante 4)

A essa entrevistada, o “eles brinca” parece natural no Espírito Santo e, de seu ponto de vista, aceitável, mas como uma variante para contextos menos formais. Para ela, seria também possível se relacionar com alguém que se expressasse dessa forma. No entanto, diante do “nós gosta”, seu discurso já se modifica e ela, em princípio, modaliza, fazendo uso do diminutivo (“dorzinha”) para expressar que não lhe cairia bem ouvir uma estrutura como essa, indicando atitudes de tolerância que teria ante quem falasse assim. Ela associa o uso do “nós gosta” a pessoas com menos escolarização e faz uma correlação com a expressão estereotípica “probrema”. Quanto a se relacionar com alguém que fala assim, a resposta é negativa e revela que o incômodo pelo uso do “nós gosta” lhe despertaria uma inevitável atitude de intolerância, razão pela qual preferiria não se relacionar com alguém que falasse dessa forma. O “nós vai” é logo associado à fala de pessoas do interior e ela imagina que, se o ouvisse de um pretendente em Vitória, teria de conferir se ele não estaria falando de brincadeira, já que esse tipo de estrutura não lhe soa natural. A subseção seguinte se dedicará mais especificamente a essa construção estereotípica.

Fica claro em suas colocações que existem diferenças de impressão entre os três exemplos mencionados, com juízo mais negativo para a estrutura de primeira pessoa do que para a terceira pessoa, conforme se previa para Vitória. O fato de o “nós vai” não lhe soar natural também parece coerente, já que na pesquisa de produção baseada na amostra Portvix não se encontraram usos dessa estrutura.

A passagem a seguir é de outra participante de Vitória.

(41) E: [...] *por exemplo “eles brinca o dia inteiro”... o que que você acha desse jeito de falar?*
P: *muito errado...* (risos) *muito errado... faltou o “m”... cadê o “m” aí?*
E: *“eles brinca o dia inteiro”... tá... você acha que aqui em Vitória as pessoas falam assim?*
P: *tem gente que fala*
E: *em Vitória mesmo você acha que tem?*
P: *tem* (risos)
E: *agora uma pergunta mais ousada... se por exemplo você no primeiro encontro com o {L}/ se o {L} mandasse uma dessas... “eles brinca”... você... desanimaria... você permaneceria nesse relacionamento? você namoraria o {L} se ele falasse desse jeito... “eles brinca”?*
P: (risos) *se foi só uma vez no primeiro encontro só essa vez... sim... mas se ele fala constantemente errado... se ele escreve errado eu não ia conseguir não...*
E: *tá... agora essa outra frase é/ o que que você acha desse modo de falar* “nós gosta de reunir a família”*?*
P: (risos) *parece uma palavra que a gente/ uma frase que a gente fala de brincadeira né? imitando o povo da roça... mas eu não consigo falar desse jeito normal não...*

> E: *você acha que aqui em Vitória as pessoas us/ falam assim "nós gosta"? "nós gosta de/ de ir pra praia no domingo"?*
> P: *bom... as pessoas que eu convivo não falam não*
> E: *tá... ok... e se o {L} falasse?*
> P: *nossa senhora! já teria terminado* (risos)
> E: *tá... agora a última dessa série... ó...* "nesse fim de semana nós vai visitar os nossos primos"... "nós vai visitar os nossos primos"... *o que que você acha?*
> P: *bem errado também...*
> E: *tá...*
> P: *pode ser que se eu pegar na memória pode ser que eu já tenha escutado alguém por aqui falar mas... quando não conjuga o verbo direito... eu não gosto não... dá uma agonia...*
> E: *é... e esse "nós vai"? você acha que por aqui fala desse jeito? "nós vai"... você acha que nós vai aqui em Vitória/ assim/ você imagina?*
> P: *nós vai... eu imagino que tenha pessoas que falam sim... talvez que não seja muito bem instruído... deve ter gente sim...*
> E: *se o {L} falasse isso no primeiro encontro?*
> P: *não... aí eu não prosseguiria com seu encontro não...*
> (Vitória, feminino, ensino superior completo, 32 anos, participante 11)

De forma semelhante à participante anterior, esta traz avaliações diferentes sobre as frases com verbos de primeira e de terceira pessoa do plural, expressando mais desapreço ao "nós gosta" que ao "eles brinca". Ela supõe que o uso do "nós gosta" esteja desencaixado da norma urbana, pois não lhe soa natural, e que, se fosse usado, seria em forma de brincadeira, em referência a um dialeto rural.

Apesar de suas falas flertarem com o preconceito linguístico, tal qual as falas da participante da passagem (40), há que se admitir que, intuitivamente, a participante foi precisa nesse apontamento, considerando que as pesquisas que aqui foram revistas exibem um padrão claro de apagamento do *-mos* em estruturas de presente com a mesma forma de pretérito (*gosta-mos/gostamos*) em Santa Leopoldina, reservando-o, preferencialmente, para estruturas de pretérito e de presente com forma diferente do pretérito (*temos/tivemos*) (Foeger, 2014; Naro *et al*., 2017), e mostram que em Vitória a frequência de uso do *-mos* é bastante elevada, da ordem de 90,4% (Benfica, 2016, p. 73), o que fundamenta o estranhamento a essa estrutura.

A propósito, muitas estruturas com sujeito "nós" já se presumem pouco habituais a falantes de Vitória, uma vez que o *a gente* se introduziu fortemente na fala da capital, segundo Mendonça (2010), perfazendo 70,8% dos usos da expressão de primeira pessoa do plural, em pesquisa com a amostra Portvix. Em Santa Leopoldina, a pesquisa de Foeger (2014) indicou que o uso do *a gente* é da ordem de 53,9%, frequência também elevada, mas não tanto quanto a de Vitória.

A seguir, três trechos de entrevistas com moradores da área rural de Santa Leopoldina.

(42) E: *tá... agora eu vou te falar... agora vai ficar mais fácil... tá? eu vou falar umas frases e você vai me dizer se você acha que é normal por aqui... se as pessoas falam assim ou você... por exemplo...* "eles brinca o dia inteiro".... "eles brinca"...
E: *você acha que por aqui falam assim?*
P: *acho que sim... eu não falo assim... eu não...*
E: *não... sim... é...*
P: *mas eu já ouvi*
E: *já ouviu desse jeito... né? aqui eu tô falando especificamente do verbo/ do sem plural... e o* "nós gosta"... *as pessoas falam? você acha que você fala?*
P: *aham... acho que eu falo...*
E: *a o "nós vai"?*
P: *"nós vamo"*
E: *"nós vamo" sem o "s"*
P: *aham... o que eu ouço mais "nós vamo"*
E: *e agora uma outra pergunta que não está aqui... eu estou fazendo só para quem é mais jovem assim... se... por exemplo... você estivesse conhecendo o seu namorado e no primeiro encontro ele já falasse assim "ah... nós vai no cinema hoje"... você acharia esquisito?*
P: *é... muito esquisito...*
E: *muito esquisito... você acha que você iria no cinema com ele mesmo assim... depois dessa... você acharia estranho... você pensaria… ah… melhor não?*
P: *não sei* (inint.)
E: *tudo bem... e se ele falasse esse... esse* "brinca"/ *como é que é/* "eles brinca/" *aí... tudo bem?* [P mexe a cabeça] *também não... e o* "nós gosta"? *Ai...* "{M}... nós gosta de comer pipoca mesmo... né?"... *você acha que tudo bem?*
P: *tudo bem não...*
E: *também não? tudo bem... mas você disse que fala* "nós gosta"...
P: *mas eu acho…*
E: *você não acha…*
P: *mas eu falo inconscientemente... já tá em mim... às vezes sai... sem pensar...*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino superior incompleto, 18 anos, participante 14)

(43) E: *tá... é/ eu vou te perguntar agora o que que você acha desses jeitos de falar... por exemplo* "eles brinca o dia inteiro"... "brinca o dia inteiro"...
P: *o que que eu acho?*
E: *é...*
P: *é porque aqui é normal...*
E: *aqui é normal/ as pessoas falam assim...*
P: *mas no geral assim não/ não é... na verdade é normal... só que as/ porque a gente não percebe... entendeu? a gente sai automático e a gente nem percebe... mas né... não é o jeito ideal né? de se falar...*
E: *e o* "nós gosta de reunir a família"/ *esse* "nós gosta" *você acha que por aqui fala assim também?*
P: *sim... fala muito* "nós vai"... "nós gosta"... *é muito comum...*
E: *a próxima pergunta seria o* "nós vai"... *então já temos a resposta aqui... e você acha que você fala assim também/ usa essas expressões ou talvez menos você fala... usa...*
P: *uso... uso... acabo usando às vezes...*
E: *sim... então eu vou fazer uma pergunta extra que nem está aqui... por exemplo... você está conhecendo uma pessoa... um menino e o menino fala desse jeito...* "nós gosta"... "nós vai" *você acha ruim ou não? você acha...*

P: *não... não/ que meu namorado fala pior...* (risos)
(Santa Leopoldina, feminino, ensino médio incompleto, 18 anos, participante 16)

(44) E: *o que você acha desse modo de falar* "eles brinca o dia inteiro"*?*
P: *é… bem… bem simples para mim… bem simples… é do cotidiano que eu escuto também…*
E: *uhum... é… as pessoas de Santa Leopoldina falam dessa forma assim? é comum?*
P: *sim… é comum…*
E: *e o que você acha desse outro modo de falar* "nós gosta de reunir a família"*?*
P: *já é um pouquinho mais…* (inint.) *como se diz… atrasado… né? é… aquela… parece que foge um pouco mas ainda existe… eu já escutei também…*
E: *aqui na região cê já ouviu?*
P: *aqui na região é comum também…*
E: *em relação a essa próxima frase* "nesse fim de semana nós vai visitar nossos primos"**...** *o que que você acha dessa frase… desse modo de falar… e se as pessoas falam assim aqui?*
P: *sim… eles costumam falar de uma forma rápida né… quando tem/ tem… essa conversa entre amigos ou é mesmo em família…* "nós vai"... "nós vamos" *né… então já é bem aberto assim também…*
(Santa Leopoldina, pomerano, masculino, ensino médio completo, 29 anos, participante 5)

Esses três participantes leopoldinenses apresentam reações diversificadas, mas em comum entre si tem o fato de não expressarem a mesma repulsa que os participantes de Vitória até então já expressaram ante o uso das formas verbais sem concordância. A participante do exemplo (42) reconhece em sua fala o uso do "nós gosta", mas não do "eles brinca" ou do "nós vai", não obstante, revela que teria dúvidas de estar em um relacionamento com alguém que usasse qualquer dessas expressões, mesmo que ela própria faça uso do "nós gosta". Ao questioná-la sobre essa contradição, ela responde "*mas eu falo inconscientemente... já tá em mim... às vezes sai... sem pensar...*". Uma declaração semelhante se observa no exemplo (43), mas no que diz respeito ao uso do "eles brinca", "*a gente sai automático e a gente nem percebe... mas né... não é o jeito ideal né? de se falar...*". Essas duas participantes partilham da noção de que lhes são naturais as formas menos prestigiadas, uma vez que alguns usos escapam sem que elas se deem conta, muito provavelmente porque no contexto em que vivem não há pressão normativa ou porque a norma que se prestigia ali não é a mesma que se prestigia na cidade de Vitória, por exemplo.

Diferentemente da participante do exemplo (42), a participante do exemplo (43) não expressa antipatia ao uso das estruturas sem concordância, embora admita que haja algum "jeito ideal", o qual destoa da sua fala natural. Ao ser perguntada se se relacionaria com alguém que usasse essas estruturas, ela surpreende com "*meu namorado fala pior*", o que corresponderia a um "sim", que não consideraria esse fato algum impedimento, mas ao mesmo tempo ajuíza nega-

tivamente as formas sem desinência plural, por meio do uso do “pior”, supondo que os exemplos sem concordância fossem ruins, mas que ainda haveria formas mais desacertadas que supostamente fazem parte da linguagem do seu namorado.

O participante do exemplo (44) avalia de formas diferentes o “eles brinca”, ao dizer que é um jeito de falar “bem simples”, e o “nós gosta”, ao dizer que é um jeito de falar mais “atrasado”, embora seja uma estrutura bastante comum na área rural de Santa Leopoldina, conforme exibiram os dados de Foeger (2014) e conforme o próprio participante afirmou. Portanto, por mais que seja um uso corriqueiro, existe uma noção de que “nós gosta” está um pouco mais distante do que se consideraria adequado.

7.3 “NÓS VAI”: O PROTÓTIPO DO ESTEREÓTIPO

Essa subseção retoma uma revisão sobre o termo estereótipo que fiz em minha dissertação de mestrado, que foi sobre a concordância verbal na fala de Vitória/ES (Benfica, 2016, p. 18-25), e se estende a uma análise da estrutura “nós vai” como o melhor exemplo do estereótipo linguístico.

O termo estereótipo é popularmente compreendido como representações ou generalizações, geralmente com cunho preconceituoso, desacompanhadas de alguma reflexão crítica de grupos sociais, com base em alguns comportamentos e características. São exemplos declarações como “mulher não sabe dirigir”, “baiano é preguiçoso”, “francês não toma banho” etc. Os estereótipos fazem com que se criem expectativas sobre determinados grupos e influenciam a impressão e o julgamento sobre eles. Esperar-se-ia, por exemplo, que as mulheres não conduzissem veículos automotivos com a mesma destreza que homens, ou que pessoas nascidas na Bahia tivessem menos disposição para trabalhar, ou que pessoas nascidas na França estivessem sempre malcheirosas.

Compreendidos pela ótica da psicologia social, os estereótipos fornecem esquemas gerais para a **categorização**, que seria um processo complexo de criação de rótulos verbais para elementos do mundo físico, mental e social, que não necessariamente têm a conotação difamatória que carregam os estereótipos. Segundo o psicólogo e professor da Universidade Federal da Bahia Marcos Emanoel Pereira (2008, p. 280), “sem a categorização, seria necessário redefinir a todo e qualquer momento os esquemas de conhecimento sobre o mundo, o que, possivelmente, estenderia ao extremo os limites cognitivos”. Isso significa dizer que a categorização é um mecanismo fundamental à vida social, que simplifica a interação do ser humano

com o meio, mediante o excesso de informações que o mundo apresenta. Entretanto, no processo de elaboração das etiquetas que reconhecem os grupos sociais, forma-se um conjunto inicial de crenças que, em alguns casos, sedimenta uma base para a construção de preconceitos, conforme os exemplos citados.

A Sociolinguística tomou emprestado o termo estereótipo para a compreensão dos fenômenos linguísticos sobre os quais os falantes são conscientes e que podem ser percebidos, julgados e eventualmente associados a grupos sociais (Labov, 1994, p. 78; 2001b, p. 196-197). Segundo Meyerhoff (2006, p. 22), o estereótipo é uma "característica linguística que é amplamente reconhecida, e que é muitas vezes objeto de performances e personificações dialetais (nem sempre estritamente precisas!)". A concordância verbal talvez seja, na língua portuguesa brasileira, um dos fenômenos sobre os quais mais se fala e que mais se exemplifica ao se mobilizarem exemplos de "português errado". Uma evidência disso foi a polêmica deflagrada em torno da publicação do livro didático *Por uma vida melhor* (Ramos, 2011), no ano de 2011, destinado à Educação de Jovens e Adultos, em função da menção a estruturas variáveis de concordância verbal e nominal comuns na fala, sem as desinências plurais, feita no capítulo "Escrever é diferente de falar", pela autora Heloísa Ramos, conforme se vê na Figura 6. Houve jornalistas e estudiosos que defendessem o conteúdo da obra e outros que o considerassem uma apologia ao "erro", um estímulo a falar e a escrever "errado".

Figura 7 – Trecho do livro didático Por uma vida melhor

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.	
nós	→ 1.ª pessoa, plural
pega	→ 3.ª pessoa, singular

Os menino pega o peixe.	
menino	→ 3.ª pessoa, ideia de plural (por causa do "os")
pega	→ 3.ª pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

Fonte: Ramos (2011, p. 16).

Nas páginas anteriores desta tese, viu-se que as formas sem marca de concordância verbal são sim objeto de comentários, especialmente para falantes da área urbana, Vitória. Isso já seria suficiente para afirmar que os dois fenômenos, a concordância verbal em primeira pessoa do plural e a concordância em terceira pessoa do plural, seriam estereótipos, pela ótica sociolin-

guística do termo (Labov, 1994; 2001b; Meyerhoff, 2006). Entretanto, a estrutura "nós vai" não é aqui posta em paralelo com as demais formas de primeira pessoa do plural, visto que ela aparenta ser um dos maiores exemplos de estereótipo linguístico no português brasileiro, consolidada na memória coletiva como o protótipo do português "errado". Empresta-se a expressão "protótipo do estereótipo" da professora Marta Scherre, que já usou diversas vezes essa alcunha em referência ao "nós vai" em aulas e reuniões de orientação.

(45) E: *tá... aí... olha essa próxima aqui...* "nesse fim de semana... nós vai visitar nossos primos"...
P: *ah mas tá parecendo... parecendo interior... né? tá parecendo bem... que que eu acho né... dessa frase?*
E: (risos) *é...*
P: *eu acho que tá... tá errado... assim... "a gente vai" ou nós... "nós vamos"... não é? troca muito esse "nós" por "nós"... né... tô reparando isso... eu acho horrível... não gosto muito não...*
E: *e cê acha que as pessoas aqui de Vitória falam assim?* "nós vai"*?*
P: *acho que aqui... de um/ do interior mais... falam mais do que aqui na capital... acho que muita gente... ou se/ ou se tá muito... muito... cotidiano... que eu nem reparo... mas nunca reparei se alguém falando desse jeito... assim... muito... escrachado assim... aqui na área/ na área urbana...*
E: *tá... e você... namoraria ou se casaria com a pessoa que fala assim?*
P: *eu teria que avaliar... se foi só uma brincadeira ou se é realmente...*
E: (risos) *não... não é brincadeira... é uma pessoa que fala assim no dia a dia...*
P: eu ia/ *o me/ o meu ouvido ia/ ia sofrer... eu ia achar estranho ou achar ou ela não tem estudo ou ela tá...*
(Vitória, feminino, ensino superior incompleto, 21 anos, participante 4)

(46) P: *isso aí você vai encontrar isso aí...* "nós vai almoçar" *no interior*
E: *no interior... você acha que em nenhum lugar aqui em Vitória... não né?*
P: *não né... pessoal aqui já tem outra cultura né? mesmo aqueles... coitado... ah eu mesmo estudei até quarto ano... eu acho que eu sei falar até direitinho... não sei...*
(Vitória, masculino, ensino fundamental incompleto, 75 anos, participante 2)

(47) E: *e essa expressão* "nós vai visitar nossos…"
P: *tá errado/* "nós vamos" *né...*
E: "nós vamos"*... mas você acha que...*
P: *no interior dá muito isso... no interior dá isso aí...*
E: *no interior... mas e em Vitória?*
P: *não... Vitória as pessoas que eu convivo não fala não... fala certo...*
(Vitória, feminino, ensino médio completo, 83 anos, participante 1)

(48) E: *tá... agora...esse ó "nesse fim de semana... nós vai pra Caramuru"... nesse fim de semana... "nós vai"...*
P: *o pior de todos...* (risos)
E: *e esse "nós vai"/ você acha que é possível aqui em Vitória?/... é... você acha que já ouviu desse jeito assim?*
P: *aí aí eu já acho mais/ eu acho que já é um erro mais pesado/ eu não lembro de ter ouvido isso... não...* "nós vai"
(Vitória, masculino, ensino superior completo, 33 anos, participante 9)

(49) E: *e esse* “nós vai”*? você acha que por aqui fala desse jeito?* “nós vai”... *você acha que nós vai aqui em Vitória/ assim/ você imagina?*
P: *eu imagino que tenha pessoas que falam sim... talvez que não seja muito bem instruído... deve ter gente sim...*
(Vitória, feminino, ensino superior completo, 32 anos, participante 11)

(50) E: *agora esse aqui* hein... “nesse fim de semana nós vai visitar nossos primos”...
P: *nossa esse é tenso... mas também falam aqui...*
E: *você acha que falam?*
P: *falam... falam...*
[...]
E: *porque tem* “eles brinca”, *o* “nós gosta” *e tem o* “nós vai”...
P: *o* “nós vai” *é o pior...*
(Vitória, feminino, ensino superior incompleto, 20 anos, participante 6)

(51) E: *e... agora... essas outras expressões ó...* “a gente vai almoçar” *ou* “nós vai almoçar”*?*
P: “nós vai” *rola no interior...* “nós vai” *rola...*
E: *interior* “nós vai” *rola no interior... é... agora... aqui você acha que o pessoal fala* “nós vai almoçar” *ou* “nós vamos almoçar?”
E: “nós vamos almoçar”...
(Vitória, masculino, ensino médio completo, 27 anos, participante 10)

Mostra-se que, de fato, o “nós vai” é estrutura negativamente validada em Vitória, com mais ênfase que o “eles brinca” e o “nós gosta” antes abordados. Quando dizem “o pior de todos”, “um erro mais pesado”, “é o pior”, “esse é tenso”, manifestam que, diante de outras estruturas fora da norma padrão, o “nós vai” se sobressairia, com validação negativa. Além disso, é notória nessas passagens a imediata correlação que os participantes fazem entre o uso do “nós vai” e as pessoas que moram no interior: “tá parecendo interior”, “você vai encontrar isso aí no interior”, “é só lá no interior”, “rola no interior”, “do interior”, “no interior dá isso aí”. Observa-se não somente um estereótipo da perspectiva sociolinguística, como também o movimento de categorização, da psicologia social: afirma-se que as pessoas do interior é que falam “nós vai” e não as da cidade. Embora essa analogia tenha sido mais expressiva, alguns ainda colocaram que talvez o “nós vai” fosse característico de pessoas menos escolarizadas, que “não tem estudo”, “talvez que não seja bem instruído”. No exemplo (46), contudo, o participante argumenta que a escolarização não necessariamente está correlacionada ao uso do “nós vai”, visto que ele mesmo se reconhece pouco escolarizado e não fala desse jeito. O seu diferencial está no fato de que mora na cidade, lugar onde supostamente as pessoas têm outra cultura, em seus próprios termos.

Porém, as evidências nas pesquisas de produção são de que o “nós vai” não é uma estrutura muito recorrente na fala das pessoas que moram na área rural de Santa Leopoldina, que corresponderia a essas pessoas do interior mencionadas pelos participantes de Vitória. Foeger

(2014, p. 133-134) fez um controle detalhado dos verbos e registrou que houve 35 ocorrências do verbo *ir* na amostra, entre as quais somente quatro foram sem a marca de plural no verbo, e 31 com a marca de plural (entre *nós vamos* e *nós vão)*, o que corresponderia a 88,5% dos usos. Em contrapartida, para o verbo *fazer* no presente, por exemplo, a pesquisadora encontrou 13 ocorrências, e todas sem o uso da forma plural (*nós faz*). Ocorre, pois, que, mesmo que o "nós vai" não seja amplamente utilizado, ele é uma estrutura cristalizada usada coletivamente para representar o uso "indevido" do português e geralmente é avaliado de forma negativa.

Em Santa Leopoldina, as respostas às mesmas perguntas foram mais diversificadas e sem avaliações depreciativas como as de Vitória.

(52) E: *e desse modo de falar, o que que você acha "nesse fim de semana nós vai visitar nossos primos"?*
P: *numa/ num certo modo... para nós aqui que nascemos aqui em Santa Leopoldina nesse sotaque é normal... mas para as pessoas que vêm de fora isso é errado...*
E: *aqui você ouve falar assim?*
P: *sim...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 51 anos, participante 4)

(53) E: *e* "nós vai visitar a família"... *você acha que fala* "nós vai"*?*
P: *eles falam assim... não falam* "a gente vai"...
E: *não fala* "a gente vai"?
P: *não... é* "nós vai"...
E: *tá... o que que você acha... assim... disso? você acha... das pessoas falarem desse jeito?*
P: *eu pra ser sincero eu reparo... porque assim... quando tá conversando comigo... eu sempre vejo que tá falando errado... mas... passa batido né...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, 50 anos, participante)

(54) P: *acho que* "nós vai" *nem tanto... eu acho que não... o* "nós vai" *o pessoal fala mais brincando do que… sério...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino superior incompleto, 23 anos, participante 18)

(55) E: *"nós gosta"… e o* "nós vai"... "nós vai pra escola todo dia"
P1: *é* "nós vamos"... (inint.) (risos)
P2: *mas no dia a dia a gente né…*
E: *mas cê acha que no dia a dia fala assim desse jeito?*
P1: *agora por exemplo os estudos tá mais avançado né… agora todo mundo já fala* "nós vamos"...
E: *já fala?*
P1: *é… ela por exemplo* (aponta para a sobrinha) (inint.) *você não vai falar* "nós vai"...
(Santa Leopoldina, masculino, ensino fundamental incompleto, 62 anos, participante 20 [quilombola])

(56) E: *o que você acha desse modo de falar* "nesse fim de semana nós vai visitar nossos primos"*? e as pessoas daqui falam assim?*

P: *eu acho que fala... eu acredito que fala... fala sim... principalmente se for com esse... pessoal mais que/ que/ que é bilíngue... que fala o pomerano e o português... eles/ quando você conversa com alguém que você sabe/ que você sabe que é bilíngue... eles sempre vão falar desse modo errado... sempre vão falar de um jeito diferente... às vezes.... até eu às vezes não falo tanto porque a gente já tenta sempre se acostumar né... a não falar errado assim... mas acredito eu que fala muito... porque eu assim que eu saiba... eu já escutei falando muito assim...*
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino superior completo, 34 anos, participante 3)

(57) E: *é...* "a gente vai almoçar" *ou* "nós vai almoçar"?
P: "a gente vai"...
E: *você acha que por aqui falam mais...* "a gente vai almoçar"*?*
P: "nós vai almoçar"... *caramba... é raro ver alguém falar assim... eles falariam assim... talvez...*
(Santa Leopoldina, masculino, ensino superior incompleto, 54 anos, participante 7)

(58) E: *e* "nós gosta de reunir a família"... *esse* "nós gosta" *você acha que por aqui fala assim também?*
P: *sim... muito muito...* "nós vai"... "nós gosta"... *é muito comum...*
E: *a próxima pergunta seria o* "nós vai"... *então já temos a resposta aqui... e você acha que você fala assim também... usa essas expressões ou talvez menos...*
P: *uso... uso... acabo usando às vezes...*
(Santa Leopoldina, feminino, ensino médio incompleto, 18 anos, participante 16)

(59) E: *e... ó...* "nesse fim de semana nós vai visitar a família"... *seria... aparece? você acha que aparece?*
P: *demais... é o que mais aparece...*
E: *ah é?*
P: "nós vai"... "a gente foi"...
E: "a gente foi" *por causa desse* "a gente"*?*
P: *sim...*
E: *você acha que aparece bastante?*
P: *sim...* "a gente foi"...
E: "a gente fomos" *não?* "a gente fomos"... *você acha que apareceria também?*
P: *sim... aparece...*
E: *é? é que... cê acha que eles confundem isso plural... singular?*
P: *sim... pelo fato do dialeto do pomerano não ter...* (a desinência plural)
(Santa Leopoldina, pomerana, feminino, ensino médio completo, 30 anos, participante 23)

Pontuam-se as respostas daqueles que consideram que o "nós vai" está mesmo presente na fala rural de Santa Leopoldina, como em (52), (53), (56), (58) e (59), e também de quem não saiba responder ao certo (57). Há quem entenda que, se essa estrutura aparecer, será em forma de brincadeira (54). Os participantes dos exemplos (56) e (59) relacionam o uso do "nós vai" aos falantes bilíngues, por uma suposta interferência das línguas de imigração no aprendizado do português.

Outro indício de que o "nós vai" se revela protótipo do estereótipo é quando a participante do exemplo (58) elenca-o como exemplo de estrutura comum em sua região, ao lado do "nós

gosta", antes ainda que eu o mencionasse e lhe perguntasse. O "nós vai" é um item que estaria na beirada de uma prateleira de exemplos.

Sublinha-se a afirmação feita pela participante do exemplo (52), de que "[...] *para nós aqui que nascemos aqui em Santa Leopoldina nesse sotaque é normal... mas para as pessoas que vêm de fora isso é errado".* Essa é a mesma participante de exemplos anteriores (exemplos (1), p. 19, (30), p. 100 e (33), p. 103), que trabalhara para uma desembargadora na cidade de Vitória, a quem dava licença para lhe corrigir a fala quando julgasse necessário. Assim como outros leopoldinenses, a participante exibe a consciência de que essa construção não é prestigiada. Sua colocação é um indício de prestígio encoberto, pois expressa uso consciente de uma construção que é desprestigiada em comunidades urbanas, mas que em Santa Leopoldina não encontra desapreço, é natural – tampouco encontra orgulho desse tipo de uso linguístico. No entanto, ainda sobre a fala dessa participante, considerando o fato de ela ser plurilíngue (falante de português, alemão e pomerano) e a sua afirmação em outro momento da entrevista de que sente orgulho do seu sotaque de descendente de imigrantes (exemplo (30), p. 100), aventa-se a hipótese de que não somente traços fonológicos marquem o sotaque pomerano, como também formas verbais sem a marca de concordância, o que, nesse caso, poderia sim compor um cenário ainda mais claro de prestígio encoberto, mas mais associado à identidade de imigrante do que à de morador do campo. Essa investigação, contudo, será reservada para projetos posteriores à entrega desta tese.

7.4 A PERCEPÇÃO DOS USOS EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Esta subseção se dedica a analisar de forma breve alguns resultados da coleta de dados *online* realizada em um primeiro momento, quando do início desta pesquisa, conforme já explanado no item 4.3 da presente tese. A razão pela qual se decidiu por trazer esses resultados é para que se observasse se as percepções dos falantes correspondem ou não ao uso variável de algumas estruturas, o que evidenciar se a concordância verbal em primeira pessoa do plural é um fenômeno ao qual as pessoas podem ser sensíveis.

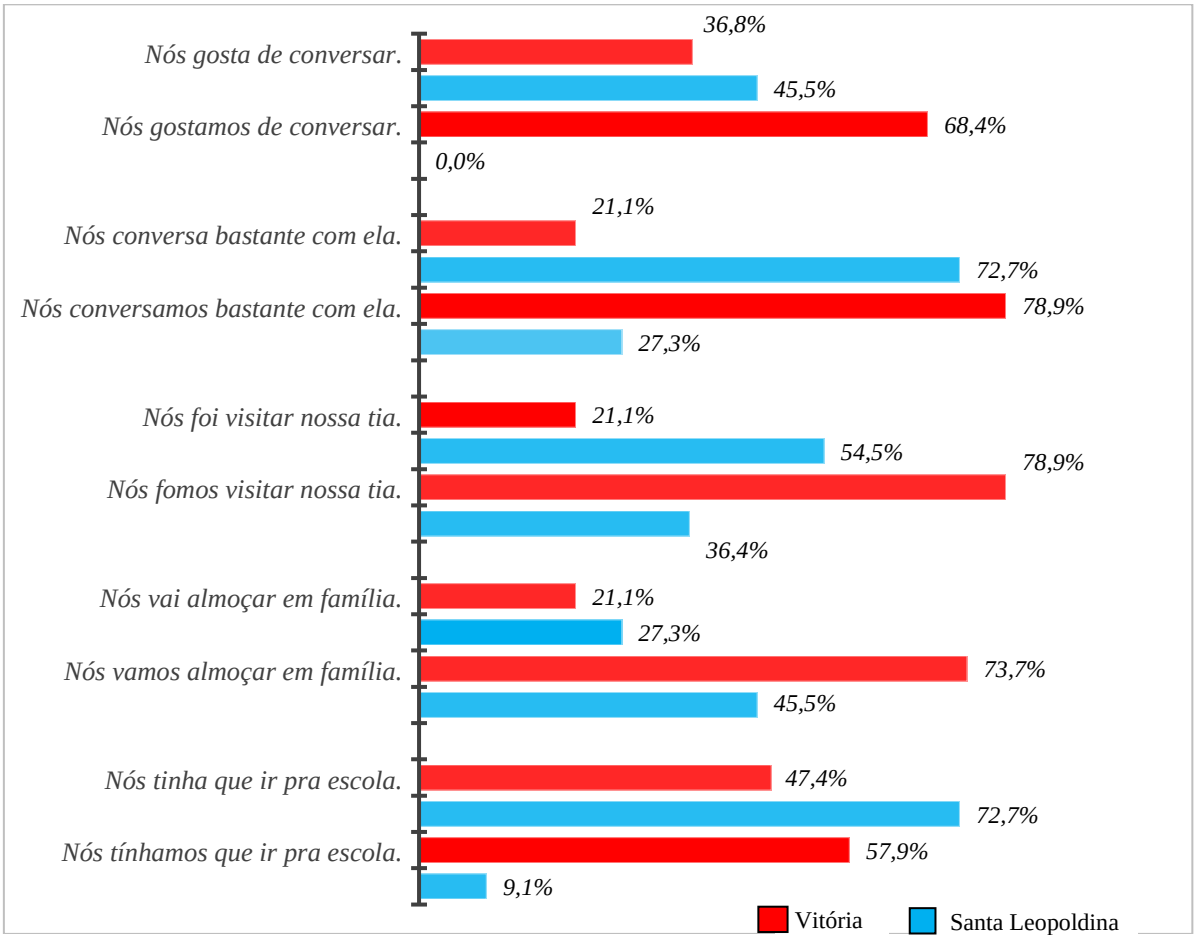
Os participantes foram assim perguntados:

> *Entre as frases abaixo, quais você acha que parecem naturais para as pessoas de Santa Leopoldina/Vitória? Assinale quantas julgar necessárias*.
> ☐ *Nós conversamos bastante com ela.*
> ☐ *Nós conversa bastante com ela.*
> ☐ *Nós vamos almoçar em família hoje.*
> ☐ *Nós vai almoçar em família hoje.*
> ☐ *Nós fomos visitar nossa tia.*
> ☐ *Nós foi visitar nossa tia.*
> ☐ *Nós tínhamos que ir pra escola.*
> ☐ *Nós tinha que ir pra escola.*
> ☐ *Nós gostamos de conversar.*
> ☐ *Nós gosta de conversar.*

Nessa etapa online da pesquisa, houve apenas itens na primeira pessoa do plural. Posteriormente, quando feitas as entrevistas presenciais, com a mudança de rumo desta pesquisa, incluíram-se pares de frases com variantes de terceira pessoa do plural e com a alternante *a gente*, de primeira pessoa do plural. Contudo, as respostas obtidas nas entrevistas, já na terceira parte de perguntas (consultar Apêndices B e C), nem sempre estavam de acordo com o que se perguntava: alguns participantes respondiam quais formas julgavam corretas e não mais usuais, outros não percebiam quando eu pronunciava algum item sem a desinência plural (*eles brinca/ eles brincam*) e com alguns eu não cheguei a realizar todas as perguntas, pois não entendiam o propósito dessa parte do questionário (especialmente as pessoas mais velhas). Por essa razão, escolheu-se por analisar as respostas do questionário *online*, as quais não contemplam as variantes de terceira pessoa do plural e o *a gente*.

Constam onze respostas de pessoas de Santa Leopoldina e 19 respostas de pessoas de Vitória. O Gráfico 1 apresenta os resultados de percepção dos dois grupos. Nas páginas seguintes, serão reproduzidos esses resultados em gráficos separados, para fins de comparação com os resultados de produção de cada comunidade.

Gráfico 1 – Respostas dos participantes de Vitória e Santa Leopoldina à pergunta "Entre as frases abaixo, quais você acha que parecem naturais para as pessoas de Vitória/Santa Leopoldina?" – questionário *online* (Percepção)



Fonte: dados das tabelas 8 e 9.

Em linhas gerais, é bastante evidente que os participantes de Vitória assinalaram com mais frequência as formas verbais com desinência plural que os falantes de Santa Leopoldina (68,8% *vs.* 0,0%; 78,9% *vs.* 27,3%; 78,9% *vs.* 36,4%; 73,7% *vs.* 45,5%; 57,9% *vs.* 9,1%), o que é compreensível quando se consideram as frequências globais de concordância dos dois grupos (90,4% em Vitória e 47,5% em Santa Leopoldina). Contudo, os falantes de Santa Leopoldina exibiram uma percepção atenta às nuances particulares da sua comunidade, mostrando que sabem que não é em qualquer contexto que a forma singular será preferida.

Quando os verbos estão no presente do indicativo, observa-se que a percepção dos falantes de Santa Leopoldina é de que as formas sem *-mos* são mais frequentes em sua comunidade ("nós conversa", "nós gosta de conversar"), ao passo que os falantes de Vitória apresentaram a tendência oposta, assinalando com mais frequência as variantes com *-mos* ("nós conversamos", "nós gostamos de conversa"). Ao olhar especialmente para o par "nós conversa" e "nós conversamos", está evidente o sentido inverso das respostas dos falantes dos dois grupos, já que a

estrutura com *-mos* não é assinalada nenhuma vez pelos participantes de Santa Leopoldina. Essa percepção está análoga ao encaixamento da variável linguística tempo verbal registrado pelas pesquisas de produção feitas nessa comunidade, Santa Leopoldina, em que a desinência *-mos* é reservada para contextos de marcação do pretérito, sendo de uso dispensável quando se deseja expressar tempo presente, com verbos que apresentem a mesma forma no pretérito perfeito e no presente.

O mesmo não ocorreu quanto ao uso da forma estereotípica "nós vai": conforme se observa, os sentidos das respostas das duas comunidades foi semelhante, embora em diferentes escalas, com a forma singular parecendo de incidência menos provável que a forma plural, segundo a percepção dos participantes. Ainda assim, nas duas comunidades o uso do "nós vai" é de frequência ainda mais reduzida, conforme se observará nas Tabelas 8 e 9.

Entre os itens sem a desinência *-mos*, o que parece que é mais usual para os participantes de Vitória é o da estrutura de pretérito imperfeito, embora a estrutura com *-mos* nesse mesmo tempo verbal tenha sido assinalada mais vezes que a sem *-mos*. Isso ocorreu de forma semelhante com os participantes Santa Leopoldina, o que parece indicar que, em ambas as comunidades, a estrutura de proparoxítona soa pouco usual – o que não significa dizer que os falantes optem necessariamente pelo uso da variante sem *-mos* com sujeito *nós*, mas que provavelmente variem entre as formas alternantes de expressão da primeira pessoa do plural, com os pronomes pessoais *nós* e *a gente*. Contudo, os participantes de Santa Leopoldina marcaram essa estrutura "nós tinha" (72,7%) na mesma proporção que o "nós conversa" (72,7%), o que mostra uma percepção de que essas formas coexistem nas mesmas medidas, o que, com efeito, coincide com os usos nesta comunidade registrados pelas pesquisas de produção, como se verá em páginas seguintes, porém com uso semicategórico das variantes sem *-mos*, tanto no pretérito imperfeito (99,6%, com apenas um dado com *-mos*) e no presente com a mesma forma do pretérito (99,5%, com apenas um dado com *-mos*).

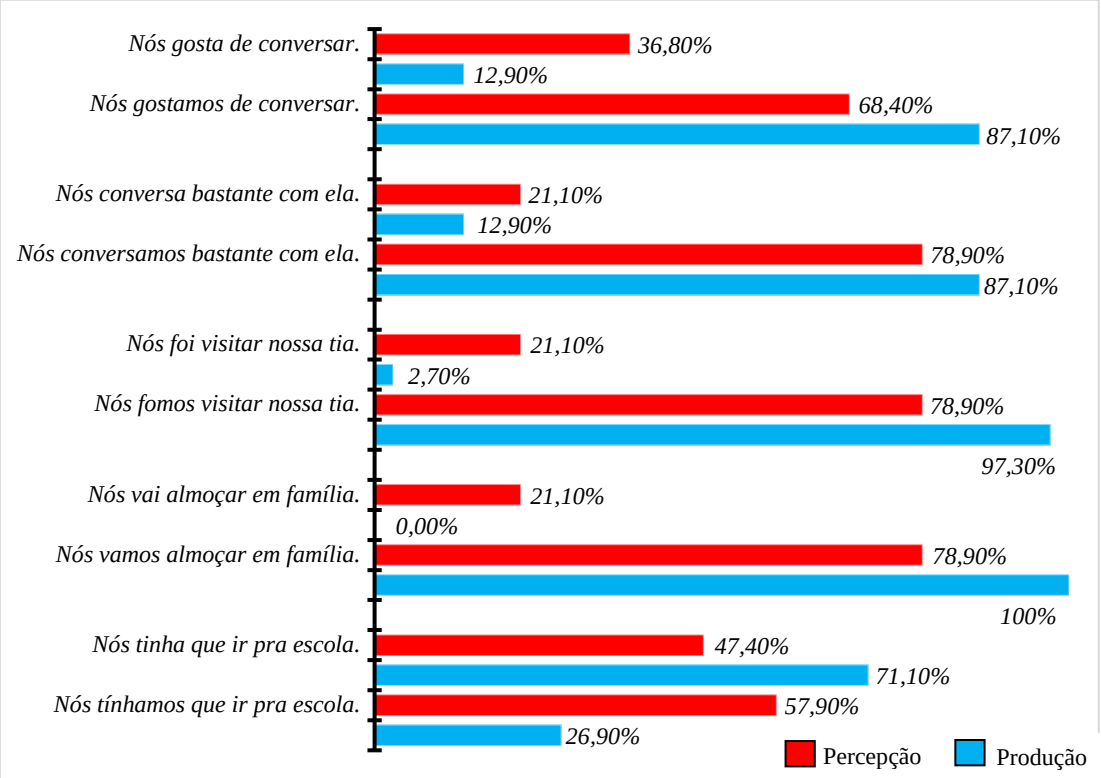
Os gráficos e tabelas a seguir colocam em paralelo os resultados de produção e percepção em cada uma das comunidades estudadas.

Tabela 8 – Comparação entre resultados de percepção e produção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Vitória

Tempos verbais e construções	Percepção	Produção
Presente com a mesma forma do pretérito		
"Nós gosta de conversar"	36,8%	12,90% (4/31)
"Nós conversa bastante com ela"	21,1%	
"Nós gostamos de conversar"	68,4%	87,10% (27/31)
"Nós conversamos bastante com ela"	78,9%	
Pretérito imperfeito		
"Nós tinha que ir para a escola"	47,4%	71,10% (38/52)
"Nós tínhamos que ir para a escola"	57,9%	26,90% (14/52)
Pretérito perfeito – verbo *ir*		
"Nós foi visitar nossa tia"	21,1%	2,70% (1/37)
"Nós fomos visitar nossa tia"	78,9%)	97,30% (36/37
Presente – verbo *ir*		
"Nós vai almoçar em família"	21,1%	0,0% (0/23)
"Nós vamos almoçar em família"	78,9%	100% (23/23)

Fonte: Naro *et al*. (2017, p. 225-226), Tabela 4 desta tese (p. 88), à exceção das construções com o verbo *ir* (*foi/fomos, vai/vamos*), que foram especificamente controladas por Marta Scherre em estudos não publicados. Os resultados de nós sem *-mos* foram obtidos pelo cálculo da diferença percentual com o nós com *-mos*.

Gráfico 2 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Vitória



Fonte: dados da Tabela 8.

Conforme se observa no Gráfico 2, em quase todos os pares de construções os participantes assinalaram com maior frequência a variante com plural, o que parece razoável, já que é da ordem de 90,4% a frequência global de concordância em primeira pessoa do plural na amostra Portvix (Benfica, 2016, p. 73). Nota-se que as direções das respostas de percepção se assemelham aos resultados da produção, com as construções com concordância mostrando-se mais acentuadas que as sem concordância, embora haja alguma discrepância no que se refere às magnitudes da proporção de uso e de percepção do uso, com uma tendência do morador de Vitória a considerar que as construções sem marca plural são mais recorrentes do que o que as pesquisas de produção registram. Contudo, chamam atenção as respostas ao pretérito imperfeito, ocasião em que as proporções estão mais aproximadas, e com percepção de uso da forma sem concordância mais forte que nos demais casos, da ordem de 47,4% de "nós tinha" e 57,9% de "nós tínhamos". É este o caso em que, efetivamente, observa-se uso consideravelmente mais reduzido do *-mos* na capital, em apenas 26,9% dos dados (14 verbos com *-mos*, 38 verbos sem *-mos*), com barras que mostram padrão inverso das demais. Parece, pois, que a estrutura de proparoxítona (*tínhamos*) não soa tão usual ao morador de Vitória quanto as demais formas plurais porque não é mesmo usada com tanta frequência. Na seção 6.2 desta tese, fala-se sobre o encaixamento linguístico das variações em primeira e em terceira pessoa do plural em Vitória e em Santa Leopoldina e cita-se o tempo pretérito imperfeito como um contexto linguístico pouco favorável ao uso da desinência em função de uma tendência à esquiva de estruturas proparoxítonas (Bortoni-Ricardo, 1985), sendo que, em Santa Leopoldina, conforme se verá adiante, o uso singular com efeito quase categórico, com apenas um dado de uso da marca plural.

É esta a única configuração que diverge dos resultados de produção, o que pode sinalizar que essas formas sem concordância existem, mas não foram captadas quando da coleta da amostra, ou que a percepção do uso não está calibrada com o uso factual. Considera-se também a possibilidade de que os falantes de Vitória não se creiam usuários de variantes tão desprestigiadas por eles mesmos, conforme já se viu em páginas anteriores dessa tese, e por isso assinalaram mais vezes a estrutura com *-mos*.

A construção "Nós gosta de conversar" pareceu factível para 36,8% dos respondentes de Vitória, enquanto o estudo de produção registra apenas 12,9% de casos de não concordância com o verbo no presente com a mesma forma do pretérito, quatro dados de 31, sendo 27 com a marca de concordância, 87,1%. Mesmo com diferenças, esses resultados seguem as mesmas direções, e, após o imperfeito, é esse o tempo verbal o contexto de maior proporção de dados

sem a marca plural, mesmo sendo apenas quatro dados, em uma soma de 31. Pode ser que em Vitória não sejam tão incidentes na fala essa estrutura, no entanto, os estudos de produção de primeira pessoa do plural que se debruçam de forma mais específica sobre o tempo verbal em várias comunidades já mostraram que a marca *-mos* será preferencialmente utilizada como marca de pretérito, como em Santa Leopoldina (Naro *et al*., 2017).

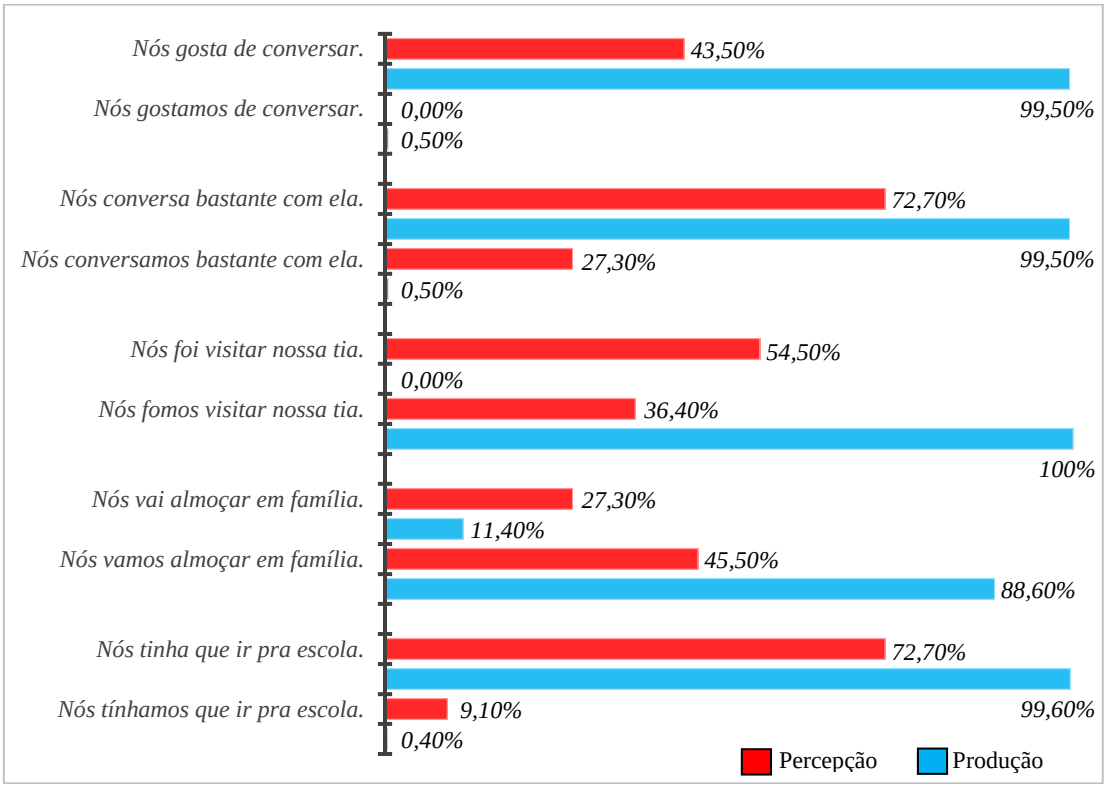
A seguir, os resultados para a comunidade de Santa Leopoldina.

Tabela 9 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com *-mos* e nós sem *-mos* em Santa Leopoldina

Tempos verbais e construções	Percepção	Produção
Presente com a mesma forma do pretérito		
"Nós gosta de conversar"	43,5%	99,5% (191/192)
"Nós conversa bastante com ela"	72,7%	
"Nós gostamos de conversar"	0,0%	
"Nós conversamos bastante com ela"	27,3%	0,5% (1/192)
Pretérito imperfeito		
"Nós tinha que ir para a escola"	72,7%	99,6% (282/283)
"Nós tínhamos que ir para a escola"	9,1%	0,4% (1/283)
Pretérito perfeito – verbo *ir*		
"Nós foi visitar nossa tia"	54,5%	0,0% (0/53)
"Nós fomos visitar nossa tia"	36,4%	100% (53/53)
Presente – verbo *ir*		
"Nós vai almoçar em família"	27,3%	11,4% (4/35)
"Nós vamos almoçar em família"	45,5%	88,6% (31/35)

Fonte: Naro *et al*. (2017, p. 225-226), Tabela 4 desta tese (p. 88), à exceção das construções com o verbo *ir* no pretérito (*foi/fomos*), que foram especificamente controladas por Marta Scherre, e no presente (*vai/vamos*), por Foeger (2014, p. 134). Os resultados de nós sem *-mos* foram obtidos pelo cálculo da diferença percentual com o nós com *-mos*.

Gráfico 3 – Comparação entre resultados de produção e percepção do uso de nós com -mos e nós sem -mos em Santa Leopoldina



Fonte: dados da Tabela 9.

Ressalta-se que o primeiro e o segundo par de frases dos gráficos apresentam verbos no presente, com a única diferença de no primeiro haver uma locução verbal e o segundo ser apenas um só verbo. Em ambos os casos, os participantes assinalaram que a estrutura sem o *-mos* parece mais natural do que com, o que corresponde aos resultados encontrados para os verbos no presente que possuem a mesma forma que o pretérito nesta comunidade (Naro *et al*., 2017, p. 215), com efeito quase categórico de ausência da desinência plural, 99,5% dos dados, 191 de 192, ou seja, apenas um dado com *-mos*. Apesar de a forma sem plural ter sido proporcionalmente mais assinalada, 27,3% dos respondentes ainda assinalaram o "Nós conversamos bastante com ela" como uma estrutura que pareça natural em Santa Leopoldina, enquanto "Nós gostamos de conversar" não foi assinalada por nenhum. Entende-se que esta última, com locução verbal, expresse inequivocamente o tempo presente, que, de fato, dispensa a marca *-mos*, ao passo que a outra, "Nós conversamos bastante com ela" seja dúbia ao ser lida sem contexto, podendo indicar presente ou pretérito, e por isso assinalada em 27,3% dos casos. Já o "Nós conversa bastante com ela" também é inequivocamente presente, e foi a estrutura mais assinalada, ao lado do "Nós tinha que ir pra escola", por 72,7% dos participantes. No caso do imperfeito (*tinha/tínhamos)*, é precisa também a noção de que a variante sem *-mos* é larga-

mente mais usual, já que, das 283 ocorrências na amostra de Santa Leopoldina, somente uma apresentou o *-mos*, perfazendo 0,4% dos dados (Naro *et al*., 2017, p. 2015).

Em ambos os municípios alguns respondentes assinalaram as construções com o verbo *ir* sem concordância, "nós vai" e "nós foi", como natural em suas comunidades, embora as pesquisas de produção indiquem que em Vitória não se encontrem casos de "nós vai" (0%, e 23 dados de "nós vamos") e apenas um caso de "nós foi" (2,7%, de 37 dados, 36 de "nós fomos"), e em Santa Leopoldina não se encontrem casos de "nós foi" (0%, de 53 dados de "nós fomos") e apenas quatro dados de "nós vai" (11,4%, de 35 dados, 31 "nós vamos/vão"). Já se discutiu que o verbo *ir* na forma presente é um grande estereótipo no português brasileiro, o que pode influenciar na percepção do seu uso, como se ele fosse mais presente do que realmente é, por popularmente ser exemplificado como exemplo do uso "indevido" do português, e particularmente ser pensado como estrutura típica da fala de quem mora no interior. Mesmo o uso não se exibindo tão comum nessa comunidade, é possível que o próprio leopoldinense da área rural se creia usuário da estrutura estereotípica, enxergando-se como o próprio estereótipo, e por isso tenha sido assinalado em 54,5% o "nós foi" e em 27,3% o "nós vai". Interpretando dessa forma, se perceberia mais um indício de insegurança linguística nessa comunidade (Fernández, 1998), em que os falantes creem que seu jeito de falar não corresponde ao que seria mais prestigiado. Não se escapa, porém, da possibilidade de o seu uso estar presente nas comunidades, mas não ter aparecido no contexto de coleta das amostras de fala, especialmente em Santa Leopoldina, onde há também uma população bilíngue e plurilíngue que não entrou na composição da amostra de fala da comunidade.

Apesar das incongruências em termos de proporção, nota-se pelas barras dos gráficos 2 e 3 que as percepções do uso em geral acompanham a direção do uso, o que mostra que os falantes tanto de Vitória quanto de Santa Leopoldina são sensíveis a esse fenômeno e a várias de suas nuances, os tempos e tipos verbais. Esse questionário pode ser aprimorado e mais divulgado entre membros das duas comunidades a fim de se obterem resultados mais robustos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo investigar as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina sobre a sua fala individual e sobre a fala de sua comunidade, a fim de compreender as noções que existem nesses locais e os juízos de valor sobre estruturas de concordância verbal sem desinência plural. Buscou-se, de forma mais específica, responder às seguintes questões: Quais são as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina sobre a variedade de sua própria comunidade? Quais são as atitudes linguísticas de falantes de Vitória e de Santa Leopoldina sobre o uso variável da concordância verbal? Os falantes têm consciência do uso variável da concordância verbal em sua comunidade?

Realizou-se uma revisão bibliográfica de algumas pesquisas de produção sobre a concordância verbal em primeira do plural e a concordância verbal em terceira pessoa do plural, considerando-se que são duas variáveis dependentes distintas, que variam segundo a operação de diferentes fatores linguísticos e sociais. Diferentemente da terceira pessoa do plural, que já tem uma tradição de pesquisa mais robusta no português brasileiro, a variação na primeira pessoa do plural envolve a particularidade do fator tempo verbal, com o uso da marca *-mos* sendo preferencialmente reservado a estruturas de pretérito e de presente mais saliente, e do fator alternância da expressão de primeira pessoa do plural, com a variante *a gente*, que tem exibido uma tendência de substituição do uso do *nós* sujeito em várias comunidades do Brasil. Pontua-se que os padrões se mostram consistentes ao se investigarem comparativamente os fatores linguísticos envolvidos no processo de variação da concordância tanto de primeira pessoa do plural quanto de terceira. Os fatores sociais, por sua vez, se mostra, ser mais nebulosos, e, por isso, mais bem compreendidos ao se olhar mais atentamente para a forma como a comunidade se organiza, em termos de papéis de gênero/sexo, divisão do trabalho, tipo de trabalho, contato com falantes descendentes de imigrantes etc. Esse capítulo desenhou o fundo da proposta de pesquisa desta tese, que consistiu em perscrutar o plano das opiniões, dos juízos, referentes ao uso variável da concordância verbal e, para além disso, uma vez que já se iria a campo, desvelar outras noções presentes nas comunidades relacionadas ao uso individual e coletivo da linguagem.

Esta pesquisa passou por uma primeira tentativa de coleta de dados por meio de um questionário *online*, que teve pouco êxito, em razão do inconsistente engajamento dos respondentes e do não alcance do público-alvo da área rural de Santa Leopoldina, o que justificou a posterior coleta de dados de forma presencial, por meio de entrevistas. Essa etapa, sim, foi bastante frutífera e fundamentou o capítulo de análises desta tese e uma discussão sobre a compreen-

são de Santa Leopoldina enquanto grupo social, dada a heterogeneidade que esse município apresenta em função da população urbana, rural e descendente ou não descendente de imigrante.

Não há unanimidade entre as atitudes dos participantes de cada comunidade, mas, em linhas gerais, observaram-se algumas tendências. As análises mostraram que, em Vitória, os participantes tiveram um comportamento avaliativo mais normativo no que diz respeito ao uso das estruturas de concordância, com diferenças entre as avaliações de primeira e terceira pessoa do plural. Benfica (2016), em pesquisa de produção sobre a concordância verbal em Vitória, pontuou que as concordâncias em primeira e terceira pessoa eram duas variáveis independentes, e não somente uma grande variável "concordância verbal", por três razões: por apresentarem diferentes índices de incidência na fala, pelo fato de a primeira pessoa do plural "nós" ter a alternante "a gente", por exibirem diferentes percentuais globais de concordância, com a primeira pessoa "nós" apresentando frequências mais elevadas nesta e em outras tantas comunidades, e por haver significados sociais diferentes associados aos dois fenômenos. Esta última fora uma colocação impressionística, uma vez que ainda não haviam sido feitos testes de atitude, avaliação ou percepção que pudessem confirmar esta ideia, embora ela pareça razoável para o pesquisador sociolinguista. Mesmo não se propondo a uma análise quantitativa, esta tese exibiu que existe efetivamente no pensamento do falante natural de Vitória uma diferenciação de significado social, em que as estruturas de terceira pessoa sem desinência plural são negativamente validadas, mas admissíveis em suas relações pessoais, e as de primeira pessoa são também negativamente validadas, mas ainda associadas a pessoas do interior ou pouco escolarizadas, e inadmissíveis nas suas relações.

Dedicaram-se mais páginas às análises dos entrevistados de Santa Leopoldina, por serem esses participantes representantes de um perfil social estereotipado que costuma ser objeto de piada e de atitudes preconceituosas de pessoas das áreas urbanas, inclusive de Vitória. Conforme apontado, esperava-se que se pudesse encontrar entre os participantes de Santa Leopoldina o prestígio encoberto acompanhado de atitudes que remetessem a um possível orgulho, tal qual os goianos, que conservam traços da ruralidade em sua fala, valorizando o uso de formas não prestigiadas em áreas urbanas, como o /R/ retroflexo, a ausência de marcas formais de concordância nominal (Souza, 2023) e o *nós* com singular verbal, os quais constroem sua identidade de origem no campo, caipira (Mattos, 2013). Contudo, o que se observa nessa comunidade é que há um prestígio encoberto – uma vez que o uso das formas verbais sem plural persiste nessa comunidade e lhe soa natural –, mas desacompanhado de expressões que

manifestem orgulho. Ademais, os falantes exibiram consciência de que seus usos linguísticos não correspondem ao que se supõe correto, que é sancionado pelo urbano. Questiona-se se essa consciência viria de um movimento natural de percepção e constatação de diferenças, ou de uma reconhecida atitude de pouca tolerância largamente manifesta por falantes do português brasileiro quanto ao jeito de falar de quem mora no interior.

Dedicou-se uma subseção especial às colocações dos participantes sobre o "nós vai", que já se sabia uma estrutura bastante estigmatizada e estereotipada, e que aqui se confirmou, representando o que Marta Scherre costuma chamar de "protótipo do estereótipo". Os participantes de Vitória apresentaram atitudes de rejeição a essa construção e a associaram à fala de pessoas que moram no interior. E as pessoas do interior, de Santa Leopoldina, não foram unânimes quanto à percepção dessa estrutura em sua comunidade, mas também não foram taxativas como em Vitória, o que mostra que a força normativa é externa, do urbano, e não penetra expressivamente no rural.

Os entrevistados de Vitória não se equivocam em suas intuições quando associam algumas formas à fala de pessoas que vivem no interior, no entanto, a maneira como se colocam nesse assunto revela uma relação de pouco respeito linguístico (Scherre, 2021), já que se fala abertamente sobre uma dificuldade para conviver com essa variedade e até mesmo sobre um desejo de suprimi-la ("*dá uma agonia...*", "*eu ia ficar corrigindo...*", "*aquela dorzinha assim...*"). Já era notória essa realidade, especialmente para estudiosos da área de Letras e Linguística, e, com esses registros e com essas comparações entre produção, atitude e percepção de usos, é possível ampliar debate sobre a variação linguística, os estereótipos linguísticos, os comportamentos e os significados sociais.

Tomaram-se os resultados das pesquisas sobre concordância verbal feitas com as amostras de Vitória e Santa Leopoldina como representativos da fala desses lugares, para que se comparassem a eles os resultados da percepção dos usos. Recorda-se que esses estudos de produção vêm de uma tradição de pesquisas labovianas que buscam acessar o vernáculo de uma dada comunidade por meio de entrevistas sociolinguísticas, realizadas por pesquisadores que usam diversas estratégias para tornar o contexto de gravação menos artificial, e assim alcançar o objetivo de captar a linguagem mais natural da comunidade que investiga. Foi assim feito em Vitória, com a coleta da amostra Portvix (Yacovenco *et al*., 2012), e em Santa Leopoldina (Foeger, 2014; Lopes, 2014; 2020). Os falantes dessas duas comunidades de naturezas tão distintas, urbana e rural, mostraram uma percepção dos usos linguísticos locais bastante comparável aos usos registrados pelas pesquisas de produção, embora com algumas incongruên-

cias em termos de magnitudes das proporções e de uso das expressões mais estereotipadas ("nós vai" e "nós foi"), com os participantes de Santa Leopoldina indicando parecerem passíveis de ocorrência em sua comunidade estruturas estigmatizadas que não apareceram de forma expressiva na amostra de fala.

Os experimentos realizados no curso dessa tese geraram materiais que ainda podem ser examinados em sequências futuras, como: as noções que o falante de Vitória tem sobre o sotaque capixaba; as noções que o falante de Santa Leopoldina tem sobre o pomerano e o sotaque pomerano; como é percebida a variação estilística individual pelos falantes das duas comunidades, entre outros. Além disso, diálogos com a Análise do Discurso podem ser produtivos para compreender ainda mais como esses grupos se percebem e percebem um ao outro. Esse trabalho pode também se estender com a realização de mais entrevistas, de forma que se alcance uma estratificação mais comparável à das pesquisas de produção, ou pode ainda fundamentar um teste de percepção que replique o método *matched-guise technique* (Lambert *et al*., 1960), que fora, em momentos iniciais, interesse desta pesquisa.

Um tópico que parece muito caro à comunidade de Santa Leopoldina, nas porções geográficas mais próximas aos limites do município de Santa Maria de Jetibá, é o orgulho associado ao falar pomerano, explicitamente revelado nas falas de alguns participantes. Sendo o pomerano uma língua de imigração, e, por isso, uma língua fadada à extinção com o passar das gerações, cumpre estudá-la enquanto ainda sobrevive, sabendo que já consiste em uma rara exceção à regra da Terceira Geração (Weinreich,1970), sendo preservada mesmo após 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes (Bremenkamp, 2014, p. 234).

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela; WINCKELMANN, Ana Carolina; SEIFFERT, Ana Paula; PREDIGER, Angélica; SCHMITT, Gabriel; BERGMANN, Gerônimo Loss; HABEL, Jussara Maria; SOUZA, Luana Cyntia dos Santos; KOHL, Sofia Froehlich; GODOI, Tamissa Gabrielle. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (org.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

BENFICA, Samine de Almeida. 2016. 111 f. *A concordância verbal na fala de Vitória*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debat sobre o estatuo da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, n. 56, v. 3, p. 1035-1064, 2012.

BRASIL. *Lei Complementar n.° 1, de 9 de novembro de 1967*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp01.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BREMENKAMP, Elizana Schaeffel. *Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá*. 2014. 291 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo, Ática, p.237-285, 1992.

CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa qualitativa*: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

CARVALHO, Hebe Macedo; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DETTONI, Rachel do Valle. *A concordância de gênero na anáfora pronominal*: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabana – Mato Grosso. 2003. 256 f. Tese (Dou-

torado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, n. 1, v. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; MCCONEL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde cohabitam linguagem, gênero e poder. Tradução de Branca Falabella Fabricio. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade:* clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. Phonetics, Phonology and Social Meaning. *Journal of Sociolinguistics*, n. 21, v. 4, p. 467-496, 2017.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

FOEGER, Camila Candeias. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FOEGER, Camila Candeias; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. *Letrônica*, v. 10, p. 5-17, 2017.

GARRETT, Peter. *Attitudes do language*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

GARRET, Peter; COUPLAND, Nikolas; WILLIAMS, Angie. *Investigating languages atitudes*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

GUY, Gregory R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *Boletim da ABRALIN*, v. 26, n. especial, 2001, p. 32-37.

GUY, Gregory R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa*: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007. p. 19-46.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Proposta metodológica para classificação dos espaços do rural, do urbano e da natureza no Brasil*. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO JONES SANTOS NEVES (IJSN). Distribuição populacional no Espírito Santo: resultados do censo demográfico de 2010. *Resenha de Conjuntura*, Vitória, ano IV, n. 27, maio 2011. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20121022_958_201127_.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

INSTITUTO JONES SANTOS NEVES (IJSN). Coordenação de Geoprocessamento. *Limites Administrativos – Santa Leopoldina*. jun. 2012. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/. Acesso em: 21 abr. 2022.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 2006 [1966].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (org.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001a. p. 85-109.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*: social factors. Oxford: Blackwell, 2001b.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. J*ournal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português*. Madrid: Iberoamericana, 2003.

LOPES, Lays Oliveira Joel. *A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina*. 2014. 199 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOPES, Lays Oliveira Joel. *"As história são boa. As pessoa, maravilhosa"*: análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES. 2020. 380 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (orgs.). *O Português Afrobrasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 331-388.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberg de. *Nós e a gente em Vitória*: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*. London/New York: Routledge, 2006.

MONTEIRO, Larissa de Souza. "*Eles fala umas fanfarronagem que nós não entende*": A concordância verbal de primeira pessoa do plural em favela do Rio de Janeiro. 2004. 61 f. Monografia (Graduação em Letras Português e Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2020.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimension of a syntactic change. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony J.; GORSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, Denilda (org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999a. p. 26-37.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. *A cor das letras*. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 3, p. 17-34, 1999b.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Remodeling the age variable: Number concord in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, v. 25, p. 1-15, 2013.

NARO, Anthony Julius.; SCHERRE, Maria Marta Pereira; FOEGER, Camila Candeias; BENFICA, Samine de Almeida. Linguistic and social embedding of variable concord with 1st plural nós 'we' in Brazilian Portuguese. In: Pilar Barbosa; Maria da Conceição Paiva; Celeste Rodrigues (org.). *Studies on Variation in Portuguese*. 1ed. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 219-231.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade*: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 318-336, 2021.

PEREIRA, Deize Crespim. Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas. 2004. 116 f. Dissertação (Mestre em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2004.

PEREIRA, Marcos Emanoel. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências & Cognição*, v. 13, p. 280-287, 2008.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Variação na concordância verbal no falar de Fortaleza-CE: a influência de fatores sociais. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 18, n. 1, 2018, p. 16-38.

POPLACK, Shanna. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. *In*: LABOV, Willam. (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

POTRATZ, Raphael Henrique Ferreira. *Uma pequena cidade capixaba*: desafios frente a urbanização e a industrialização em Santa Maria de Jetibá. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PREFEITURA DE SANTA LEOPOLDINA. Coordenadoria Municipal de Comunicação. Institucional. *História do município*. Publicado em 14 ago. 2019. Disponível em: https://www.santaleopoldina.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6503. Acesso em: 8 fev. 2022.

PREFEITURA DE VITÓRIA. *A cidade*. *Evolução Urbana*. Última atualização em 11 mar. 2022. Disponível em: https://www.vitoria.es.gov.br/cidade. Acesso em: 5 maio 2022.

RAMOS, Heloísa. Escrever é diferente de falar. In: AGUIAR, Carolina. Amaral de; BAZZONI, Claudio; GRINSPUM, Denise Mendes; ONAGA, Dulce Satiko; LOURENÇO, Fábio Fernandes de Madeira; MEIRELLES, Helena Henry; RAMOS, Heloisa; RODRIGUES, José Carlos Fernandes; MANSUTTI, Maria Amábile; VALADÃO, Marina Marcos; CLETO, Mirela Laruccia; JAFFE, Noemi; GIANSANTI, Roberto. *Por uma vida melhor*. Coleção Viver, Aprender. v. 2. multidisciplinar. São Paulo: Editora Global, 2011.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Concordância Verbal, Sociolinguística e História do Português Brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 4, n. 1, p. 115-145, 2004.

RUBIO, Cássio Florêncio. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo.* 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo.* 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, Gillian. A quantitative paradigma for the study of communicative competence. In: *The social life of language*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1980. p. 47-79.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 560 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. Revista Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Comunity. In: BROWN, Keith. *Encyclopedia of Language & Linguistics, Second Edition*. v. 11. Oxford: Elsevier, 2006. p. 716–722

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito linguístico. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (org.). *Dicionário*: Rumo à Civilização da Religação e ao Bem-viver. Fortaleza: Editora UECE, 2021. p. 117-120.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Linguístico*, n. 1, jul-dez, 1998, p. 45-71.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: *Usos da Linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 71-78.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, v. 26, 331–357, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius; YACOVENCO, Lilian Coutinho. Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. *Diadorim*, v. 20, n. especial, p. 428-457, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony Julius. *Nós* e *a gente* no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. *Estudos de lingüística galega*, v. 1, p. 13-27, 2018.

SENE, Marcus Garcia de. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304-323, 2019.

SHAEFFER, Shirlei Conceição Barth. *Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo*. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SILVA, José Anilton Alves da. *Concordância verbal com o pronome nós na zona rural de Pariconha-AL*. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Maceió, 2021.

SILVA, Cícero da.; CARVALHO, Maria Aparecida Nunes. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala popular de informantes de Martinópolis-TO: considerações preliminares. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA, 1., 2010, São Luís. *Anais* [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010. p. 27-34.

SOUZA, Elaine Cristina Borges de. 2023. 229 f. *Variação Estilística e Identidade*: A Concordância de Número e o Retroflexo na Fala Goiana. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, Sali. *Variationist sociolinguistics*: change, observation, interpretation. Blackwell, 2012.

TESCH, Leila Maria. O sotaque capixaba: um estudo de percepção. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 225-242, 2022.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. *Alfa*: Revista de Linguística, v. 56, n. 2, p. 771-806, 2012.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; FOEGER, Camila Candeias; BENFICA, Samine de Almeida. Nós and A Gente 'we' in Brazilian Portuguese: Effect of Age in Urban and Rural Areas of Espírito Santo. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 24, 2018.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Mavin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WEINREICH, U. *Languages in contact*: findings and problems. With a preface by André Martinet. 7th ed. Paris: Mouton & Co. 1970.

ZILLES, Ana Maria Stahl. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, n. 17, p. 19-53, 2005.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; DA SILVA, Karine Quadros. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30205. Acesso em: 21 abr. 2023.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Um estudo de avaliação e percepção da linguagem

Pesquisadora responsável: Samine de Almeida Benfica
Número do CAAE: 47084721.0.0000.5542

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante. Por favor, leia com atenção e calma. Caso tenha dúvidas, você poderá se comunicar com a pesquisadora responsável pela pesquisa, Samine de Almeida Benfica, enviando e-mail para saminebenfica@gmail.com. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos: É objetivo dessa pesquisa estudar as percepções e atitudes linguísticas de falantes de Vitória e Santa Leopoldina sobre algumas variedades presentes nas falas de indivíduos dessas localidades. Essa proposta se justifica no entendimento de que a maneira como uma comunidade reconhece o próprio jeito de falar compõe característica relevante sobre sua cultura, seu linguajar e suas relações sociais.

Procedimentos: Caso aceite colaborar, sua participação consiste em ouvir quatro áudios curtos e responder a um formulário com perguntas sobre a sua percepção acerca de cada pessoa que fala em cada áudio. O procedimento durará cerca de 10 minutos.

Desconfortos e riscos: Há o risco de você se sentir desconfortável respondendo às questões, apesar de não haver alternativas certas ou erradas, mas você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, mesmo que as questões do formulário sejam indicadas como obrigatórias. Em função das tecnologias utilizadas, há também riscos característicos do ambi-

ente virtual, como falhas de conexão durante o preenchimento do questionário. Para isso, sugere-se que o formulário seja respondido em aparelho com boa conexão de internet. Há também o risco de violação da confidencialidade dos dados, por isso, ao chegar ao número desejável de respostas, a pesquisadora fará download dos dados para um dispositivo eletrônico e apagará todos os registros na nuvem do Google. Caso queira, você poderá contactar a pesquisadora para tirar dúvidas ou solicitar que sua participação na pesquisa seja desconsiderada.

Benefícios: Não há benefícios diretos, porém, indiretamente, você contribuirá para os estudos linguísticos e sociais da sua própria localidade.

Acompanhamento e assistência: Antes, durante ou até o término da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa.

Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e de que nenhuma informação identificada será dada a outras pessoas. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização: Você terá a garantia do direito de ressarcimento, caso tenha alguma despesa ao participar dessa pesquisa, e do direito de buscar indenização, diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Em caso de dúvidas ou informações adicionais sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo estudo Samine de Almeida Benfica, pelo endereço Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, nº 540, no Prédio Bárbara Weinberg, sala do Portvix, 306, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910, no e-mail samine-benfica@gmail.com, telefone (27) 99856-0477 (celular). É recomendável que você salve uma cópia desse Termo, para que você possa também acessá-lo depois. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo, *campus* Goiabeiras, situado na Avenida Fernando Ferrari, nº 540, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória/ES, CEP 29.075-910, telefone: (27) 4009-7840, e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

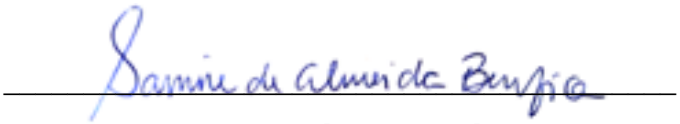
Consentimento livre e esclarecido

Caso concorde em participar dessa pesquisa, seu consentimento se dará quando você assinalar o campo "Sim, aceito participar", na página inicial do questionário, antes de começar a respondê-lo.

Responsabilidade do Pesquisador

Asseguro ter cumprido as exigências do Ofício Circular n.º 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, e da Resolução n.º 510 CNS/MS, de 07 de abril de 2016, na elaboração deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: 27 de setembro de 2021.



(Assinatura do pesquisador)

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO – VITÓRIA

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO
VITÓRIA-ES

n. º

PARTE I – DADOS DOS PARTICIPANTES

1) Sexo/gênero
   - ☐ Masculino
   - ☐ Feminino

2) Com o que você se ocupa atualmente? _____

3) Qual é a sua idade? _____

4) Até que série você estudou? (*deixar a pergunta aberta, e assinalar conforme resposta*)
   - ☐ Ensino fundamental
   - ☐ Ensino médio
   - ☐ Ensino superior

5) Município onde reside:
   - ☐ Vitória-ES
   - ☐ Santa Leopoldina-ES

6) Bairro/região distrital onde reside: _____

PARTE II – QUESTÕES ABERTAS DE AVALIAÇÃO

1) Eu gostaria de saber o que você acha sobre o seu próprio jeito de falar no dia a dia, com as pessoas que você convive. Você teria alguma opinião sobre o seu próprio jeito de falar?

2) Você tem orgulho do seu jeito de falar?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

3) Pelas vivências que você já teve, você nota diferenças entre o jeito de falar de pessoas que moram que moram em Vitória e de pessoas que moram em áreas rurais?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

4) Se sua resposta anterior foi sim, me diga como você acha que é o jeito de falar das pessoas daqui de Vitória e das pessoas que moram em áreas rurais.

5) De qual jeito de falar você gosta mais: do de Vitória, do jeito das pessoas do interior ou não faz diferença pra você?
   - ☐ De Vitória
   - ☐ Do interior
   - ☐ Não faz diferença

6) Há algum motivo para a sua resposta à pergunta anterior? (*geralmente as pessoas já emendam com a resposta anterior, então pular essa, se for este o caso*)

7) Você acha que as pessoas de fora (*fora de Vitória, ou fora do Espírito Santo*) acham diferente o jeito de falar de onde você mora?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

8) Se a resposta anterior foi Sim, por quê?

9) Você acha que alguma vez você tentou mudar seu jeito de falar para se sentir mais à vontade, mais adequada, em alguma situação? Se sim, em que ocasião? O que exatamente você acha que mudou?

Agora eu vou te fazer uma série de perguntas sobre algumas frases, e eu vou pedir que você me diga o que você acha sobre elas e se as pessoas de Vitória falam assim.

10) O que você acha desse modo de falar: "**ELES BRINCA** o dia inteiro"? (*dar ênfase para a pessoa perceber que o verbo está no singular*)

11) As pessoas de Vitória falam assim?

12) O que você acha desse modo de falar: "**NÓS GOSTA** de reunir a família"?

13) As pessoas de Vitória falam assim?

14) O que você acha desse modo de falar: "Nesse fim de semana, **NÓS VAI** visitar nossos primos"?

15) As pessoas de Vitória falam assim?

PARTE III – QUESTÕES DE AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO

16) Agora eu vou falar várias frases, e você vai me dizer se por aqui as pessoas falam desse jeito também. Lembra que não há resposta certa ou errada, é apenas para saber se você ouve desse jeito de falar em Vitória.

(*Essas frases podem ser faladas de duas em duas, para que a pessoa perceba que tem duas formas diferentes, e pense quais ela acha possível que sejam faladas, e quais ela ache improvável. Se for o caso, usar a expressão OU. Por ex.: Você acha que em Vitória as pessoas falam "eles ganharam" ou "eles ganhou"? ou "das duas formas?"*)

- ☐ Eles COMEM de tudo.
- ☐ Eles COME de tudo.

- ☐ Eles FALAM demais.
- ☐ Eles FALA demais.

- ☐ Eles DÃO um jeito nisso.
- ☐ Eles DÁ um jeito nisso.

- ☐ Eles GANHARAM o jogo de 3 a 1.
- ☐ Eles GANHOU o jogo de 3 a 1

Agora vou falar mais frases também, e você vai me responder da mesma forma.

- A GENTE FALOU pra ele.
- NÓS FALAMOS pra ele.
- NÓS FALOU pra ele.

- A GENTE CONVERSA com ele todos os dias.
- NÓS CONVERSAMOS com ele todos os dias.
- NÓS CONVERSA com ele todos os dias.

- A GENTE VAI ALMOÇAR agora.
- NÓS VAMOS ALMOÇAR agora.
- NÓS VAI ALMOÇAR agora.

- A GENTE FOI VISITAR nossa tia.
- NÓS FOMOS VISITAR nossa tia.
- NÓS FOI VISITAR nossa tia.

- A GENTE TINHA que ir pra escola.
- NÓS TÍNHAMOS que ir pra escola.
- NÓS TINHA que ir pra escola.

- A GENTE TEM muitas preocupações.
- NÓS TEMOS muitas preocupações.
- NÓS TÊM muitas preocupações.

- A GENTE FAZ muita coisa.
- NÓS FAZEMOS muita coisa.
- NÓS FAZ muita coisa.

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO – SANTA LEOPOLDINA

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO
SANTA LEOPOLDINA-ES

n. º

PARTE I – DADOS DOS PARTICIPANTES

1) Sexo/gênero
   - ☐ Masculino
   - ☐ Feminino

2) Com o que você se ocupa atualmente? _____

3) Qual é a sua idade? _____

4) Até que série você estudou? (*deixar a pergunta aberta, e assinalar conforme resposta*)
   - ☐ Ensino fundamental
   - ☐ Ensino médio
   - ☐ Ensino superior

5) Município onde reside:
   - ☐ Vitória-ES
   - ☐ Santa Leopoldina-ES

6) Bairro/região distrital onde reside: _____

7) Você tem contato com alguma língua de imigração?
   - ☐ Não
   - ☐ Sim, tenho contato, mas não falo e nem entendo
   - ☐ Sim, tenho contato, mas não falo, só entendo
   - ☐ Sim, tenho contato e falo de vez em quando
   - ☐ Sim, tenho contato e falo no dia a dia

8) Se a resposta anterior for Sim, com qual(quais) língua(s) de imigração você tem contato? (*identificar quais línguas e se a pessoa fala no dia a dia, de vez em quando, ou se só entende etc.)*

_____

PARTE II – QUESTÕES ABERTAS DE AVALIAÇÃO

1) Eu gostaria de saber o que você acha sobre o seu próprio jeito de falar no dia a dia, com as pessoas que você convive. Você teria alguma opinião sobre o seu próprio jeito de falar?

2) Você tem orgulho do seu jeito de falar?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

3) Pelas vivências que você já teve, você nota diferenças entre o jeito de falar de pessoas que moram na área rural de Santa Leopoldina e de pessoas que moram em Vitória, a capital do Espírito Santo?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

4) Se sua resposta anterior foi sim, me diga como você acha que é o jeito de falar das pessoas da área rural de Santa Leopoldina e como é o jeito de falar das pessoas de Vitória.

5) De qual jeito de falar você gosta mais: do jeito da sua região, do jeito de pessoas de Vitória ou não faz diferença pra você?
   - ☐ Das pessoas da minha região
   - ☐ Das pessoas de Vitória-ES
   - ☐ Não faz diferença

6) Há algum motivo para a sua resposta à pergunta anterior? (*geralmente as pessoas já emendam com a resposta anterior, então pular essa, se for este o caso*)

7) Você acha que as pessoas de fora (*fora daqui de Santa Leopoldina, ou fora do Espírito Santo*) acham diferente o jeito de falar de onde você mora (*Santa Leopoldina, interior*)?
   - ☐ Sim
   - ☐ Não

8) Se a resposta anterior foi Sim, por quê?

9) Você acha que alguma vez você tentou mudar seu jeito de falar para se sentir mais à vontade, mais adequada, em alguma situação? Se sim, em que ocasião? O que exatamente você acha que mudou?

Agora eu vou te fazer uma série de perguntas sobre algumas frases, e eu vou pedir que você me diga o que você acha sobre elas e se as pessoas de Santa Leopoldina falam assim.

10) O que você acha desse modo de falar: "**ELES BRINCA** o dia inteiro"? (*dar ênfase para a pessoa perceber que o verbo está no singular*)

11) As pessoas de Santa Leopoldina falam assim?

12) O que você acha desse modo de falar: "**NÓS GOSTA** de reunir a família"?

13) As pessoas de Santa Leopoldina falam assim?

14) O que você acha desse modo de falar: "Nesse fim de semana, **NÓS VAI** visitar nossos primos"?

15) As pessoas de Santa Leopoldina falam assim?

PARTE III – QUESTÕES DE AVALIAÇÃO E PERCEPÇÃO

16) Agora eu vou falar várias frases, e você vai me dizer se por aqui as pessoas falam desse jeito também. Lembra que não há resposta certa ou errada, é apenas para saber se você ouve desse jeito de falar em Santa Leopoldina.

(*Essas frases podem ser faladas de duas em duas, para que a pessoa perceba que tem duas formas diferentes, e pense quais ela acha possível que sejam faladas, e quais ela ache improvável. Se for o*

caso, usar a expressão OU. Por ex.: Você acha que em Santa Leopoldina as pessoas falam "eles ganharam" ou "eles ganhou"? ou "das duas formas?")

- ☐ Eles COMEM de tudo.
- ☐ Eles COME de tudo.

- ☐ Eles FALAM demais.
- ☐ Eles FALA demais.

- ☐ Eles DÃO um jeito nisso.
- ☐ Eles DÁ um jeito nisso.

- ☐ Eles GANHARAM o jogo de 3 a 1.
- ☐ Eles GANHOU o jogo de 3 a 1

Agora vou falar mais frases também, e você vai me responder da mesma forma.

- ☐ A GENTE FALOU pra ele.
- ☐ NÓS FALAMOS pra ele.
- ☐ NÓS FALOU pra ele.

- ☐ A GENTE CONVERSA com ele todos os dias.
- ☐ NÓS CONVERSAMOS com ele todos os dias.
- ☐ NÓS CONVERSA com ele todos os dias.

- ☐ A GENTE VAI ALMOÇAR agora.
- ☐ NÓS VAMOS ALMOÇAR agora.
- ☐ NÓS VAI ALMOÇAR agora.

- ☐ A GENTE FOI VISITAR nossa tia.
- ☐ NÓS FOMOS VISITAR nossa tia.
- ☐ NÓS FOI VISITAR nossa tia.

- ☐ A GENTE TINHA que ir pra escola.
- ☐ NÓS TÍNHAMOS que ir pra escola.
- ☐ NÓS TINHA que ir pra escola.

- ☐ A GENTE TEM muitas preocupações.
- ☐ NÓS TEMOS muitas preocupações.
- ☐ NÓS TÊM muitas preocupações.

- ☐ A GENTE FAZ muita coisa.
- ☐ NÓS FAZEMOS muita coisa.
- ☐ NÓS FAZ muita coisa.

APÊNDICE D – QUADRO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS – SANTA LEOPOLDINA/ES

Quadro 7 – Perfil dos participantes de Santa Leopoldina/ES

Partici-pante	Sexo	Estudos	Idade	Ocupação	Comunidade	Língua de imigração
1	Feminino	Fundamental completo	50	Auxiliar de Serviços Gerais	Suíça/Funil	Sim, tem contato com pomerano e alemão, e fala de vez em quando alemão
2	Feminino	Médio completo	53	Comerciante	Funil/Suíça	Não
3	Feminino	Superior completo	34	Professora séries iniciais e AEE	Rio das Pedras	Sim, tem contato e fala pomerano no dia a dia
4	Feminino	Médio completo	51	Trabalha com granito/dona de casa	Rio das Pedras	Sim, tem contato e fala no dia a dia pomerano e alemão
5	Masculino	Médio completo	29	Lavrador	Rio das Pedras	Sim, pomerano, mas não sabe falar, só entende
6	Masculino	Superior incompleto	23	Estudante e Administrativo na Secretaria de Meio Ambiente	Centro	Não
7	Masculino	Superior incompleto	54	Servidor Incaper	Centro	Não
8	Feminino	Médio completo	32	Auxiliar Administrativo Secretaria do Meio Ambiente	Centro	Não
9	Masculino	Superior incompleto	22	Estudante e Estágio	Centro	Não
10	Feminino	Médio incompleto	18	Estudante/ Estagiária na Secretaria Meio Ambiente	Córrego Nove horas/ Centro	Não
11	Feminino	Superior completo	35	Administrativo Secretaria Meio Ambiente	Centro	Não
12	Feminino	Superior completo	36	Gestão da Secretaria de Meio Ambiente	Centro	Não
13	Feminino	Superior completo	40	Administrativo Secretaria Meio Ambiente	Centro	Não
14	Feminino	Médio completo (primeiro período do ensino	18	Estudante	Santo Antônio	Não

		superior)				
15	Feminino	Médio completo	22	Produtora rural e atravessadora de verdura	Caramuru	Sim, pomerano, mas não entende
16	Feminino	Médio incompleto	18	Estudante	Mangaraí	Não
17	Feminino	Médio incompleto	41	Auxiliar de Serviços Gerais	Mangaraí	Não
18	Masculino	Fundamental incompleto	50	Agricultor	Mangaraí	Não
19	Masculino	Superior	42	Técnico em Assuntos Educacionais	Caramuru	Sim, fala pomerano
20	Masculino	Fundamental incompleto	62	Aposentado – trabalhava fazendo asfalto	Retiro	Não
21	Feminino	Fundamental incompleto	51	Monitora escolar	Rio do Meio	Não
22	Feminino	Fundamental completo	57	Aposentada/ Funcionária pública	Barra de Mangaraí	Não
23	Feminino	Médio completo	30	Manicure	Caramuru	Sim, fala pomerano
24	Feminino	Superior completo	42	Professora	Retiro	Não
Família {B}	Gravação de conversa com vários membros da família {B}, sem estratificação de cada participante					

APÊNDICE E – QUADRO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA DE ATITUDES LINGUÍSTICAS – VITÓRIA/ES

Quadro 8 – Perfil dos participantes de Vitória/ES

Participante	Sexo	Estudos	Idade	Ocupação	Bairro
1	Feminino	Médio completo	83	Aposentada - dona de casa	Maria Ortiz
2	Masculino	Fundamental incompleto	75	Caminhoneiro - aposentado	Maria Ortiz
3	Masculino	Superior incompleto	34	Técnico de Enfermagem	Jardim da Penha
4	Feminino	Superior incompleto	21	Estudante/ Auxiliar de farmácia	Centro
5	Masculino	Médio completo (cursando ensino técnico)	22	Estudante/ Motoboy	Centro
6	Feminino	Superior incompleto	20	Estudante Tecnólogo Análise e Desenvolvimento de Sistemas/ Trabalha na área	Inhanguetá
7	Feminino	Superior completo	54	Professora	Inhanguetá
8	Feminino	Superior completo	53	Gerente administrativo	Inhanguetá
9	Masculino	Superior completo	34	Professor	Inhanguetá/ Jardim da Penha
10	Masculino	Médio completo	27	Desempregado	Maria Ortiz
11	Feminino	Superior completo	32	Auxiliar Administrativo, servidora pública	Jardim Camburi
12	Masculino	Superior completo	33	Engenheiro	Mata da Praia
13	Masculino	Superior incompleto	21	Estudante/Comunicação Social	Centro